



**EACH**

Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
da Universidade de São Paulo

As transformações no carnaval da cidade de Rio Claro entre a

década de 1920 até os dias atuais.

**As transformações no carnaval da cidade de Rio Claro**

**entre a década de 1920 até os dias atuais.**

Débora de Freitas Baungartner

Débora de Freitas Baungartner

Débora de Freitas Baungartner

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Artes, Ciências e  
Humanidades da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Bacharel em  
Lazer e Turismo, sob orientação da Prof.  
Dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

São Paulo

São Paulo

2011

2011

**EACH**

Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
da Universidade de São Paulo

## **As transformações no carnaval da cidade de Rio Claro entre a década de 1920 até os dias atuais.**

Débora de Freitas Baungartner

Débora de Freitas Baungartner

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Artes, Ciências e  
Humanidades da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Bacharel em  
Lazer e Turismo, sob orientação da Prof.  
Dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

Aprovado por:

Prof. Dra. Valéria Barbosa de Magalhães – Orientadora

Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo-Pa  
São Paulo

Prof. Dr. José Roberto Yasoshima  
2011



# EACH

Escola de Artes, Ciências e Humanidades  
da Universidade de São Paulo

## **As transformações no carnaval da cidade de Rio Claro entre a década de 1920 até os dias atuais.**

Débora de Freitas Baungartner

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Artes, Ciências e  
Humanidades da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Bacharel em  
Lazer e Turismo, sob orientação da Prof.  
Dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

Aprovado por:

Prof. Dra. Valeria Barbosa de Magalhães – Orientadora

Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco

Prof. Dr. José Roberto Yasoshima

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e amparo que encontrei nos momentos mais difíceis.

Agradeço a Escola de Artes, Ciências e Humanidades por todas as oportunidades que me trouxe, por todos os caminhos que me abriu e por todos os amigos que fiz.

Agradeço a minha orientadora Valéria Barbosa Magalhães, pela seriedade e disciplina com que conduziu meu trabalho, e pelos ensinamentos e recomendações que levarei para a vida.

Agradeço a minha professora Kelly Naiara da Silva Rosário, por me trazer desde o Ensino Fundamental o gosto pela língua portuguesa e por ter corrigido o meu trabalho com tanto carinho.

Agradeço aos meus pais Sergio e Susy, por lutarem desde o começo pela minha educação e serem os maiores responsáveis pela minha formatura hoje.

Agradeço ao meu irmão Flávio pelo companheirismo e apoio, além de me ceder o computador e resolver problemas tecnológicos para a realização deste trabalho quando necessitei.

Agradeço ao meu namorado Vítor, que além de me ajudar na transcrição das entrevistas, teve paciência no decorrer da minha graduação para estar ao meu lado sempre que precisei.

Agradeço aos meus avós, Nadir e Umbelina, Álvaro e Dirce, pela acolhida, disponibilidade e exemplo de vida que me proporcionaram. No presente trabalho agradeço especialmente ao meu avô Álvaro, o ilustre 'Cobrão', por ser tão dedicado ao carnaval de Rio Claro, fato que me envolveu desde pequena nesta festa que hoje escolhi como tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço à minha prima Marina, por intermediar diversas entrevistas necessárias ao meu trabalho e por me acolher em sua casa em épocas de pesquisa de campo.

Agradeço a todos meus familiares que contribuíram para a execução deste trabalho.

Agradeço à minha família da faculdade, aquelas com quem dividi angústias e sorrisos: Gabriela Carvalho, Jéssica, Rachel, Gabriela Haiashida, Flávia Collaço, Lia, Renata, Iolanda, Flávia Oliveira, Mariana.

Agradeço a todos os meus colegas de Lazer e Turismo, que tornaram o dia-a-dia em sala de aula mais agradável e proporcionaram momentos dentro e fora de classe que serão guardados pra sempre na memória. Em especial Nathália e Rafaella, pelas risadas e trabalhos intermináveis.

Agradeço a todos os meus professores, em especial àqueles que compõem minha banca: Reinaldo Pacheco e José Roberto Yasoshina, que com sabedoria e dedicação ministraram as aulas que engrandeceram a minha vida acadêmica e traçaram o caminho do profissionalismo.

Agradeço aos meus entrevistados por cederem seu tempo e histórias, e por contribuírem para este trabalho com relatos valiosos de suas experiências de vida.

*"Vem pra minha ala que hoje a nossa escola vai desfilar  
Vem fazer história que hoje é dia de glória nesse lugar..."*

*(Tribalistas)*

## Resumo

O presente trabalho tem como tema a preservação da memória e a evolução que o carnaval na cidade de Rio Claro tem sofrido como recurso cultural. Ou seja, pretende analisar a festa cultural como tradição para a cidade e sua relação com os moradores, a partir de conceitos sobre o carnaval no país, na cidade e sobre recursos culturais e patrimônio imaterial. Pretende-se, pois, analisar a relação entre o povo com a festa popular e qual a identidade resultante desta comemoração. Resgatando essa memória, o presente estudo objetiva analisar quais as mudanças ocorridas desde a década de 1920, retratando a 'nova face' do carnaval construída a partir do festejo de hoje em dia. O intuito do projeto é que, através da memória da população, sejam resgatados aspectos do Carnaval da cidade que não estão registrados em documentos e que sejam trazidas informações novas quanto à importância da festa no local.

**Palavras-chave:** carnaval, Rio Claro, escolas de samba, história oral, memória.

***“Vem pra minha ala que hoje a nossa escola vai desfilar  
Vem fazer história que hoje é dia de glória nesse lugar...”***

***(Tribalistas)***

## Resumo **Figuras**

O presente trabalho tem como tema a preservação da memória e a evolução que o carnaval na cidade de Rio Claro tem sofrido como recurso cultural. Ou seja, pretende analisar a festa cultural como tradição para a cidade e sua relação com os moradores, a partir de conceitos sobre o carnaval no país, na cidade e sobre recursos culturais e patrimônio imaterial. Pretende-se, pois, analisar a relação entre o povo com a festa popular e qual a identidade resultante desta comemoração. Resgatando essa memória, o presente estudo objetiva analisar quais as mudanças ocorridas desde a década de 1920, retratando a 'nova face' do carnaval construída a partir do festejo de hoje em dia. O intuito do projeto é que, através da memória da população, sejam resgatados aspectos do Carnaval da cidade que não estão registrados em documentos e que sejam trazidas informações novas quanto à importância da festa no local.

Figura 10.....	54
Figura 11.....	58
Palavras-chave: carnaval, Rio Claro, escolas de samba, história oral, memória.....	58
Figura 13.....	60
Figura 14.....	60
Figura 15.....	62
Figura 16.....	63
Figura 17.....	63

## Lista de Figuras

Figura 1.....	43
Figura 2.....	45
Figura 3.....	46
Figura 4.....	47
Figura 5.....	47
Figura 6.....	48
Figura 7.....	49
Figura 8.....	51
Figura 9.....	53
Figura 10.....	54
Figura 11.....	58
Figura 12.....	58
Figura 13.....	60
Figura 14.....	60
Figura 15.....	62
Figura 16.....	63
Figura 17.....	63
Periódicos consultados.....	114
Websites consultados.....	115
Apêndice.....	117
Modelo da Carta de cessão.....	117

## Sumário

Introdução .....	9
Capítulo 1 - O carnaval brasileiro .....	16
O início e desenrolar do festejo.....	16
Entendendo o funcionamento de uma escola de samba .....	28
O carnaval como atrativo turístico brasileiro.....	31
Capítulo 2 - Carnaval na cidade de Rio Claro.....	40
Objeto de pesquisa e metodologia utilizada.....	40
A linha do tempo do carnaval rio-clarense.....	42
Análise das entrevistas .....	69
Origem das escolas de samba de Rio Claro .....	73
Envolvimento dos foliões.....	79
Financiamento .....	84
Evolução do carnaval rioclarense.....	89
Atrativos do carnaval rio-clarense.....	93
Entrevista com Sr. Ricardo Barros.....	98
Considerações finais.....	105
Referências Bibliográficas .....	111
Periódicos consultados .....	114
Websites consultados .....	115
Apêndice .....	117
Modelo da Carta de cessão.....	117

## Introdução

O Brasil é um país conhecido por diversas características, mas entre elas, destacam-se duas: futebol e carnaval. O Brasil, tido como o 'país do carnaval', prepara-se de diversos modos, todos os anos, para a festividade mais importante do país, dependendo da região na qual está situado. A diversidade de representação do carnaval varia de cidade a cidade, de estado a estado e, às vezes, até de rua para rua. Existe o carnaval de Pernambuco, com seus frevos e fitas coloridas; o carnaval de Salvador, com seus trios elétricos enchendo as ruas; o carnaval de Olinda, com seus bonecos desengonçados e gigantes; o carnaval de São Luiz do Paraitinga que revive histórias carnavalescas com suas famosas marchinhas; o carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo com o espetacular desfile das escolas de samba; o carnaval do interior de Minas Gerais, com seus blocos de foliões desesperados por diversão.

No presente estudo, o objeto de pesquisa é o carnaval da cidade de Rio Claro, uma cidade do interior do Estado de São Paulo, que possui a "tradição"<sup>1</sup> do desfile de escolas de samba. Portanto, este trabalho tem como tema central o carnaval de escolas de samba, apresentação para a qual a preparação acontece o ano inteiro e não somente no período carnavalesco. Levando-se em consideração a história das escolas de samba da cidade, a pesquisa pretende resgatar a memória dos primeiros carnavais, pressupondo que o carnaval que existe hoje seja consequência de uma evolução dos carnavais antigos ocorrida, principalmente, por causa da própria mudança nos costumes da sociedade rio-clareense.

O trabalho tem então, como objetivo geral, resgatar a história do carnaval na cidade de Rio Claro, verificando se tal festividade consiste em uma manifestação da cultura de uma comunidade. Dentro deste objetivo geral, encontram-se ainda objetivos

---

<sup>1</sup>O conceito tradição é tido como variável por alguns pesquisadores: "A tradição neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do "costume", vigente nas sociedades ditas "tradicionais". O objetivo e a característica das "tradições", inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O "costume", nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência a inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história." (HOBSBAWN, 2008, p.10). Pode verificar nessa obra de Hobsbawn ainda, o questionamento de outros conceitos como "autêntico", "costume". No presente estudo não entraremos nessa discussão, utilizando o conceito de "tradição" para designar manifestações antigas que perduraram durante anos e influenciam manifestações atuais, deixando tal problemática para ser tratada com mais profundidade em outras pesquisas.

específicos como: identificar elementos que compõem a história do carnaval; avaliar a imagem que os moradores têm do objeto de pesquisa; identificar os recursos culturais do carnaval; e verificar se houve mudança entre o carnaval de antigamente e o atual na cidade.

Levando em conta tais objetivos, aparecem duas hipóteses, considerando-se a relação que os moradores apresentam para com o festejo: a primeira é de que o carnaval do município de Rio Claro se modificou com o passar dos anos e que tal evolução deve-se à integração dos próprios moradores que foram, aos poucos, perpetuando a cultura da festividade e inserindo tecnologias próprias de cada geração. Essa hipótese deve-se aos relatos prévios de alguns moradores (parentes da própria pesquisadora), que contam sobre como o carnaval de antigamente era baseado na disputa de carros alegóricos; conforme a comunidade participativa foi crescendo, estes se foram tornando escolas de samba. A segunda hipótese é de que os moradores têm forte ligação com o carnaval da cidade. A cada ano mais pessoas tornam-se membros ativos das escolas de samba locais e disponibilizam-se a participar dos preparativos da grande festa carnavalesca. O número de pessoas desfilando tem crescido e com isso a aproximação das pessoas com a festa que, identificando-se, julgam-na de grande importância para a cidade. De acordo com matérias nos jornais locais, como Diário do Rio Claro e Jornal Cidade, ano a ano os números tem crescido:

A maratona carnavalesca, que começou com a micareta no Lago Azul, no sábado passado, totaliza 25 eventos oficiais. A expectativa da Comissão Organizadora do Carnaval (COC) é um giro de 110 mil pessoas nos 3 dias de desfiles. A infraestrutura montada na avenida nunca foi tão grande. (SALLES, 05/mar/2011, p.3)<sup>2</sup>

O tema em questão é, pois, apresentado para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Lazer e Turismo, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. A análise de elementos e materiais da mídia da cidade, de relatos e depoimentos de moradores de Rio Claro, foliões e colaboradores do carnaval através da história oral foram abordados à luz de uma fundamentação bibliográfica que consolidasse uma significativa experiência acadêmica.

---

<sup>2</sup> SALLES, Rodrigo. **Radar Cultural: Carnaval de RC é maior do que a avenida**. Jornal Cidade. Ano LXXVI. Ed. n. 23.802, Rio Claro, 05/mar/2011. p. A-3.

A escolha do tema foi feita em consideração à proximidade da pesquisadora com o assunto: sempre participei ativamente das festividades carnavalescas da cidade de Rio Claro, presenciei algumas mudanças e estive informada através de histórias de familiares. Pelo contato com o tema da pesquisa, fiquei interessada em analisar essa evolução no meu trabalho de conclusão de curso na área de turismo, visto que, com o crescimento e mudanças do carnaval, o turismo toma novas dimensões na cidade rio-clarense.

Devido à grande abrangência da festividade do carnaval em todo o país, pesquisas mais detalhadas e focadas em um segmento específico são necessárias para um maior aprofundamento. Muitos aspectos relacionados ao desfile das escolas de samba do Brasil e da cidade de Rio Claro estão guardados no conhecimento de seu povo, de seus integrantes. Faz-se necessário, então, um levantamento dessa memória para que a história desse carnaval possa começar a ser contada. A partir de depoimentos e relatos, além de pesquisa bibliográfica, surgirá um novo modo de enxergar o carnaval, de uma outra perspectiva, e não somente aquela do espectador, ou seja, a visão que está no imaginário da maioria dos brasileiros.

Ademais, sabe-se que o carnaval causa movimentação de capital, e não em pequenas parcelas. A chamada indústria do carnaval interfere na economia de todo o país e gera milhares de empregos, sem contar com os benefícios indiretos. (BRANDÃO, 1998, p.22). Um desses benefícios comprovadamente acelerados no carnaval é a atividade turística, principalmente dependendo da data em que ele acontece ano após ano. A própria explicação desta mobilidade da data remonta às origens carnavalescas. Porém este quesito 'turismo' é um assunto tratado em momento mais adiante nessa pesquisa.

A relação entre pesquisa e pesquisador é tratada por Queiroz (1992, p.22) em uma obra onde o mesmo tema é colocado em estudo: carnaval. A autora levanta o questionamento entre os pontos positivos e os negativos do estudo engajado, alegando que a parcialidade pode ser benéfica para estudar-se a fundo o tema em questão, ou maléfica, quando não se consegue enxergar clarezas nos resultados devido às experiências prévias.

Toca-se aqui num problema muito discutido em sociologia e antropologia: o das relações entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa.

Deve ele manter-se numa atitude de frieza em relação a este último, como se lhe fosse totalmente estranho? Ou, ao contrário, deve aderir efetivamente ao mesmo para penetrar no seu interior, embebendo-se o mais possível em sua atmosfera e nos sentimentos que suscita? Meu caso era da segunda alternativa, pois de início conhecera o Carnaval pelo lado das emoções que desperta e também pelo lado dos detalhes comuns de sua realização efetiva. Praticando o Carnaval desde a infância, conhecia a forte sensação de, por meio dele, penetrar numa realidade diferente daquela de todos os dias (as velhas marchinhas e os sambas carnavalescos despertam ainda, mesmo fora do período festivo, a emoção exaltante que leva à dança). O tema do Carnaval deveria, portanto, ser proibido para mim, pois não saberia guardar diante dele a imparcialidade, a frieza que a pesquisa exigiria, diriam os adeptos do primeiro procedimento atrás mencionado.

Sabe-se também que o estudo engajado pode falsear as reflexões do pesquisador, fazendo-o encarar o objeto de sua investigação através de uma primeira avaliação que suscita um esboço interpretativo em geral implícito, o qual pode truncar todo o raciocínio e todas as conclusões. No caso da observação participante, um outro perigo vem juntar-se a este: o pesquisador só participa de um setor do real e somente pode dominar a este, quer se trate da sociedade ou do da cultura; capta o real através de sua posição na configuração social, o que limita a visão a somente uma parte dele – e, todavia, acredita que captou a totalidade... (QUEIROZ, 1992, p.22)

Contudo, a própria autora supracitada acredita que atualmente não existem mais estudos que não sejam engajados. Que, de certa forma, o pesquisador já tem uma relação diferenciada com o objeto de pesquisa ao escolhê-lo.

São, pois, sempre engajados os pesquisadores brasileiros, embora muitas vezes não tenham disso consciência. No próprio momento em que escolhem um objeto de estudo que aparentemente lhes é indiferente, oculto nele está seu país, que buscam compreender e melhorar. Os pesquisadores parecem incapazes de quebrar o círculo mágico da fascinação pelo próprio país, o qual os conserva sempre encadeados aos seus problemas...

Felizmente, a atitude de afastamento do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo é hoje considerada ultrapassada: a implicação do pesquisador naquilo que estuda é inevitável. (...) Todo pesquisador é um pesquisador engajado; torna-se necessário que disso tome consciência, assim como das dificuldades que tal posição encerra. (QUEIROZ, 1992, p.23)

O presente trabalho tem, pois, como questão norteadora a preservação da memória do carnaval de Rio Claro, e as transformações que ele sofreu, desde a década de 1920 até os dias atuais e sua identificação com os moradores da cidade e pessoas que participam ativamente da festa. Busca-se verificar como a evolução se deu, partindo da hipótese de que o carnaval de antigamente não tinha os mesmos moldes do carnaval dos dias de hoje. O trabalho pretende estreitar a relação dos moradores com a festa popular, através de um maior conhecimento do próprio passado por aqueles que vivenciam o carnaval todos os dias.

Sabe-se que o carnaval revela as influências que o país recebeu desde sua colonização; que as transformações ocorridas nas manifestações carnavalescas não significam um rompimento com todos os seus elementos originais – e é assim que se instaura uma tradição. O carnaval revela as influências que o país recebeu desde sua colonização. O confete e a serpentina, por exemplo, existem devido às práticas antigas, como o entrudo, que consistia em arremesso de líquidos e pós nos outros. Quanto às fantasias, elas vêm dos bailes de máscaras realizados em Paris e perpetuados, por exemplo, em histórias clássicas da literatura universal como *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Muitos elementos que compõem o carnaval atual revelam traços de uma história que transcende à sua temporalidade, incluindo o carnaval na cidade de Rio Claro.

Para execução da pesquisa de campo, além da análise de jornais e revistas encontrados tanto no arquivo familiar da pesquisadora quanto no Arquivo Público Municipal, será utilizado o método da história oral. A escolha por tal metodologia é viável para este tema porque possibilita a inclusão da memória e do sujeito ativo, crítico e participativo como compositor de sua própria história. Pela oralidade os sujeitos resgatam uma parte de sua realidade, mas, ao fazê-lo manifestam uma faceta coletiva, a experiência do grupo social a que pertencem. Na história oral, a memória não é uma experiência pessoal; ela é um elemento consciente de processo e prática de sociabilidade, construídos nos limites de um contexto sócio-histórico e, por isso, acaba por transcender ao próprio sujeito que a revela.

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (PORTELLI, 1996, p. 33)

Nos capítulos seguintes será abordada então a história do carnaval brasileiro, e principalmente a história do carnaval rio-clarense. Através de pesquisas bibliográficas pode-se ver as semelhanças do carnaval brasileiro (tendo o Rio de Janeiro como maior referência), e as influências exercidas sobre o carnaval do interior paulista, isto é, como o carnaval ‘geral’ influencia em um ‘específico’. Com os relatos e depoimentos coletados, juntamente com recortes de jornais e revistas contendo informações

importantes, descreve-se também, nos próximos capítulos, a linha do tempo do carnaval de Rio Claro e identificam-se elementos que transformaram o carnaval rio-clarense do que era no passado, para o que é atualmente.

*“O samba, que nasceu no morro, ganhou definitivamente,  
um lugar de destaque no asfalto.”*

*(Revista Fatos e Fotos)*

## Capítulo 1 - O carnaval brasileiro

### *O início e desenrolar do festejo*

A população brasileira conhece o termo carnaval e seu significado, mas a maioria não entende o que o nome significa, nem as origens desta festa hoje considerada tipicamente brasileira. De acordo com Hofling (2006, p.27), a palavra carnaval, no latim "*Carrus navalis*" não tem explicação plausível, contudo, em sua concepção significa: *composição de artistas onde as diferenças sociais são esquecidas*. Já a manifestação do carnaval, que hoje é comemorada de diversas formas, é uma das mais antigas e ricas da história. Apesar da diferença com as festas carnavalescas do Brasil hoje em dia, suas origens foram a mesma; ou melhor, diversas influências de fora deram origem ao carnaval brasileiro, que só então posteriormente se ramificou em diversos modos de executar a brincadeira.

Seu primeiro estilo foram festas e festivais de canto e dança, bastante informais, com exagero e sem censura que aconteciam em toda a parte do mundo: egípcios, hebreus, gregos, bárbaros, romanos. Algumas manifestações foram registradas às margens do Rio Nilo, no Egito antigo, onde os agricultores comemoravam as lavouras com música e dança em volta da fogueira (MEDEIROS, 1998, p.42-43). Segundo o autor, esta foi a primeira excelência do carnaval, seguida pelos tempos chamados de "vício ao Baco", quando a bebida e o sexo foram introduzidos (bacanais e saturnais), dando a ideia de festa profana que ela carrega atualmente. A terceira excelência seria o surgimento das fantasias e carros alegóricos, como atributos de disfarce, quando a Igreja obrigou as pessoas a darem um caráter mais estético no festejo. A fantasia, apesar de ter mudado seu propósito no carnaval atual, persiste até hoje com a ideia de representação de um outro "eu": atualmente seu intuito não é disfarçar, mas representar algo dentro do contexto do enredo.

***“Ó samba, que nasceu no morro, ganhou definitivamente,  
um lugar de destaque no asfalto.”***

Posteriormente à sua origem pagã, no Período Barroco, a nobreza começou a ser incluída no festejo. Segundo Galvão (2009, p.61-63), no (Revista Fatos e Fotos) compreende o os anos de 1763 a 1808, havia cortejos do Estado para exaltar o seu poder.

Galvão (2009, p. 64) prossegue explicando que, então, vieram as festas africanas. *“Chamam-se congos as danças dramáticas de origem africana celebrando a*

## Capítulo 1 - O carnaval brasileiro

### *O início e desenrolar do festejo*

A população brasileira conhece o termo carnaval e seu significado, mas a maioria não entende o que o nome significa, nem as origens desta festa hoje considerada tipicamente brasileira. De acordo com Hofling (2006, p.27), a palavra carnaval, no latim "*Carrus navalis*" não tem explicação plausível, contudo, em sua concepção significa: *composição de artistas onde as diferenças sociais são esquecidas*. Já a manifestação do carnaval, que hoje é comemorada de diversas formas, é uma das mais antigas e ricas da história. Apesar da diferença com as festas carnavalescas do Brasil hoje em dia, suas origens foram a mesma; ou melhor, diversas influências de fora deram origem ao carnaval brasileiro, que só então posteriormente se ramificou em diversos modos de executar a brincadeira.

Seu primeiro estilo foram festas e festivais de canto e dança, bastante informais, com exagero e sem censura que aconteciam em toda a parte do mundo: egípcios, hebreus, gregos, bárbaros, romanos. Algumas manifestações foram registradas às margens do Rio Nilo, no Egito antigo, onde os agricultores comemoravam as lavouras com música e dança em volta da fogueira (MEDEIROS, 1998, p.42-43). Segundo o autor, esta foi a primeira excelência do carnaval, seguida pelos tempos chamados de "culto ao Baco", quando a bebida e o sexo foram introduzidos (bacanaís e saturnálias), dando a idéia de festa profana que ela carrega atualmente. A terceira excelência seria o surgimento das fantasias e carros alegóricos, como atributos de disfarce, quando a Igreja obrigou as pessoas a darem um caráter mais estético ao festejo. A fantasia, apesar de ter mudado seu propósito no carnaval atual, persiste até hoje com a idéia de representação de um outro "eu": atualmente seu intuito não é disfarçar, mas representar algo dentro do contexto do enredo da escola.

Posteriormente à sua origem pagã, no Período Barroco, a nobreza começou a ser inserida no festejo. Segundo Galvão (2009, p.61-63), no tempo dos vice-reis, que compreende o os anos de 1763 a 1808, havia cortejos do Estado para exaltar o seu poder.

Galvão (2009, p. 64) prossegue explicando que, então, vieram as festas africanas. "*Chamam-se congos as danças dramáticas de origem africana celebrando a*

*entronização de um novo rei, disseminadas pelo território brasileiro*". Elas foram responsáveis pela mistura de negros e brancos no festejo. Festas, como a do Divino Espírito Santo, apresentavam bem esta mistura de etnias, pois elas contemplavam tanto o alto cargo quanto o povo. Tinham cunho religioso, fato que, apesar de oposto ao caráter profano do festejo, estava sempre ligado às comemorações: os cortejos incorporavam-se às procissões católicas, dando origem ao congo, maracatu, moçambique, umbigada, rodas de samba.

A primeira forma de expressão registrada que se relaciona com o carnaval dos dias atuais foi o entrudo. A palavra *entrudo* vem do latim *'introitu'*, e quer dizer 'entrada', simbolizando a entrada da Quaresma. Os entrudos eram maneiras de comemoração trazidas pelo povo português, pois os jogos de Entrudo eram tradição de Portugal, onde eles o brincavam de forma 'bagunçada' e 'rebelde'. Assim, como afirma Ferreira (2004, p.74): *"Apesar de muito bem adaptado às terras do Brasil, esse tipo de comemoração (o entrudo) chegou até nós vindo de Portugal onde, como em toda a Europa, havia o costume de se festejar alegremente os últimos dias antes da chegada da Quaresma"*.

Os entrudos eram brincadeiras de carnaval, praticadas com certa agressividade brincalhona, que atingiam todas as camadas da sociedade, desde a nobreza e realeza até os escravos. A essência dos jogos de entrudo era a bagunça e lambança realizada através do arremesso de líquidos e matérias uns nos outros; tudo era permitido: farinha, pós, cinzas, água, perfume, líquidos imundos. Entretanto, o nobre não sofria as mesmas consequências que o escravo a participar dos entrudos. Se a atividade fosse realizada por um nobre perante um escravo, esse teria que ficar quieto, sem revidar, em clima de festa; em hipótese alguma um escravo deveria arremessar algo em um componente da alta classe social.

Embora considerado no século XIX um divertimento brutal e incivilizado – além de condenado por seus efeitos nefastos –, o chamado jogo do Entrudo seria, durante muitos anos, a forma mais difundida de se brincar durante os dias de Carnaval em terras brasileiras. (FERREIRA, 2004, p.74)

Devido a essa diferenciação, surgem no Brasil dois tipos de entrudos: o familiar e o popular. O entrudo familiar acontecia no interior das casas, principalmente da elite brasileira, onde todos os integrantes da moradia participavam atacando uns aos outros com pequenas bolas de cera contendo líquidos perfumados, apelidados de 'limões-de-

cheiro'. A brincadeira começava com um convite para o almoço: as famílias se encontravam e, após a comilança, começava a algazarra – os donos da casa atirando limões-de-cheiro e os convidados revidando com pedaços de pão, restos de frutas. Porém, ninguém se sentia ofendido nem ficava ferido, pois eram brincadeiras de tradição, além de muitos dos jovens aproveitarem para cortejarem àqueles que lhes interessava: as moças atiravam limões-de-cheiro nos rapazes que lhes chamavam a atenção na tentativa de serem notadas, e estes, os rapazes, revidavam vendo a situação do lançamento de limões-de-cheiro como uma oportunidade para tocarem partes do corpo das moças.

Já o entrudo popular tinha um caráter diferente: ele acontecia nas ruas, com a participação do povo da classe mais baixa e escravos, que se divertiam arremessando líquidos e pós uns nos outros, sem pretensão amorosa ou social. A brincadeira era generalizada, inclusive, alguns integrantes da nobreza participavam também do entrudo popular, gerando uma confusão, denominada por FERREIRA (2004, p.94) como “confusão entrudística”.

A divisão entre Entrudo Popular e Familiar não era, entretanto, oficial e nem tão rígida quanto poderia parecer, existindo muitos pontos de contato entre essas duas formas de brincadeira. (FERREIRA, 2004, p.94)

O entrudo tinha, portanto, tornado-se a maneira legítima de festejar o carnaval no Brasil, trazido pelos próprios portugueses colonizadores, contudo, após certo período discriminado. O entrudo começou a ser mal-visto pelas autoridades e o governo decretou a sua proibição alegando a brutalidade de sua brincadeira. Com isso, as pessoas que praticavam o entrudo (pois ele ainda continuou acontecendo por um tempo) eram condenadas, com multas ou prisões. Pode-se perceber este fato no texto de FERREIRA (2004, p.76):

Com tudo isso, as condenações ao Entrudo (das quais já se tem notícia desde 1608) tornam-se cada vez mais comuns. É bom notar, entretanto, que essas censuras dirigem-se quase exclusivamente ao Entrudo Popular, poupando sempre a 'inocente' brincadeira familiar (FERREIRA (2004, p.76).

Com a proibição do entrudo, algo deveria ser feito para a elaboração e propagação de uma outra festa que o substituísse, pois a população continuava praticando o jogo entrudístico. Foi então que a burguesia em ascensão criou uma solução refletindo-se nos modelos europeus, principalmente franceses, de um baile de máscaras ou um baile à fantasia.

A solução imediata para tentar resolver esse 'problema' viria não das autoridades nem das casas senhoriais, mas sim de uma camada social que se fortalecia no país e procurava formas de ocupar seu espaço: a burguesia. É este grupo em ascensão – após as mudanças econômicas acontecidas no mundo a partir da Revolução Francesa e as mudanças políticas ocorridas no Brasil a partir da Independência – que buscará em Paris o que parecia ser o remédio de que o Carnaval de nosso país estava precisando. (FERREIRA, 2004, p.101)

Os bailes começaram a acontecer em território brasileiro, porém não demoraram muito a tornarem-se elitistas. Nos primeiros bailes havia pessoas de todas as classes experimentando o novo tipo de carnaval, mas, com o tempo, a elite comparecia a esses bailes com fantasias mais suntuosas, deixando aqueles que não tinham dinheiro para comprar um adereço carnavalesco que mantivesse o mesmo padrão de luxo com muita vergonha e constrangimento. Por causa disso, as brincadeiras entrudísticas acabaram voltando clandestinamente pelas ruas, como afirma Ferreira (2004, p.101):

Com efeito, na virada para os anos 1850, a situação das brincadeiras carnavalescas no Brasil estava bastante indefinida e o antigo Entrudo parecia longe de ceder seu posto para o novo carnaval dos bailes preparado para substituí-lo (FERREIRA 2004, p.101).

Portanto, ficou claro que os bailes carnavalescos em salões, com foliões mascarados, não eram suficientes para desbancar o entrudo, principalmente o entrudo popular que apresentado durante o baile, confrontava a dignidade, a paz, o canto e a dança. Para que fosse extinto, seria necessária uma brincadeira que ocupasse o espaço dos entrudísticos, ou seja, as ruas. Foi então que mascarados, a caminho dos salões, começaram a antecipar o início da festa desfilando pelas ruas, com suas fantasias, brincando e se divertindo até a chegada ao salão onde a festa de carnaval ocorreria. Surgiam, então, as grandes sociedades. Estes foliões chamaram a atenção do público, indícios de que o carnaval tipicamente brasileiro estava tomando forma.

A partir dessa concepção de 'carnaval em formato brasileiro' é que os desfiles começaram a ganhar destaque: carros enfeitados saíam nas avenidas e ruas, antes tomadas pelos entrudos, enquanto parte da população ficava sentada como mero espectador. Roberto Da Matta (1997, p.53) faz uma comparação entre o desfile de carnaval e a parada militar, pois ambos têm a forma de procissão e são tidos como feriados nacionais. Apesar de comemorações distintas e com diferentes propósitos, alguns aspectos as ligam: são eventos que destoam do cotidiano e aglutinam pessoas, feitos para e pela sociedade.

Porém, como já dito, esses dois eventos possuem uma diferença central: o quesito da formalidade. Da Matta (1997, p.53) explica a classificação para eventos formais e informais. Uma das diferenças citadas é o fato dos formais terem um sujeito como centro e assistência; o caso da parada militar, que venera o próprio país e tem assistência do exército e das forças armadas. Já os informais têm maior flexibilidade de horário e, por isso, é mais difícil de as pessoas perderem o evento por chegarem atrasadas.

Essa divisão entre eventos formais e informais acaba criando rótulos que distinguem ordem e bagunça. Para o senso comum, os eventos formais exigem regras e pessoas comprometidas com o acontecimento, enquanto os eventos informais estão associados a 'baderna' e falta de organização. Contudo, nem sempre é isso que acontece. Eventos formais podem contar com imprevistos e necessitar de organização de última hora, ao passo que eventos informais, mesmo que mais descontraídos podem exigir muita responsabilidade, comprometimento e cronograma. Da Matta (1997, pp.48-49) coloca em questão o carnaval como ponto limite da informalidade, uma válvula de escape para a dura vida cotidiana. Porém, há controvérsias a este ponto de vista.

Queiroz (1992, p.14) afirma em seu texto que sempre presenciou os preparativos da festa carnavalesca e que estes exigem muita força de vontade e dedicação, podendo equiparar-se aos principais eventos do calendário do país.

Carnaval faz parte do triângulo ritual brasileiro que se baseia nas festas mais tradicionais e duradouras do país: Semana da Pátria, Semana Santa e Carnaval; estas formam o tripé das festividades brasileiras, englobando a festa política, a religiosa e a popular. (DA MATTA, 1997, p.73)

Ou seja, mesmo com a ideia de informalidade carnavalesca, a procissão estava tornando-se uma maneira de comemorar o carnaval. Em 1855, uma festa muito mais consistente e organizada estava surgindo: no Rio de Janeiro, realizou-se o primeiro desfile de uma congregação chamada *Congresso das Sumidades Carnavalescas*. Esse grupo foi organizado por uma trupe de amigos, com o intuito de realmente construir um novo, autêntico e 'verdadeiro' carnaval.

Nele destacava-se o novo Carnaval, descrito como a 'ruidosa e frenética alegria' que tomou conta da festa naquele ano, ressaltando-se as ruas apinhadas de gente e a presença de numerosos mascarados. Fechando com chave de ouro os dias de brincadeira, um baile do Teatro São Pedro reuniria, segundo o jornal, mais de cinco mil pessoas de todas as classes, que saudaram ao progresso, à civilização, à abolição do Entrudo antigo, à

imprensa do Brasil e aos chefes de polícia 'que concorreram para a abolição do Entrudo antigo'. (FERREIRA, 2004, p.143)

A cidade do Rio de Janeiro é vista como uma precursora do carnaval de escolas de samba, pois foi nela que os movimentos e ideias nasceram (GALVÃO, 2009, p.89). Hoje muitas cidades, assim como a cidade objeto do presente estudo - Rio Claro, apresentam um carnaval de escolas de samba bem estruturado. Contudo, essas ainda têm o Rio de Janeiro como maior referência de desfile e como “desenhista da história” das escolas de samba, motivo pelo qual se pretende aqui analisar a história das escolas de samba tendo a ‘cidade maravilhosa’ como principal referência.

Com a República proclamada, em 1906, no Rio de Janeiro, foram abertas as avenidas centrais da cidade. Assim como nos desfiles realizados nas cidades da Europa, o *corso* - brincadeira em que a classe privilegiada exibia ricas fantasias sentada em seus carros enfeitados com serpentinas - passou a desfilar nas avenidas. Desfilavam também os cordões e as sociedades, mas o *corso* da elite ocupava o espaço quase o tempo todo e foi o que passou a ser chamado de Grandes Sociedades, pois representava os clubes carnavalescos da época. No *corso* da elite carioca, os negros só iam mesmo para trabalhar. (GALVÃO, 2009, p.71)

Assim que os desfiles carnavalescos começaram a fazer sucesso entre os foliões, a Terça-feira Gorda passou a ser reservada exclusivamente para o desfile das Grandes Sociedades. Com a importância do desfile crescendo, as características existentes atualmente nas escolas de samba começaram a aparecer.

Nessa época, foi criado o ‘pufe’: espécie de música dos clubes carnavalescos que se apresentava no desfile o que viria a ser o nosso conhecido “samba-enredo”. Os pufes continham em suas letras uma estrofe apresentando o tema escolhido pela Sociedade para o desfile, e a continuação era feita na base do improviso, no momento da apresentação. Esses temas que as sociedades apresentavam, muitas vezes, englobavam causas sociais, gerando desfiles com críticas políticas. Os préstitos - configuração de cada procissão - apresentados eram “carros de idéias”, com temáticas revolucionárias, e a partir daí a necessidade de sigilo começou a surgir. O ‘enredo’ estava sendo formado.

Conta-se que nos primórdios, apesar de todos os esforços nesse sentido, os Democráticos foram vítimas de uma inconfidência – sairiam com a grande novidade de um carro rebocando duas carretas -, perpetrada pelos Tenentes

do Diabo, que então apresentaram no mesmo dia um carro rebocando quatro carretas. (GALVÃO, 2009, p.78)

A reestruturação urbana na cidade do Rio de Janeiro também é responsável por modificar o caráter do carnaval: em 1907, o desfile que acontecia na Rua do Ouvidor foi transferido para a Avenida Rio Branco. As dimensões da nova rua expandem os horizontes carnavalescos e este é transferido, então, para a Praça Onze, onde ficou enraizado por mais de 10 anos (Galvão, 2009, p.80-81).

Com o sucesso das Grandes Sociedades, tomou forma outro modo de desfile carnavalesco: os ranchos. Apesar de denominação diferenciada, a consistência era basicamente a mesma das Grandes Sociedades, o que diferenciava é que os ranchos abrangiam o desfile das classes mais pobres. Os ranchos são os “precursores pobres” das escolas de samba, com caráter mais rural, popular e mestiço, trazendo tradições africanas e portuguesas juntamente com pagãs, cristãs e profanas.

O primeiro rancho de maior destaque foi *Ameno Rosedá*, surgido em 1908 e que persistiu até 1941. Este rancho investiu em coreografia e música, dando um aspecto teatral, além de se subdividir em setores como abre-alas, mestre-sala, etc. Percebe-se seu diferencial no trecho: “*Segundo a imprensa da época, deslumbrada pelo visual do Ameno Rosedá, tratava-se de um verdadeiro ‘teatro lírico ambulante’*” (GALVÃO, 2009, p.82). A partir desse encantamento, os jornalistas então instituem um concurso, em 1908, o qual Ameno Rosedá vence logo no primeiro ano.

Com o estímulo do concurso, os ranchos foram lançando idéias e adaptações de textos famosos, o que os valorizou muito e fez com que, em 1911, saíssem do reduto do gueto para apresentarem-se no Passeio Público. A partir daí, então, os ranchos foram modernizando-se e juntamente com as Grandes Sociedades foram os precursores do desfile de escolas de samba. Os dois influenciaram o desfile a que assistimos atualmente. A diferença na época entre Ranchos e Grandes Sociedades era o público, onde o primeiro atendia pessoas de classes menos favorecidas, e o segundo tinha mais participação da classe alta.

Em paralelo aos desfiles de ranchos e grandes sociedades havia uma outra forma de participação dos moradores. Enquanto essas duas formas supracitadas de comemorar o carnaval baseavam-se na apresentação de carros alegóricos, havia outros grupos que

saíam às ruas sem carros enfeitados, somente brincando o carnaval com fantasias, serpentinas, confetes. Estas pessoas, que formavam grupos e brincavam o carnaval, criaram os blocos, os cordões e os corsos.

Os cordões surgiram a partir dos divertimentos dos escravos, pois eles também arrumavam uma maneira de comemorarem os dias que antecediam à Quaresma. De acordo Da Matta (1997, p.65-66) o cordão é uma variação da procissão religiosa, contudo não era passivo como uma atividade que envolve a Igreja. Os cordões eram uma maneira de divertimento, entretanto, com um caráter um pouco ameaçador e violento.

Oh! Sim! Ele tinha razão! O cordão é o Carnaval, é o último elo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do Deboche ritual; o cordão é a nossa alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa, babando lascívia pelas mulheres e querendo maravilhar, fanfarrona, meiga, bárbara, lamentável...(GALVÃO, 2009, p.88)

Saindo um pouco da principal referência, o Rio de Janeiro, em São Paulo os cordões eram maneiras em crescente ascensão de comemorar o carnaval. Cordões, inicialmente formado por negros, cresciam mais a cada ano, e tornaram-se os embriões das agremiações carnavalescas paulistanas. Exemplos disso são os cordões *Vai-Vai*, *Flor da Mocidade* e *Camisa Verde*, de onde nasceram famosas escolas de samba.

(...) nas décadas de 1910 e 1920, os cordões se apresentavam com sessenta e setenta pessoas. O Vai-Vai, surgido no início da década seguinte, já nasceu um pouco mais numeroso, com oitenta a cem pessoas, chegando, na década de 1940, a desfilar com 150 integrantes. O crescimento dessas agremiações foi lento, mas constante. Seus dirigentes calculam que, nas décadas de 1950 e 1960, os dois principais cordões paulistanos, Vai-Vai e Camisa Verde, iam para a avenida apresentando entre 150 e duzentos foliões. A grande explosão de crescimento das agremiações negras só ocorreria após a oficialização dos folguedos, já sob a forma de escolas de samba, na década de 1970. (SIMSON, 2007, p.130)

Quando os cordões carnavalescos negros começaram a dar certo, os brancos também se interessaram pela nova brincadeira; ela começou a virar tendência na cidade e, juntamente com a capital carioca, começou a espalhar-se por todo território nacional.

Na fase "heróica" dos cordões em São Paulo, desde a década de 1910 até meados da década de 1930, somente negros participavam dos desfiles carnavalescos, engendrados nos três bairros em que se concentrava a população negra e pobre da cidade. Os brancos, fossem eles vizinhos de bairro ou colegas de trabalho, podiam ajudar financeiramente ou em espécie, e certamente valorizavam as manifestações carnavalescas negras, aplaudindo-as e acompanhando o desfile postados nas calçadas, mas não participavam

mais diretamente. Não que não fossem aceitos: simplesmente não se interessavam por participar de 'coisa de negros'. (SIMSON, 2007, p.132)

Os corsos e blocos surgiram principalmente de associações de moradores, vizinhos, grupos de amigos que desejavam arrumar um novo modo de comemorar o carnaval de rua após o fim do entrudo. Voltando ao Rio de Janeiro, o mais famoso bloco de carnaval que existiu, e contribuiu significativamente com o modelo atual, foi o bloco do Zé Pereira. O referido bloco consistia em pessoas com bumbos e zabumbas que perambulavam pela cidade - em um percurso na maioria das vezes não muito longo - contagiando a quem via e ouvia.

Após este período de múltiplas manifestações carnavalescas, os negros - principalmente - resolveram fazer uma festa sem bagunça. Com os princípios e influência dos ranchos, blocos, cordões e grandes sociedades, deram início às escolas de samba. As escolas de samba tornaram-se a comemoração mais ética, passiva e digna, pois a violência gratuita acabou, ou seja, a competição que antes era ao "pé da letra" passou a ser simbólica.

Com o tempo, as escolas foram ganhando fama e prestígio. Blocos que já existiam começaram a se tornar escolas de samba, como o bloco *Deixa Falar* que virou a escola de samba *Estácio de Sá* já em 1928; ou o bloco *Recreio de Ramos*, que virou *Imperatriz Leopoldinense*. Logo após, em 1930, houve o primeiro concurso de música (sambas-enredo) promovido pela revista *O Cruzeiro* (GALVÃO, 2009, p.91).

A partir de 1932, moradores das ruas centrais da cidade e os foliões, pessoas populares, deixaram de ser os principais controladores da festa, ficando essa tarefa para as autoridades cariocas. Foram criadas regras e horários para as apresentações dos desfiles. O samba, que antes era discriminado, passou a ser valorizado. As escolas de samba que se inscreviam para o concurso tinham que apresentar um tema e um samba-enredo. No mesmo ano, houve o primeiro desfile patrocinado pelo jornal *Mundo Esportivo*, acontecido na Praça Onze, onde a *Mangureira* foi a primeira campeã. Três anos depois, em 1935, houve, então, a oficialização das escolas, encampadas pela prefeitura do Rio.

Na década de 1970 [em São Paulo], os folguedos negros alcançaram um novo status social devido à oficialização dos desfiles de cordões e escolas de samba, que passaram a ser em parte subvencionados pelo poder público. Um outro fator que veio reforçar a aceitação desse tipo de carnaval pela sociedade

mais ampla foi a transmissão dos desfiles pela televisão. Os desfiles cariocas foram os primeiros a se transformar em espetáculo televisivo, e já em 1967 a TV Paulista transmitiu os desfiles negros realizados na Lapa, por iniciativa do clube de lojistas do bairro. (SIMSON, 2007, p.134)

Aparecia e se formava, então, o modo brasileiro de fazer carnaval, modo pelo qual o carnaval é caracterizado até hoje: o desfile das escolas de samba. Apesar de este não ser o único jeito de comemorar o carnaval, os moradores desta nação se especializaram tanto nessa festa que ela passou a ser um símbolo do Brasil no exterior. Hoje é o brasileiro o mais representativo carnaval reconhecido internacionalmente.

Na década de 1930, era conhecido um “grito de guerra” entre os foliões: “*Invadiram a pista!*”, o qual designava foliões que atravessavam a passarela do samba para conseguir um local privilegiado, contudo essa atitude oferecia riscos à pontuação das escolas. Por um bom tempo, essa foi a principal preocupação das escolas de samba: os ‘intrusos’ que atrapalhavam a evolução do desfile. (XEXÉO, 1998, p.40)

Com sua crescente popularidade, e após diversas mudanças no local do desfile (Praça Onze, Avenida Presidente Vargas, Avenida Rio Branco) sem sucesso, o evento foi transferido para a Avenida Marquês de Sapucaí em 1978, onde foi realizado até 1983 sem qualquer estrutura montada especificamente para o carnaval. O espetáculo teve, então, que ser confinado no sambódromo, montado na mesma Marquês de Sapucaí, para ser assistido por turistas estrangeiros e por brasileiros que, assim como no futebol, torcem pela escola do coração. A ‘passarela do samba’ foi inaugurada em 1984, e consagrou a Mangueira como primeira escola campeã da ‘nova era’ do carnaval. (BIANCHI, PRETOLA & MACHADO, 1984, p.6-7)

Nos anais do carnaval, o ano de 1984 figurará certamente como um ato de ousadia, empreendimento e beleza. Um sonho acalentado por várias gerações de sambistas, a Passarela do Samba, obra de Oscar Niemeyer, tornou-se uma realidade. Berço do samba, há muito que o Rio de Janeiro merecia um monumento à altura de sua festa maior. Agora, às suas belezas naturais, a cidade maravilhosa incorpora um novo cartão-postal, marco zero de uma nova era para o carnaval carioca. A passarela juntamente com o Museu do Carnaval são a síntese deste novo tempo que se abre para a folia. O samba, que nasceu no morro, ganhou definitivamente, um lugar de destaque no asfalto. (BIANCHI, PRETOLA & MACHADO, 1984, p.12)

Em uma tentativa de prever como o referido ano entraria para a história do carnaval, Bianchi, Pretola & Machado (1984, p.14) fizeram, na ocasião, uma reflexão de como o costume do povo tinha conseguido chegar a uma posição de tanto destaque. Para ele isso era um elemento positivo. Entretanto, há também o fato de que esse tipo

de apresentação do carnaval acabou limitando a possibilidade daqueles que não podem pagar para participar da festa carnavalesca, restando-lhes apenas assistir aos desfiles pela televisão.

Em Salvador, onde o povo acompanha o trio-elétrico nas ruas, o folião que não tem condição de pagar pelos *abadás* também passou de participante da brincadeira a espectador do desfile. Como salvaguarda, tanto no Rio de Janeiro, como em Salvador, já existem movimentos que visam revigorar as maneiras antigas de brincar o carnaval, blocos que aglomeram pessoas no meio das ruas e em praças mais acessíveis e com o intuito de comemorar a festa mais conhecida do país.

As escolas de samba que conhecemos atualmente têm um perfil inovador, surpreendendo os espectadores dos desfiles a cada ano. “*Mudanças homeopáticas com o objetivo de melhorar o espetáculo*” (HENRIQUE, 2005, p.57). Nas últimas décadas, nenhum conceito foi abandonado de forma radical: as escolas continuam cantando um samba, sempre ao som da bateria; mestre-sala e porta-bandeira ainda são figuras essenciais. Mas é nas mudanças sutis que o desfile, ano após ano, vai se modernizando.

Todo ano tem algo novo na avenida, que aos poucos vai sendo incorporado ao show. Segundo Andrade (2005, p.117), as escolas não eram nada do que a população conhece até o fim dos anos 40. Pareciam blocos desorganizados, horas parados no mesmo lugar, metade do tempo cantando o samba, e a outra metade jogando capoeira. Os prêmios eram oferecidos por jornais e não por um júri. Na década de 50, a bagunça começou a tomar forma: iniciou-se a venda de ingressos para quem queria ‘ver a banda passar’. Mas foi em meados dos anos 1960 que o carnaval deu sua primeira grande virada estética. Uma turma de professores de Belas Artes, liderada por Fernando Pamplona, no Salgueiro, começaria a dar um novo tratamento à festa. Fantasias mais elaboradas, com um sentido dentro do enredo, alas em ordem, temas menos educativos e mais lúdicos.

Anos mais tarde, surgiria Joãozinho Trinta, renomado carnavalesco, reconhecido como o inovador por diversos foliões dedicados. Joãozinho Trinta foi o primeiro a fazer pessoas desfilarem em cima de carros alegóricos (carros alegóricos propriamente ditos, pois antes disso as pessoas já haviam desfilado em automóveis na época dos cursos). Nos anos 1976/1977/1978, ele fez história na *Beija-Flor*, que se consagrou campeã com

carros gigantes (para a época), muitos espelhos e mulatas com seios de fora. A *Mocidade*, a partir da metade dos anos 1980, também deu sua contribuição para o quesito 'novidades'. Primeiro com Fernando Pinto e depois com Renato Lage: o futurismo chegava à passarela. Hoje em dia, o que mais se vê por aí são referências a espaço sideral, astronaves, futuro. Mas, no momento, era novidade.

Ainda de acordo com Henrique (2005, p.58), em 1997 a inovação ficou por conta de uma bateria: a da *Viradouro*, com sua batida *funk*. As *paradinhas* já eram bem conhecidas, mas usar um ritmo importado da periferia para marcar o refrão do sambanredo foi uma ousadia sem tamanho. Crédito do mestre Jorjão, que gerou discípulos: hoje muitas baterias fazem suas gracinhas, misturando ritmos e investindo nas coreografias.

Veio o século XXI e, com ele, o americano voador em plena Sapucaí, da *Grande Rio* em 2001; as comissões de frente sempre surpreendentes na *Mangueira*, montadas pelo famoso bailarino Carlinhos de Jesus; a permissão para as escolas reviverem sambas antigos na passarela. Em 2004, foi a vez do público boquiaberto com a escultura de gente criada pelo carnavalesco Paulo Barros na escola *Unidos da Tijuca*, que revolucionou o quesito alegoria. O mesmo carnavalesco, em 2007, resolveu aproveitar a boa fama da bateria da *Viradouro* e inovar em seu primeiro ano trabalhando na escola: a bateria veio em cima de um carro alegórico e somente no momento de entrar no recuo foi substituída por uma ala (chamada "falsa bateria", com a mesma fantasia, porém com instrumentos de brinquedo) para o desfile poder prosseguir normalmente. Portanto, não importa a época, as escolas de samba estão em constante transformação, inovação.

Devido a esta constante renovação dos desfiles na avenida é que quando pensamos em carnaval - como atrativo turístico brasileiro - pensamos nos destaques e a primeira imagem que nos vem à cabeça é a cena que reconhecemos como um espetáculo deveras significativo, por expressão legítima de um grupo e contexto sócio-histórico: o desfile das escolas de samba. A maior referência de um desfile de escola de samba hoje em dia é o desfile do Rio de Janeiro, que tem grande repercussão inclusive fora do país. Toda esta exaltação dos desfiles carnavalescos deve-se em grande parte aos próprios foliões, que participam ativamente do carnaval e fazem 'loucuras' pelas suas escolas.

Essa experiência única para cada folião revela, pois, traços de uma coletividade, de um conjunto e de um contexto sócio-histórico. Traços que se constituem núcleo de interesse para essa pesquisa por se repetirem em cada manifestação, em tênues ou grandiosas cidades, em sofisticados ou simples rituais, em cada composição popular que a reconstrói, como a cidade de Rio Claro.

### ***Entendendo o funcionamento de uma escola de samba***

Devido às minhas observações empíricas, posso levantar hipóteses de que o motor central de uma escola de samba são, certamente, as pessoas envolvidas em sua composição. Indivíduos que são apaixonados por suas escolas, seja por simpatia somente ou por história, aqueles que nasceram dentro das atividades carnavalescas e já estão inseridos no contexto da festa. As tarefas são divididas de modo a envolver toda a comunidade, de propor mudanças e exaltar conquistas. Por isso, não se pode pensar no trabalho de uma escola de samba apenas assistindo ao seu desfile. Claro que esse é o ponto máximo; o apogeu pelo qual a comunidade esperou durante o ano todo, no entanto, não podemos julgá-la apenas por uma passagem no sambódromo. Não devemos desvalorizar uma escola só por que a indústria do entretenimento, naquele ano, decidiu que ela não era a melhor. Há toda uma história atrás de um desfile. Há uma vivência de uma sociedade desigual e é nesse contexto que as agremiações carnavalescas atuam: através do desenvolvimento artístico, cultural e social de uma comunidade, pessoas simples se transformam em protagonistas na apresentação do mundo em que vivem e pessoas com maior poder aquisitivo compram o direito de desfilar e complementam a apresentação na avenida.

Olga Simson (2007, p. 136-168) destaca esse trabalho das escolas de samba ao longo de todo o ano, relatando sobre cordões carnavalescos da cidade de São Paulo. Estas etapas podem ser aplicadas a agremiações pertencentes hoje a qualquer cidade que tenha seu carnaval baseado em desfiles de escolas de samba:

A atuação dessas agremiações não se restringia ao período de Momo, abrangendo as atividades de lazer da população pobre e negra da cidade durante todo o ano. Embora o período carnavalesco representasse um ponto de concentração e intensificação das atividades dos cordões, essas entidades criavam situações diversificadas de encontro e lazer em comum para seus membros. As atividades realizadas pelos cordões podem ser divididas em três grandes conjuntos, com seus respectivos períodos: atividades pré-carnavalescas, desde o começo do ano até o Carnaval; atividades carnavalescas, realizadas nos três dias de Momo; e atividades de meio de

ano, desenvolvidas após o Carnaval e indo até o fim do ano. (SIMSON, 2007, p. 145)

Outro elemento central a se considerar é o próprio samba. O estilo musical surgiu em 1917, no Rio de Janeiro, junto com o jazz em Nova Orleans, nos Estados Unidos. Hoje, é difícil imaginar o carnaval sem samba, mas, como vimos, os primeiros desfiles eram embalados por outras melodias. De acordo com Flávia Pereira (15 de julho de 2010)<sup>3</sup>, em palestra promovida pelo Arquivo Público do município de Rio Claro, o samba que conhecemos hoje foi uma fusão e adaptação do lundu e maxixe trazido pelos escravos. O termo 'escola' foi dado com o intuito de uma idéia pedagógica para os grupos que se apresentavam no carnaval. Com o samba, foram surgindo rodas de samba e, assim, o conceito e valorização do bairrismo, tão difundido atualmente dentro das quadras das escolas.

A sede das escolas de samba, onde tudo acontece, são as quadras. Essas, conforme observou-se nesta pesquisa, tornaram-se um centro de convivência e lazer dos bairros, preservando a memória da escola e dando lugar à troca de ideias e conversas inovadoras. Na quadra das escolas é que o enredo começa a aparecer, o desfile começa a tomar forma, o passado ressurge a todo instante, tempos áureos são lembrados e segredos são compartilhados. Além de ser um espaço para os moradores - esses que já criaram uma identidade com o local e a agremiação - também é um espaço social, onde podem ser promovidos diversos eventos e atividades com renda convertida para o desfile do ano seguinte.

Para o financiamento de um desfile de escola de samba, muitas atividades são realizadas dentro das sedes dos Grêmios Recreativos, e divulgadas em jornais, sites e redes sociais<sup>4</sup>. No próprio site oficial da escola de samba *UVA*, por exemplo, encontramos:

<sup>3</sup> Palestra realizada pelo Arquivo Público do Município Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro 'Oscar Arruda Penteadó', no dia 15 de julho de 2010, no Centro Cultural de Rio Claro. PEREIRA, F. A. de S. **19º Bate-papo Cultural – comunidade negra em Rio Claro nos anos 1930 a 1960**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro 'Oscar Arruda Penteadó'. 15 jul. 2010. DVD-ROM.

<sup>4</sup> Anúncios de eventos dentro das quadras das escolas de samba podem ser encontrados nos sites oficiais das próprias escolas. Site oficial da escola de samba Samuca: <<http://www.escoladesambasamuca.com.br/>>. Site oficial da escola de samba UVA: <<http://www.escoladesambauva.com.br/>>. Site oficial da escola de samba A Casamba: <<http://www.acasamba.com.br/>>.

Enquanto muita gente só pensa em carnaval depois das festas de final de ano, a maior festa do mundo começa bem antes no G.R.B.C. Escola de Samba Unidos da Vila Alemã – a UVA, quase com um ano de antecedência. (...) Paralelo a este trabalho, nossos carnavalescos e seus auxiliares iniciam o processo de elaboração e desenvolvimento do tem enredo do próximo ano, junto aos desenhos e projetos das novas alegorias. É a vez, então, da equipe de eventos iniciar seu trabalho, todo o ano da UVA em sua sede adquirida desde 2010, a grandiosa Sociedade Philarmônica Rioclarense.<sup>3</sup>

Esses eventos paralelos geram maior investimento de capital na apresentação da escola em questão e, conseqüentemente, um melhor resultado. Contudo, não são somente essas atividades que mantêm a escola de samba em alta para o curso nos dias de festa carnavalesca. Outros meios de arrecadação de fundos são exercidos, como por exemplo, o próprio financiamento da prefeitura. A Prefeitura da cidade libera uma determinada verba a cada escola como ajuda para a realização de seu desfile. Além disso, parte da venda dos ingressos para o desfile é destinada às escolas para complementação no desfile no ano seguinte. Nestes três casos de financiamento: dos eventos, da prefeitura e dos ingressos, todos são executados tanto na cidade do Rio de Janeiro, com o seu carnaval-show, quanto na cidade de Rio Claro, com um carnaval menos ‘glamouroso’.

Ainda há outros meios de financiamento que só ocorrem em locais onde o carnaval de escolas de samba é extremamente valorizado, onde o espetáculo já é bem maior e atrai um número bastante expressivo de espectadores. Um financiamento bem polêmico é o investimento por parte de bicheiros: segundo Galvão (2009, p.18), desde a origem havia pessoas que passavam com “o livro do ouro” arrecadando donativos como um meio para a lavagem de dinheiro destes investidores.

O bicheiro doa o dinheiro e, em contrapartida, adquire por meio da escola sua inserção na vida social da cidade, ganhando prestígio por intermédio do patrocínio de uma boa causa, até considerada cívica, bem vista por todos; além disso, há a vantagem de “lavar” dinheiro ilícito. (GALVÃO, 2009, p.18-19)

Além dessa maneira ilícita de financiamento, que não acontece necessariamente em todas as agremiações, as escolas grandes também ganham com a venda dos CD's de sambas-enredo gravados, com os ingressos cobrados nos ensaios da bateria para aqueles que não fazem parte da escola, mas desejam assistir, e com os eventos promovidos dentro da própria quadra com fins lucrativos.

Fazendo essa comparação entre o carnaval da cidade estudada no presente trabalho (Rio Claro), com a cidade referência no tema (Rio de Janeiro), pode-se notar a

clara e esperada diferença de estrutura, devido às suas proporções. Por isso, as escolas de samba do Rio de Janeiro têm quadro de funcionários contratados, pois mantêm um trabalho fixo para o acontecimento do desfile ano após ano. Quando o desfile de um ano termina, já começam a trabalhar no próximo; fato que ainda não acontece tão rapidamente em Rio Claro, pois os foliões rio-clarenses não vivem disso.

O trabalho fixo dentro das escolas de samba e o sucesso de suas apresentações na avenida ajudam a movimentar a economia da cidade. O carnaval carioca hoje é conhecido em todo o mundo pelo luxo e grandiosidade de seus carros alegóricos e fantasias e pela originalidade e criatividade de seus temas. Na cidade de Rio Claro, a repercussão não é tão grande assim, contudo, tem relevância na região, entre as cidades próximas. Pessoas de Limeira, Piracicaba, Santa Gertrudes, Cordeirópolis vão para Rio Claro assistir ao desfile das escolas de samba, pois este é destaque entre as outras cidades.

Ou seja, o turismo de carnaval pode, além de trazer capital para a cidade - dando mais possibilidade de financiamento para as próprias escolas de samba - trazer motivação, fazendo com que as apresentações carnavalescas cresçam cada dia mais. Aumentam a atratividade do local, tornando-o um ponto turístico.

### ***O carnaval como atrativo turístico brasileiro.***

O carnaval hoje está se tornando um instrumento de movimentação e atrativo turístico; um meio de movimentação da economia e propagação da cultura do país, dois atributos benéficos relacionados à área. Em Rio Claro tem acontecido a mesma relação. Para Oscar de La Torre (apud BARRETTO, 2003, p.17), o turismo emissor é economicamente passivo, já que não traz dividendos para o núcleo emissor (país ou cidade), já o turismo receptivo é ativo, por movimentar a economia local. O turismo receptivo regional na época do carnaval tem sido valorizado na cidade rio-clarenses por trazer consequências benéficas para a economia e seus moradores. São os próprios moradores que já têm relações topofílicas - laços afetivos que o ser humano estabelece com os lugares dos quais são integrantes, segundo Rossi (2009) - com o festejo, que são capazes de passar a experiência aos que visitam Rio Claro para o carnaval, impulsionando a atividade turística.

A propagação do carnaval na cidade de Rio Claro e sua visão como atrativo turístico tem influência dos jornais, que passaram a promover a festa como algo esperado, mas ao mesmo tempo com proporções inusitadas, a acontecer no município. Fato que aconteceu também no Rio de Janeiro e São Paulo, onde as escolas de samba foram ficando cada vez mais conhecidas. Quanto mais o turismo cresce no país, mais cresce a divulgação do Brasil e sua repercussão no exterior.

O crescimento prolongado do turismo nos últimos anos é uma perspectiva animadora para profissionais do ramo. Esse otimismo teve impulso com o desenvolvimento da globalização e com a considerável abertura tecnológica na maioria dos países. O turismo vem sendo configurado como uma perspectiva de solução para o futuro, pois o mesmo traz implicações diretas na vida cultural, social e econômica da sociedade, principalmente com a geração de empregos. A infraestrutura e divulgação que a atividade turística exige aceleram a influência perante os meios de transporte e comunicação (FIGUEIREDO, 2005, p.46).

De acordo com definição da Organização Mundial do Turismo (1994), turismo compreende as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano e superior a 24 horas, por motivos de lazer, negócios ou outras motivações que não estejam relacionadas com atividades remuneradas no local visitado (TORRES, 2007).

O carnaval, enquanto festa que dura vários dias, pode envolver, além dos turistas, outra espécie de folião: os excursionistas. Para a OMT (1994), essa é a definição daquele que viaja para um local desconhecido, que ali permanece por menos de 24 horas, não pernoitando no local, mas tendo contato com outra cultura e adquirindo experiência, só que em menos proporções. O turismo é responsável pelo impulso da economia mundial, ainda mais por vários países o terem como o principal setor econômico.

O turismo cresce em média 4% ao ano nos últimos 30 anos (com exceção de 2002 devido ao terrorismo nos Estados Unidos), de acordo com a OMT. Fica evidente a partir dessa consideração, o prejuízo causado no turismo mundial devido aos atentados terroristas no começo do século XXI. A ação terrorista prejudica o turismo, uma vez que a demanda turística teme com a violência nas ofertas turísticas. A partir disso, é elevada a dificuldade em estabelecer tendências e cenários mundiais para o turismo. A sociedade desenvolve com rapidez seus pensamentos, desejos e ações; calcados com

problemas econômicos, crises políticas e sociais e o próprio terrorismo (TRIGO; PANOSSO, 2003).

Por ser dependente de toda a estrutura da cadeia produtiva e ainda depender de fatores como a economia e a política de um país, as atividades turísticas podem ser prejudicadas quando um desses elos que equilibram o processo turístico se abala.

Recentemente tem se percebido a formação de um novo perfil de turista, o qual se mostra mais interessado em vivenciar outras realidades, em participar e conhecer com profundidade pessoas e localidades. A necessidade de um planejamento inovador do turismo, devido à escassez de previsões, é fundamental para governos, empresas e profissionais do ramo. Isso implica as necessidades de maiores pesquisas e ações para a melhor estruturação de um planejamento que se enquadre frente a essa nova realidade. Não somente a universidade deve exercer essa função, embora seja de grande influência, mas organizações e associações empresariais também possuem um papel de suma importância nessa evolução.

Na questão sobre turismo de experiência, entra em cena a valorização de elementos culturais como atrativos turísticos. Cada vez mais os turistas saem em busca do desconhecido, não só através da inserção em lugares físicos que antes nunca estiveram, mas também em busca da cultura local, da diversidade de um povo, de uma nação. O turista atual está à procura de um intercâmbio cultural, onde ele possa aprender com a população local e também ensinar. Nesse quesito, os patrimônios imateriais e recursos culturais (entre eles, o carnaval) têm muito a acrescentar, pois é a partir de festas, comidas típicas, danças, lendas, costumes que um povo é caracterizado.

Estudos realizados pela Embratur apontam que 75% dos turistas que buscam o Brasil como destino de férias o faz, em primeiro lugar, pelas belezas naturais; porém quando aqui chegam, encontram tanta hospitalidade que logo se encantam também pela socialização e simpatia dos brasileiros. Segundo as pesquisas, quando questionados sobre o Brasil, os turistas estrangeiros apontam como uma das principais características do povo brasileiro a alegria. Durante o carnaval, a alegria é ponto marcante e fundamental para a festa, e talvez por isso o carnaval brasileiro seja hoje o mais difundido e conhecido mundialmente. (BENI, 2003)

Muita coisa ainda deve ser feita para que o Brasil se torne um pólo turístico. A nossa localização é um dos fatores prejudiciais, pois não se encontra perto de países em que a população possui alto poder aquisitivo. Desde a década de 1950, atrações como o sol, a praia e o mar são os principais atrativos para os países industrializados. O Brasil

dispõe de todos esses atrativos em abundância, mas por uma questão geográfica de proximidade, a população norte-americana, por exemplo, opta pela região do Caribe, que oferece tais condições, tanto quanto o Brasil, e se situa bem próxima ao país.

Em 1972 foi criado um projeto, chamado Turis, que tinha por objetivo montar uma cadeia de balneários na orla do Atlântico, do Rio de Janeiro a Santos, tanto para o turismo interno quanto para o internacional. Esses projetos atraíram principalmente turistas argentinos. Outros programas do gênero foram desenvolvidos no Nordeste atraindo turistas europeus e norte americanos, mas ainda assim a cidade do Rio de Janeiro continua sendo a mais visitada por turistas estrangeiros com 51,1% do total das chegadas (sic) ao Brasil. (SCHLÜTER, 2001)

Apesar da grande oferta turística que se encontra nos quatro cantos do Brasil, o planejamento governamental do turismo ocorreu com muito atraso em relação aos outros países. Segundo Regina Schlüter:

Quando a América Latina tentou desenvolver-se por meio do turismo, empregou as mesmas políticas adotadas por todas as nações em desenvolvimento, sem avaliar as condições adequadas de cada região em específico. (SCHLÜTER, 2001)

De uma maneira mais detalhada, o Brasil deve também avaliar as condições adequadas de cada região para que toda parte de seu território receba o planejamento adequado, valorizando os atributos de cada canto do país. Ou seja, a região necessita de um planejamento que engendre as especificidades de cada lugar, visando transformar o turismo local, para que, no futuro, a localidade se torne uma grande receptora de turistas. Neste sentido é que os recursos culturais do país devem ter uma atenção especial, pois são eles que caracterizam a cultura brasileira e constroem a imagem de cada região e, conseqüentemente, do Brasil.

Há quem discorde da adequação de produtos culturais e até mesmo de produtos tangíveis à atividade turística, como se tais produtos perdessem as suas reais identidades:

Fundamental à análise do autor é a transformação do viajante em turista; considera-se que até meados do século XIX tinha-se uma época dourada das viagens, na qual tudo era mais verdadeiro e intenso, ou seja, autêntico, mesmo que essa época de fato nunca tenha existido historicamente. Tudo o que é produzido ou adaptado ao consumo turístico, dentro do mercado de massa, é considerado irreal, de mau gosto e superficial, em oposição ao que não é apropriado pelo turismo, visto como real, autêntico e de valor para a população local. (KÖHLER, 2009)

Porém, mesmo com essa discordância, podemos afirmar que recursos culturais e patrimônios imateriais são excelentes artifícios para a promoção do turismo em determinada localidade. São meios de promover a cultura e excelentes caminhos que proporcionam um turismo de experiência aos mais engajados. Aqueles turistas que buscam viver dias condizentes com a realidade e rotina do destino optam por participar de festas populares, saborear comidas típicas e freqüentar rituais típicos de cada localidade. O carnaval, apesar de ser uma festa popular, hoje em dia já tem duas faces: tem o lado que já se transformou em espetáculo, dos desfiles no sambódromo, onde turistas compram ingressos com preços altíssimos; e o lado popular, do qual as pessoas da comunidade participam com os preparativos das escolas de samba e organizam-se em blocos. A segunda opção possui atividades que são mais propícias a quem procura um turismo de experiência, pois o visitante vivencia o dia-a-dia da preparação de um desfile, presenciando todas as etapas para que uma apresentação de carnaval seja perfeita, e não desfruta somente do produto final. Nesse caso, o contato do visitante extrapola o patrimônio concreto, material de uma localidade e atinge algo menos mensurável e plausível: a imaterialidade cultural presente no costumes e fazeres de um povo.

Patrimônio imaterial é, pois, aquilo que merece atenção sob os olhares dos turistas, mas que se constituem elementos intangíveis. A forma de expressão de um povo, o saber fazer, a cultura, o idioma, a gastronomia, as festividades (PELEGRINI & FUNARI, 2008, p.5). Todos estes elementos possuem potencial para consagrarem-se patrimônios imateriais, pois têm a capacidade de atrair turistas aos seus locais de origem, contudo, só é considerado patrimônio imaterial da humanidade aquilo que foi registrado e oficializado como tal. Fora isso, os elementos são considerados recursos culturais. Essa última denominação existe porque se formos considerar tudo que têm importância para determinado indivíduo, local, evento como patrimônio, todos os elementos serão tidos como tal, considerando que tudo tem importância para algo ou alguém.

As festas populares, devido justamente à sua história e trajetória, são vistas como recursos culturais de um povo, uma nação. Muitas vezes são até tombadas como patrimônio imaterial devido ao valor que elas apresentam perante a sociedade e a construção da trajetória de um povo. A utilização de elementos da cultura local como

atrativo turístico traz muitos benefícios, desenvolve a comunidade, assim como movimentada a economia, dando maior visibilidade ao fenômeno turístico. O patrimônio constitui um 'capital' a ser mantido para render vantagens, principalmente através do turismo.

(...) a relação entre cultura e economia guarda complexidades que muitas vezes passam despercebidas. Com o turismo, o discurso que atribui significância social ao patrimônio cultural não apenas fomenta o sentimento de pertencimento e de continuidade histórica, assumindo também a função de atrativo turístico. Em outras palavras, o patrimônio é inserido na dinâmica de uma atividade com fins econômicos, embora não se possa resumir o turismo como puramente econômico. A utilização destes elementos pelo turismo evidencia a como a dimensão político-ideológica e as necessidades humanas estão intrínsecas na dinâmica cultural. (FIGUEIREDO, 2005, p.44)

O patrimônio é uma construção social: depende do grupo, do período histórico, das questões ideológicas que permeiam a identidade que está sendo construída contemporaneamente a este processo (LEITE & MARQUES, 2007). A palavra 'patrimônio' está associada a sagrado, herança, memória familiar; e, por isso, patrimônio poderia ser considerado tudo aquilo que tem importância para alguém. Como essa denominação é inviável, é considerado patrimônio tudo aquilo que foi registrado como tal por algum órgão da área responsável como IPHAN, CONDEPHAAT, CONPRESP, entre outros. Todos os outros elementos sem registro são considerados recursos culturais.

Em relação ao patrimônio imaterial, ele existe para salvaguarda de festejos e tradições que não podem ser expressos em objetos tangíveis, mas que têm grande valor cultural e histórico para a sociedade. De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Unesco em 17 de outubro de 2003, é considerado patrimônio cultural imaterial

(...) aquele que se manifesta por meio de expressões e tradições orais, pelas artes performáticas e práticas sociais, incluindo rituais e eventos festivos, por conhecimentos e práticas relacionados à natureza e pelo artesanato tradicional. A Unesco passou a definir patrimônio cultural imaterial como as práticas, as representações, as expressões, os conhecimentos e as técnicas, bem como os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados, além das comunidades, dos grupos e, em alguns casos, dos indivíduos que se reconhecem como parte integrante dessa riqueza de recursos. O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e é constantemente recriado pelos povos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de

identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.” (LEITE & MARQUES, 2007)

Neste sentido, no Brasil, a fruição dos bens imateriais revela o prazer e retoma formas de expressão e musicalidade. Os folguedos carnavalescos são uma forma de expressão da cultura brasileira, mostrando suas diferentes faces através das diversas formas de comemorar o carnaval nas diferentes regiões. A participação dos brasileiros em brincadeiras carnavalescas faz parte da nossa cultura: “(...) *festejos carnavalescos constituem práticas incorporadas à nossa cultura*” (PELEGRINI & FUNARI, 2008, p.8). Quando se incorpora um quesito da própria cultura como algo digno daquela sociedade, pratica-se o conceito de pertencimento. Este conceito parte do pressuposto de que uma pessoa compartilha os valores do grupo humano e do local ao qual pertence. Por exemplo, uma quebra neste conceito de pertencimento seria os brasileiros não gostarem de carnaval, os argentinos serem vegetarianos e os alemães serem desorganizados e não comerem batatas (PELEGRINI & FUNARI, 2008, p.9). Já que existem divergências de opiniões, existem essas pessoas particulares que quebram o conceito de pertencimento, contudo, a opinião majoritária destaca-se como opinião geral.

Portanto, pode-se considerar que o carnaval da cidade de Rio Claro é um recurso cultural para aqueles que participam ativamente, assistem e se identificam com a festa. Cabe aos registros oficiais da cidade e à evolução da festa com o passar dos anos avaliar se ele preserva ainda a memória de um carnaval que se identifica com o povo e considerá-lo patrimônio imaterial.

No presente trabalho analisa-se um pouco destas mudanças de acordo com depoimentos de participantes ativos da festa popular e com material de mídia. Aborda-se, então, um pouco desta discussão se o carnaval de Rio Claro poderia ser considerado um patrimônio imaterial que caracteriza a cultura popular da cidade. De qualquer forma, não levando em consideração a classificação que lhe é dada, o carnaval rio-clarense atrai turistas da região nos dias da festa que antecedem à quaresma, caracterizando-o, pois, já como um atrativo turístico.

Sendo assim, foram enfocadas no estudo as mudanças ocorridas no decorrer dos anos no carnaval rio-clarense, para que posteriormente possamos analisar quais mudanças foram positivas ou negativas. A atratividade turística já se constitui um fator

da mudança, pois cresceu com o passar do tempo, contudo, independe da preservação ou não dos costumes pioneiros.

*“Carnavafterapia, carnaval! alegria, todos nós temos um lado carnavalesco, festivo, verdadeiro. Não se pode deixá-lo para sempre guardado.”*

*(Jaime Leão)*

## Capítulo 2 - Carnaval na cidade de Rio Claro

### *Objeto de pesquisa e metodologia utilizada*

Assim como em muitas cidades brasileiras, o carnaval na cidade de Rio Claro é uma tradição. É uma festa esperada ansiosamente pelos moradores e por visitantes regionais. Esse fato ocorre por Rio Claro ser uma cidade conhecida pelo seu carnaval desde os primeiros anos do século XX, na época dos entrudos; depois com as grandes sociedades, com os blocos, entre outras formas de comemorar a brincadeira (HÖFLING, 2006, p.14). O carnaval foi uma invenção europeia, contudo, no Brasil tornou-se vitalício, modificando-se e tomando forma típica brasileira, enquanto na Europa decaiu. Os costumes do carnaval eram mais propícios aos costumes dos brasileiros.

Rio Claro é uma cidade do interior paulista situada na região de Campinas e Piracicaba, fundada em 10 de junho de 1827 e elevada à categoria de município em 1845. Distancia-se cerca de 85 km do Aeroporto de Viracopos e 200 km do Aeroporto de Guarulhos. Possui qualidade de vida e vem se desenvolvendo quanto a empreendimentos industriais. Sua história começou em 1719, por causa do ouro em Mato Grosso, servindo então de rota para viajantes paulistas que ali pousavam. Com o passar do tempo, aventureiros começaram a construir suas primeiras casas em suas propriedades à margem do Ribeirão Claro, denominado Morro Azul. Um povoado então começou a surgir sob a denominação de São João Batista do Ribeirão Claro. A ferrovia que ligava Rio Claro a Campinas chegou em 1876, pela Companhia Paulista das Estradas de Ferro, intensificando a vida dos cidadãos e consequentemente do comércio. O município nasceu quando ganhou sua autonomia administrativa em 1845, tornando-se São João do Rio Claro. Em 1905, teve seu nome ainda mais abreviado: apenas Rio Claro. O mais novo município criado cresceu a cada ano, e Rio Claro foi a segunda cidade do Brasil e a primeira do Estado de São Paulo a ter luz elétrica, em 1885. Esse crescimento veio em parte

***“Carnavalterapia, carnaval alegria, todos nós temos um lado carnavalesco, festivo, verdadeiro. Não se pode deixá-lo para sempre guardado.”***

***(Jaime Leitão)***

<sup>1</sup> VISITE RIO CLARO. Tradição e história do Carnaval de Rio Claro. 2008. Disponível em: <<http://www.visitrioclaro.com.br/interna.php?idm=10&comp=1&mat=152>> acesso em 20 de junho de 2011.

## Capítulo 2 - Carnaval na cidade de Rio Claro

### *Objeto de pesquisa e metodologia utilizada*

Assim como em muitas cidades brasileiras, o carnaval na cidade de Rio Claro é uma tradição. É uma festa esperada ansiosamente pelos moradores e por visitantes regionais. Esse fato ocorre por Rio Claro ser uma cidade conhecida pelo seu carnaval desde os primeiros anos do século XX, na época dos entrudos; depois com as grandes sociedades, com os blocos, entre outras formas de comemorar a brincadeira (HÖFLING, 2006, p.14). O carnaval foi uma invenção européia, contudo, no Brasil tornou-se vitalício, modificando-se e tomando forma típica brasileira, enquanto na Europa decaiu. Os costumes do carnaval eram mais propícios aos costumes dos brasileiros.

Rio Claro é uma cidade do interior paulista situada na região de Campinas e Piracicaba, fundada em 10 de junho de 1827 e elevada à categoria de município em 1845. Distancia-se cerca de 85 km do Aeroporto de Viracopos e 200 km do Aeroporto de Guarulhos. Possui qualidade de vida e vem se desenvolvendo quanto a empreendimentos industriais. Sua história começou em 1719, por causa do ouro em Mato Grosso, servindo então de rota para viajantes paulistas que ali pousavam. Com o passar do tempo, aventureiros começaram a construir suas primeiras casas em suas propriedades à margem do Ribeirão Claro, denominado Morro Azul. Um povoado então começou a surgir sob a denominação de São João Batista do Ribeirão Claro. A ferrovia que ligava Rio Claro a Campinas chegou em 1876, pela Companhia Paulista das Estradas de Ferro, intensificando a vida dos cidadãos e conseqüentemente do comércio. O município nasceu quando ganhou sua autonomia administrativa em 1845, tornando-se São João do Rio Claro. Em 1905, teve seu nome ainda mais abreviado: apenas Rio Claro. O mais novo município criado cresceu a cada ano, e Rio Claro foi a segunda cidade do Brasil e a primeira do Estado de São Paulo a ter luz elétrica, em 1885. Esse crescimento veio em paralelo com o progresso da sua população. Com o crescimento dos moradores e nascidos rio-clarenses, nascem também as tradições municipais, entre elas o carnaval.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> VISITE RIO CLARO. **Tradição e história no Carnaval de Rio Claro**. 2008. Disponível em: <<http://www.visitrioclaro.com.br/interna.php?idm=10&coract=1&mat=152>> acesso em 20 de junho de 2011.

A metodologia utilizada levou em consideração o conhecimento dos moradores através da história oral, para resgatar a história e a evolução do Carnaval e analisar a relação que existe entre a festividade e os anfitriões da comemoração; como eles enxergam os antigos e novos tempos carnavalescos e como sofrem influência do festejo.

Como conceito de metodologia, pode-se dizer que consiste no conjunto de regras e métodos estabelecidos para a confecção de um projeto de pesquisa. A pesquisa é desenvolvida através de um método científico, o qual é escolhido pelo pesquisador de acordo com o trabalho por ele elaborado. O projeto inicia-se a partir da decisão de um tema, um objeto de pesquisa e posteriormente um método para a aplicação desse tema no contexto escolhido.

Para a definição da metodologia, é necessário levar em conta o debate entre qualitativo e quantitativo, para que haja uma decisão entre conceituar sua pesquisa através de dados tabulados ou de dados analisados. Segundo Hartmut Günther,

Uma distinção mais acentuada entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa diz respeito à interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo. No caso da pesquisa quantitativa, dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados. Uma inclusão de acontecimentos e conhecimentos cotidianos na interpretação de dados depende, no caso da pesquisa quantitativa, da audiência e do meio de divulgação. Ao mesmo tempo em que um nível maior de abstração pode impedir a inclusão do cotidiano, qualquer passo na direção de uma aplicação de resultados necessariamente inclui o dia-a-dia. O mesmo se aplica para a questão do contexto. A reflexão contínua, obviamente, não é específica da pesquisa qualitativa; deve acontecer em qualquer pesquisa científica. (GÜNTHER, 2006, p.203)

Apesar dessa diferenciação, na hora da escolha do método de aplicação de questionários, estudo de campo, etnografia, os dois termos podem estar associados quando a pesquisa avalia dados de ambos os tipos. Por isso, Marli André (1991) afirma: *“Eu reservaria os termos qualitativos e quantitativos para diferenciar técnicas de coleta ou tipos de dados obtidos e utilizaria denominações mais precisas para determinar o tipo de pesquisa desenvolvida (...).”*

Para a presente pesquisa, optou-se pelo método qualitativo como o predominante na execução, pois a análise dos aspectos histórico-sociais foram capazes de remontar a trajetória do carnaval rio-clarense dentro do estudo. Por ser uma festa popular, em que as pessoas envolvem-se profundamente, somente a análise quantitativa não seria

A metodologia utilizada levou em consideração o conhecimento dos moradores através da história oral, para resgatar a história e a evolução do Carnaval e analisar a relação que existe entre a festividade e os anfitriões da comemoração; como eles enxergam os antigos e novos tempos carnavalescos e como sofrem influência do festejo.

Como conceito de metodologia, pode-se dizer que consiste no conjunto de regras e métodos estabelecidos para a confecção de um projeto de pesquisa. A pesquisa é desenvolvida através de um método científico, o qual é escolhido pelo pesquisador de acordo com o trabalho por ele elaborado. O projeto inicia-se a partir da decisão de um tema, um objeto de pesquisa e posteriormente um método para a aplicação desse tema no contexto escolhido.

Para a definição da metodologia, é necessário levar em conta o debate entre qualitativo e quantitativo, para que haja uma decisão entre conceituar sua pesquisa através de dados tabulados ou de dados analisados. Segundo Hartmut Günther,

Uma distinção mais acentuada entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa diz respeito à interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo. No caso da pesquisa quantitativa, dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados. Uma inclusão de acontecimentos e conhecimentos cotidianos na interpretação de dados depende, no caso da pesquisa quantitativa, da audiência e do meio de divulgação. Ao mesmo tempo em que um nível maior de abstração pode impedir a inclusão do cotidiano, qualquer passo na direção de uma aplicação de resultados necessariamente inclui o dia-a-dia. O mesmo se aplica para a questão do contexto. A reflexão contínua, obviamente, não é específica da pesquisa qualitativa; deve acontecer em qualquer pesquisa científica. (GÜNTHER, 2006, p.203)

Apesar dessa diferenciação, na hora da escolha do método de aplicação de questionários, estudo de campo, etnografia, os dois termos podem estar associados quando a pesquisa avalia dados de ambos os tipos. Por isso, Marli André (1991) afirma: *“Eu reservaria os termos qualitativos e quantitativos para diferenciar técnicas de coleta ou tipos de dados obtidos e utilizaria denominações mais precisas para determinar o tipo de pesquisa desenvolvida (...).”*

Para a presente pesquisa, optou-se pelo método qualitativo como o predominante na execução, pois a análise dos aspectos histórico-sociais foram capazes de remontar a trajetória do carnaval rio-clarense dentro do estudo. Por ser uma festa popular, em que as pessoas envolvem-se profundamente, somente a análise quantitativa não seria

suficiente: traria números, mas não os posicionamentos e opiniões perante essas mudanças. Para que tal objetivo metodológico fosse alcançado, escolheu-se também a análise de materiais de mídia, nos quais estão implícitos pensamentos da época, e pontos de vista da sociedade antigamente. Utilizou-se o método história oral, pelo qual é possível recolher experiências, opiniões e sensações, tanto antigas quanto atuais das personagens do carnaval, através de depoimentos.

### ***A linha do tempo do carnaval rio-clarense***

No caso específico do carnaval, a história oral é vista como a melhor maneira de preservação da cultura popular, pois é uma linha de pesquisa e resultados através do próprio povo, da sociedade participativa e de suas histórias. Entretanto, outros meios de pesquisa também foram utilizados no presente estudo, para complemento e aprofundamento do tema: análise documental a partir de registros oficiais da cidade que fazem referência ao carnaval, resgate à época do nascimento das escolas de samba rio-clarenses através de material de mídias (jornais, revistas, filmagens) de diversas épocas, para comparação e posterior preservação, além de pesquisa bibliográfica sobre os assuntos em discussão no trabalho. Para análise dos materiais de mídia e documentos, foram utilizadas revistas, fotos e jornais dos arquivos familiares da pesquisadora, assim como pesquisa em jornais, documentos e registros, realizada pessoalmente no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro 'Oscar Arruda Penteado'. Com todos esses métodos juntos, a festividade popular, as crenças e mitos puderam ser recordados e agregados à história, para posteriormente sofrerem novas evoluções e continuarem a traçar o legado do carnaval brasileiro, e do carnaval rio-clarense. Sobre o método história oral supracitado, será ainda abordado mais pra frente neste trabalho, juntamente com os relatos que serão analisados.

A linha do tempo do carnaval de Rio Claro pode ser traçada muito semelhantemente à linha do tempo do carnaval brasileiro, que tem grande referência na cidade do Rio de Janeiro, sobre a qual falamos anteriormente. A evolução do carnaval no Rio de Janeiro é muito semelhante à evolução do carnaval em Rio Claro, pelo que se pode verificar, a única diferença relevante é a época. O carnaval no Rio de Janeiro evoluiu anteriormente ao de Rio Claro, ou seja, foi seu precursor.

O carnaval considerado tipicamente brasileiro, nascido na cidade carioca, apareceu na constante luta com o entrudo, que para Dantas (1909 apud HÖFLING, 2006, p.19) era uma festa desprezível: este falava dela com repúdio. O mesmo procedimento ocorreu em Rio Claro, onde as comemorações carnavalescas começaram a partir do entrudo e do seu posterior combate.

O carnaval sempre teve papel de destaque na passarela da história de Rio Claro. O assunto, mesmo quando não era falado e praticado por todos os rio-clarenses, era comentado de alguma forma, ainda que simplificada nos jornais da época: O Alpha e Diário de Rio Claro.

O entrudo teve a mais solene consagração. Além do confetti em profusão e das serpentinas multicores que trançavam toda a extensão da rua 5 à rua 7, representavam papel saliente as bisnagas de todas as formas e gostos, as seringas de gomma, e até os baldes d'água. Houve momentos que o entusiasmo tocava ao delírio. (JORNAL O ALPHA, 1903 apud HÖFLING, 2006, p.26)

Assim como nas outras cidades brasileiras, o entrudo na Cidade Azul – como a cidade de Rio Claro também é conhecida - foi proibido devido à violência que causava através de suas brincadeiras.

Faço saber que fica expressamente proibido nos dias do carnaval o brinquedo de entrudo com limões de borracha ou de cêra, sendo pela policia inutilizados esses artigos que forem encontrados à venda pelas ruas da cidade; serão presos todas e quaisquer pessoas que brincarem entrudo com líquidos que possa ser prejudicial a outras pessoas. Rio Claro, 5 de fevereiro de 1904. Eu, Alberto Franco, escrivão de policia que escrevi. (JORNAL O ALPHA, 5/fev/1904 apud HÖFLING, 2006, p.27)

Contudo, a referência supracitada é um dos únicos registros que aparecem no Arquivo Público do município sobre o entrudo rio-clarense. Os jornais não noticiavam sobre a repressão policial que acontecia com a festa popular; mas mesmo sem notícias concretas, sabe-se que a repressão acontecia e o entrudo tornou-se cada vez menos freqüente. Entretanto, outra festa precisava substituir as brincadeiras de rua abordadas no entrudo e, então, o carnaval brilhou. Para substituir o entrudo, bailes de máscaras começaram a ser realizados nos clubes da cidade e o povo mais favorecido financeiramente aderiu ao novo modelo. Com a nova forma de comemorar o carnaval, surgiram também outros meios em detrimentos dos bailes: os desfiles de carros enfeitados a caminho dos clubes. Foi então que, entre 1876 e 1877, o carnaval teve revelações: carros enfeitados apareceram de forma inovadora, puxados por quatro bois,

com gente fantasiada em cima e distribuindo licor (HÖFLING, 2006, p.29). Em razão da grande repercussão dos desfiles de carros, os próprios clubes começaram a marcar presença nas ruas. Em meados de 1900, o Grêmio da Companhia Paulista aderiu à atividade e lançou seu primeiro préstito. O desfile dos carros teve mais adeptos devido ao seu local de realização: as ruas. Os foliões eram acostumados com o entrudo e por isso estavam adaptados às brincadeiras carnavalescas ao ar livre.

Paralelamente a estes acontecimentos, o entrudo ainda acontecia de forma proibida, contudo já era mal-visto, causava mortes no Rio de Janeiro e seu repúdio era quase unânime. Além dos carros alegóricos surgiam também os blocos e entre eles o mais famoso: o bloco do Zé Pereira, que era homenageado no sábado, antes dos três dias de Momo. O Zé Pereira foi uma herança portuguesa do bumbo; uma figura folclórica que descia a rigor para a festa, justamente com o intuito de “contrariar” a festa popular. Uma figura representativa da alegria da folia. Em Rio Claro, a tradição era o Zé Pereira receber o Rei Momo na estação ferroviária, e descer a Avenida Um em cortejo até o palanque oficial, onde o Momo recebia a chave da cidade das autoridades e, assim, simbolicamente, instalava a folia no município, como patriarca do carnaval.

A mídia participa ativamente do carnaval de Rio Claro desde estas referidas épocas de carros alegóricos, blocos e bailes de fantasias, e vem aumentando o seu interesse conforme o interesse dos moradores, pois são eles que leem os jornais diariamente.

Com os sucessos dos carros alegóricos na cidade e os clubes apresentando seus préstitos, toma forma então a época das Grandes Sociedades, mesmo tendo ainda alguns vestígios de entrudo e violência.

No Brasil, no final do século XIX, começam a aparecer os primeiros blocos carnavalescos, cordões nos corsos, como resposta política às festividades do entrudo. Surgiram por influência de jornalistas e da repressão policial. A moda do corso surge na primeira década do século XX e, aos poucos, foi substituindo as manifestações carnavalescas mais democráticas, como cordões, blocos, ranchos. (HÖFLING, 2006, p.40 e 41).

As Grandes Sociedades começam a se apresentar nas ruas rio-clarenses e o desfile começa a ficar cada vez mais atrativo e diversificado. Comparecem às ruas nessa época, carros da *Sociedade Philarmônica Rio-clarense* (1º de Junho de 1879), do *Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro* (5 de

Figura 1 - Carro das Flores rio-clarense. Década de 1910 ou 1920. Fonte: HÖFLING, 2006, p.37.

Agosto de 1896), *Sociedade Dramática Dançante Cidade Nova* (28 de Julho 1917), *Grupo Ginástico Rio-clarense* (6 de Janeiro de 1919), além do carnaval ser comandado e incentivado pelo *Club dos Lyricos* - explicação mais adiante neste trabalho -, este patrocinado pelas sociedades recreativas e elites do café (HÖFLING, 2006, p.57).

Com o sucesso das Grandes sociedades e dos ranchos, do desfile de carros enfeitados e dos blocos que ficaram mais conhecidos, apareceu na primeira década do século XX, o curso, que viria a tomar o lugar dos ranchos, grandes sociedades e dos blocos. O curso abrangia tanto o desfile a pé, como o desfile de carros. A notoriedade e relevância de tal modelo ascenderam em 1907, quando as filhas do então presidente Afonso Pena desfilaram no Rio de Janeiro, dentro do carro, a caminho do prédio onde assistiriam a folia. Criaram então a batalha de flores na ocasião do desfile, que viraria batalha de confetes, por serem mais baratos e menos delicados. Foi a partir daí então que a comissão julgadora premiava, durante o desfile, o carro e as fantasias com mais luxo e espírito. O caráter exclusivista e elitista do curso diminuiu conforme foi crescendo a popularização dos carros alegóricos. Na cidade rio-clarense, os carros e cursos reproduziam inspirações das metrópoles, como por exemplo, o Carro das Flores (vide figura abaixo), inspirado no Carro das Flores carioca, que desfilou no início dos cursos em Rio Claro.

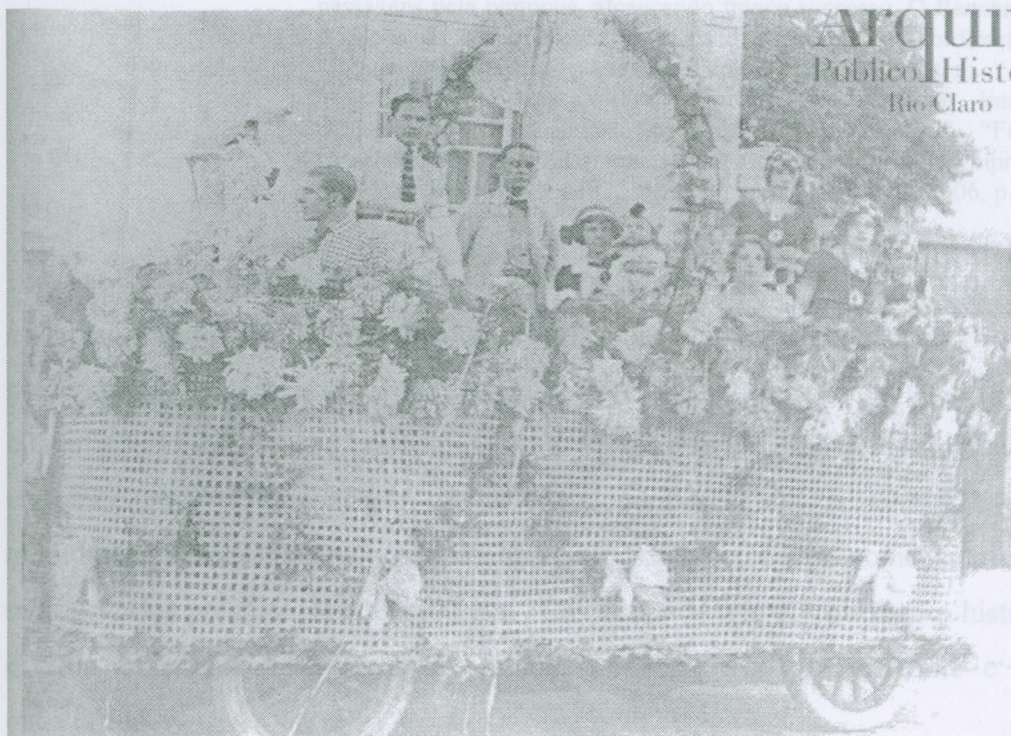


Figura 1 – Carro das Flores rio-clarense. Década de 1910 ou 1920 Fonte: HÖFLING, 2006, p.37.

O carnaval não admite mágoas. São três dias só. Três dias que voam. São mais velozes do que o raio. É o único pedacinho do ano, todo ele sempre tão cheio de tropeços, em que se tem a fagueira impressão de que só sentimos o lado bom da vida. São horas apenas, são minutos que derrubam por terra os preconceitos sociais e nos achamos intimidados a não pensar no dia de amanhã. Qual negócios! Qual trabalho! Obrigações, nada disso! O ano tem 365 dias. Deles se deslocam apenas três para a folia. (DIÁRIO DO RIO CLARO, 11/fev/33 apud HÖFLING, 2006, p.49)

Os cordões e os carros alegóricos estavam fazendo sucesso na época e pode-se visualizar a execução destes desfiles pelo relato abaixo:

O primeiro cordão a descer a Avenida colhendo aplausos geraes foi o do Grêmio, denominado “Do Estrondo e do Barulho”. Estava, realmente, formidável, impressionado pela sua organização (sic) rigorosa e bem apurada. O valoroso pessoal gremista, fez, de facto, uma exhibição devéras brilhante, demonstrando ter se preparado com gosto e disciplina. Brillhou, mesmo, em toda a linha. E foi o mais numeroso que appareceu, que por três vezes, cantando e dansando (sic), desfilou pela pimpona. Á sua frente, a Banda Infernal do maestro Ramalhoff, a nota mais estupendamente cômica da folia rio-clarense. O segundo cordão que o público apreciou, merecendo também sympathica acolhida foi o da Cidade-Nova, bellamente phantasiado, em magnífica apresentação. Faltou, apenas, ao pessoal do Delmino um pouco mais de entusiasmo nas canções carnavalescas.

Depois de conhecidos esses dois cordões, as atenções do publico voltaram-se para o Gimnástico. A fama daquela gente justificava o interesse despertado e que mais ia aumentando à proporção que o relógio andava e...a sempre victoriosa turma do “seu” Oscar não dava signal de apparecer. Mas o Gymnastico soube corresponder à expectativa dos seus numerosos admiradores, quando surgiu na Avenida com aquele brilhante aparato que, distante, se descortinava pelos penachos balanceados no alto. E sob aplausos constantes, o bello cordão, phantasiado a rigor, fez duas passagens pela pimpona, alcançando franco successo. O Rancho Chocolate, o Bloco da Miséria e outros mais alegraram o extraordinário e festivo movimento carnavalesco que teve o domingo de ante-hontem.

No curso, que esteve animadíssimo, surgiram lindos grupos phantasiados, destacando-se os blocos “Não é sopa”, “Futuristas” e “Marinheiros”, da Philarmônica, cheios de entusiasmo, sempre cantando. (DIÁRIO DO RIO CLARO, 11/fev/33 apud HÖFLING, 2006, p.49)

Os grupos que desfilavam pela paulista em estudo saíam animados e fantasiados, e os carnavais de rua eram comandados por Chegadinho, um folião que responde em grande maioria pelo carnaval na década de 1910. Havia também o *Club dos Lyricos*, citado anteriormente, que era formado por pessoas que desfilavam com seus próprios carros enfeitados. Foi a origem dos carros alegóricos na cidade, em 1902, quando os moradores, incentivados pelo sucesso dos carros das sociedades, começaram a produzir seus próprios préstitos para desfilarem. Um carnaval que entrou para a história como divisor de eras carnavalescas na cidade, foi o de 1901 – marcante e de muito entusiasmo.

Com o sucesso do carnaval na cidade, o turismo começou a aparecer. A cidade passou a ser conhecida e promovida como “Capital da Alegria”. Muitas pessoas da região passaram a visitar Rio Claro para assistir ao seu carnaval e hospedagens começaram a ter maior procura.

O Carnaval de 1902 excedeu em tudo ao de 1901. Grande número de forasteiros, gente da roça e até de São Paulo, enchiam a cidade! Os hotéis não tinham mais commodos, dormia-se pelas salas de visitas, pelos corredores, e até no teatro Phenix foram encontrados alguns dos foliões deitados no tablado do palco, por volta de meio dia. (HÖFLING, 2006, p.57).

Juntamente com os desfiles de carros alegóricos, que faziam cada vez mais sucesso entre os moradores, havia também os bailes nos clubes. Na figura a seguir, podemos ver o desfile em frente a um dos clubes, o Phenix, onde mais tarde, também aconteciam os bailes. Em relação à música, também era utilizado o ‘pouf’ - melodia que embalava os cordões carnavalescos.



Figura 2 – Desfile em frente ao Phenix, com representação do Zé Pereira, década de 50. Fonte: HÖFLING, 2006, p.37.

A década de 1930 era marcada por um carnaval mais popular, com corsos, cordões e blocos nas ruas, enquanto aconteciam os bailes nos salões.

“Então, o “Progresso da Mocidade”, “Uma noite de alegria” e o “28 de setembro”, estavam organizando esses cordões carnavalescos nos anos 30...tinham as suas marchas e mais, desfilavam no centro da cidade, mas tinham um diferencial: primeiro passavam os carros, no centro da cidade, né, dos clubes sociais de Rio Claro, da Philarmônica, do Grêmio, e só depois esses cordões negros desfilavam, depois que passaram todos esses carros alegóricos, é...os cordões desses clubes, é que passavam os cordões negros.” (Flávia Pereira, 15 de Julho 2010)<sup>6</sup>

Era um tempo áureo em que apareceram nomes famosos como Carmem Miranda e Lamartine Babo. Em Rio Claro, o apelo para que a prefeitura investisse no carnaval estava começando, contudo, o financiamento só apareceria muito depois. Os clubes e a população criaram cordões e blocos que se tornaram conhecidos e relevantes para a cidade. Como exemplo, pode-se citar o *Cordão do Barulho e do Estrondo*, do Grêmio e o popular *Tenentes do Diabo*, que sofreu influência do Rio de Janeiro. Em 1935 houve a primeira premiação de cordões, quando o Ginástico saiu vencedor. A música que imperava o carnaval nesta época eram as conhecidas marchinhas de carnaval, como “Mamãe eu quero”, de 1937.



Figura 3- Cordão do Estrondo e do Barulho, 1935. Fonte: HÖFLING, 2006, p.41.

<sup>6</sup> Palestra realizada pelo Arquivo Público do Município Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Penteadó’, no dia 15 de julho de 2010, no Centro Cultural de Rio Claro. PEREIRA, F. A. de S. 19º **Bate-papo Cultural – comunidade negra em Rio Claro nos anos 1930 a 1960**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Penteadó’. 15 jul. 2010. DVD-ROM.



Figura 4 – Carro do Diabo e/ou Inferno Sublime. Grêmio Recreativo dos Empregadores da Companhia Paulista, 1937. Fonte: HÖFLING, 2006, p.39.



Figura 5 – Primeiro prêmio do Carnaval, Grupo Ginástico Rio-clarense, 1934. Fonte: HÖFLING, 2006, p.41.

No final dessa década, uma dupla de foliões destacou-se perante as apresentações do “curso carnavalesco” por surpreenderem o desfile a cada ano e tornarem o carnaval ainda mais envolvente para o público: Nelson Sartori e Armando Meira.

Sem dúvidas, Sartori e o amigo Armando Meira foram os precursores dos festejos na Capital da Alegria. Na década de 40, a dupla enfeitava o Fordinho 29, da Família Sartori, e comandava um verdadeiro show no tradicional ‘curso canavalesco’. Eles fizeram inúmeras apresentações em dupla, como: “O Mini-Circo”, “A Bandinha”, “Hitler”, “Escola de Samba”, “O Urso e o Domador”. E a história do carnaval seguiu por muitos anos, sendo que cada um envolvia uma criação diferente e o público já aguardava curioso sobre o que a dupla levaria para a rua no próximo ano. (DIÁRIO DE RIO CLARO, 02/mar/ 2011, p.19)<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Memórias e Histórias. *Diário do Rio Claro*. Rio Claro, 02 mar.2011.Especial de Carnaval “1 de ouro”, p. 19.

Estas duas figuras ilustres do carnaval tanto se destacaram que em 1973 ainda estavam presentes ativamente nos preparativos carnavalescos, como se vê no jornal abaixo, de 14 de Janeiro de 1973:

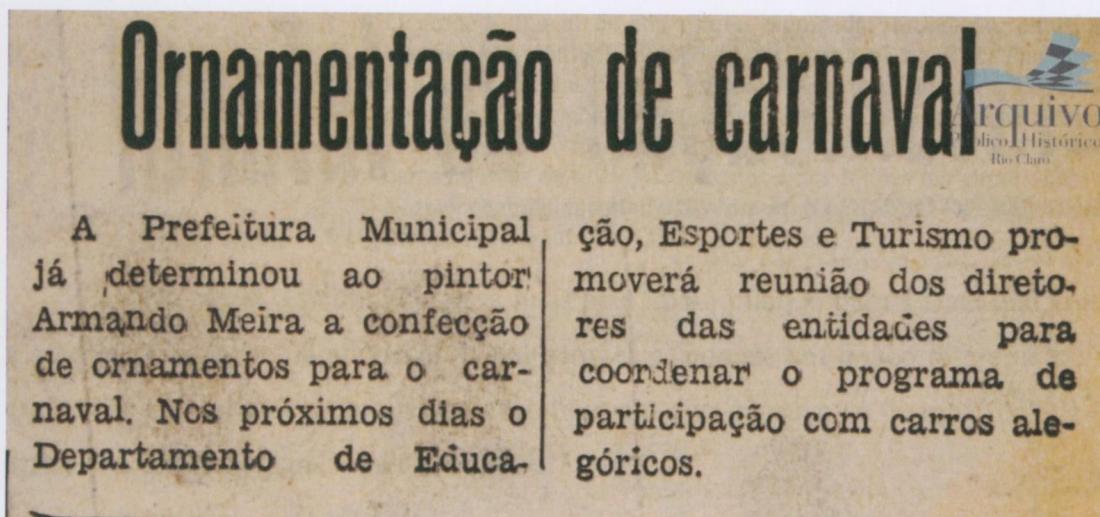


Figura 6 – Recorte do Jornal Cidade de Rio Claro, 14/jan/1973, acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Penteadó’.

Na década seguinte, década de 1940, o carnaval, no entanto, começou a esquivar-se das ruas para majoritariamente estar nos salões.

(...) mas a presença maciça do povo nas ruas revela a experiência proveitosa que é o carnaval: se toda a humanidade a vivesse, haveria menos guerras, preconceitos, racismo, fealdade e tristeza no mundo, embora provavelmente mais fome, desigualdades, loucura e aumento cataclísmico da natalidade e da AIDS. (VARGAS LLOSA, 1999 apud HÖFLING, 2006, p.80).

A oficialização do desfile das escolas de samba já havia acontecido no Rio de Janeiro, em 1932 (GALVÃO, 2009, p.37) e a oficialização em São Paulo só aconteceria na década de 1960 (SIMSON, 2007, p.73). O carnaval de rua rio-clarense perdeu a sua força e sua animação; apenas alguns fantasiados saíam às ruas: “O carnaval de rua que já há alguns anos vem perdendo a sua animação, não apresentou nada do que pudéssemos registrar, a não ser o grande movimento de nossa via principal e o aparecimento de um ou outro fantasiado” (DIÁRIO DO RIO CLARO, 11/fev/1943 apud HÖFLING, 2006, p.83). Juntamente com o desânimo, veio o declínio musical, pois este não tinha muito em que se basear. O que acontecia nesta época era restrito aos salões, como concursos de fantasias que ocorriam em bailes infantis.

<sup>2</sup> O carnaval no grãoio. Jornal Cidade de Rio Claro, Rio Claro, p.8, 8 fev. 1946.

O carnaval vai voltar a brilhar então na década de 1950, segundo o jornal Diário de Rio Claro (p.86), de 28/fev/1952, com o ressuscitado corso em 1952 e pessoas divertindo-se nas ruas:

O nosso carnaval de rua esteve estupendo. Animação, entusiasmo, alegria, nada faltou ao sucesso do Carnaval de Rua. Durante três noites, uma massa popular grandiosa se postou durante todo o trajeto do corso, destacando-se maior em frente ao Excelsior e na avenida 1. A população rio-clarense soube corresponder às atividades carnavalescas de nossas sociedades e dos foliões em geral, vindo para as ruas centrais apreciar e divertir-se. (O DIÁRIO DO RIO CLARO, 28/fev/1952 apud HOFLING, 2006, p. 86)

Os rio-clarenses continuaram a lutar pelo apoio público para a festa que voltava a crescer. Nos salões, a animação ainda acontecia, porém, um pouco diferente do que era na década anterior e do que acontece hoje em dia: dançava-se de rosto colado e as festas não se restringiam somente a shows.

Das mãos mágicas de Edmundo Rosa, vamos verificar no tradicional solar do alto da Santa Cruz, o Grêmio Recreativo, a magnífica e deslumbrante pintura que o “mágico do pincel” idealizou e decorou, denominado: “AS SEREIAS DE NETUNO”, para os numerosos associados e respectivas famílias gremistas para este Carnaval monumental que se aproxima, numa decoração expressiva e sensacional, que virá, por certo, coroar os esforços dos diretores do Grêmio (JORNAL CIDADE DE RIO CLARO, 08/fev/1956).<sup>8</sup>

Surge então, em 1948, o *Cordão da Sociedade Beneficente José do Patrocínio*. Esta sociedade surgiu a partir de um grupo negro da cidade, em 25 de setembro de 1948, já fazendo história no carnaval.

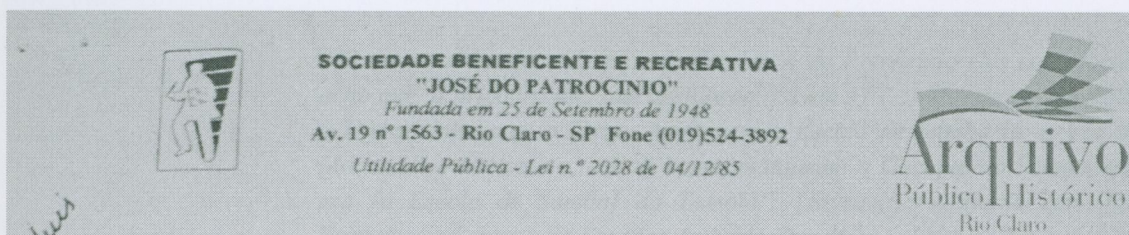


Figura 7 – Cabeçalho de Ata de Reunião da Sociedade Beneficente José do Patrocínio, 10/05/1999, acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Penteadó’.

A partir do incentivo que criação do cordão José do Patrocínio representou começaram a surgir escolas de samba na cidade: primeiramente *Voz do Morro*, e logo em seguida *Tamoio*. De acordo com Especial de Carnaval do Jornal Cidade de Rio Claro (2010), o primeiro desfile de escola de samba na Cidade Azul foi em 1957, pela

<sup>8</sup> O carnaval no grêmio. *Jornal Cidade de Rio Claro*. Rio Claro, p.3, 8 fev. 1956.

primeira agremiação surgida na cidade: *Voz do Morro*. Em entrevista com Durval Augusto, registrada na tese de Flávia Alessandra Pereira (2008, p.187), ele conta que a escola de samba *Voz do Morro*, associada à Sociedade José do Patrocínio, surgiu a partir de um interesse pessoal ao assistir escolas de samba de São Paulo e reafirma o início das escolas de samba na cidade rioclareense.

*“Aqui [em Rio Claro] eu conhecia bloco e cordão carnavalesco, e lá [São Paulo] que eu comecei ver esse negócio de tamborim, cuíca, bumbos e vocal. Nem cavaquinho tinha, era só bateria e vocalistas e pastorinhas, mas já no estilo Escola de Samba (...) De 50, até 53, 54...eu estava lá participando, comprei um tamborim, entrava lá brincando (...) Quando eu cheguei aqui em Rio Claro pra morar mesmo (...) aí topei com um preconceito esquisito aqui em Rio Claro, estranhei, não gostei, ooh. Não tinha carnaval de negro aqui, assim, de rua, não tinha. Tinha os carros alegóricos do Grêmio, Ginástico, Filarmônica e S.D.D.. Só eles. Nós, o máximo que nós podíamos era ficar na calçada assistindo (...) Então estávamos assistindo, e peguei falei puxa vida! Agora que eu estou aqui em Rio Claro eu vou montar uma Escola de Samba. (...) A gente fazia umas peças e montava aqui fora (...) Quando eu montei a escola, 55, nada feito, 56 também, o Mancusi [Ribeiro Mancuso, radialista e vereador em Rio Claro] não admitiu que eu pusesse [a Escola de Samba] na avenida. Quando foi de 56 pra 57, o Sérgio Husni [comerciante local] tinha uma brincadeira que eles tratavam [denominavam Batalha de Confetes], um programa no Variedades [cinema local]. Eu pedi pro Sérgio deixar eu fazer uma apresentação lá no Variedades, já com o estilo [das Escolas de Samba] de São Paulo. Aí a coisa pegou graça (...) aí o povão...[gostou]” [Entrevista com Durval Augusto (PEREIRA, 2009, p.187)]”*

Logo em seguida, surgiu a segunda escola de samba, *Cacique do Samba*. Essa era ligada à outra associação importante na cidade, o Tamoio.

*“57 começou as duas Escolas de Samba. A do Patrocínio eles começaram acho que, o primeiro ano que desfilaram foi em 57 (...) Montaram a escola, o Durvalzinho com o Celso, montaram a Escola de Samba lá, a Voz do Morro. Aí o Nielzolino, o Eidi Tomé, montaram a Cacique do Samba, que era [a Escola de Samba] do Tamoio.” [Entrevista conjunta com Jair Francisco e Leoneta de Lourdes Andrade Francisco – Leoneta em memória, (PEREIRA, 2009, p.187)]*

Foi nesta época então, que o carnaval rioclareense começou a tomar outra forma. A participação dos negros deu outros rumos aos festejos carnavalescos. Como foi um acontecimento relevante, até mesmo o Jornal Cidade de Rio Claro publicou uma nota sobre tal fato:

O Carnaval de Rio Claro teve seus primeiros toques pelo pessoal de cor. Pela animação dessa gente é que o carnaval rioclareense mais se animou de

carnaval, com desfile d  
própria: uma forma geral. O Carnaval rioclarense se impoz e criou vulto pelas magnificas Escolas de Samba... (JORNAL CIDADE DE RIO CLARO, 02/mar/1957 apud HÖFLING, 2006, p.142)

A escola de samba, na época, era formada por apenas instrumentos de percussão e voz (JORNAL CIDADE, 11/fev/2010)<sup>9</sup> e, para Durval Augusto, esta é a diferença entre cordão e escola de samba:

Antes do fato (...)  
festejos, assim como  
comemorar o carnaval  
poder fazer qualquer qu  
(...) a diferença entre cordão e escola de samba é a seguinte: escola de samba possui somente os instrumentos de percussão, como surdo, contra surdo, caixa de repique, tamborim, cuíca, frigideira, reco-reco, afoxé e só toca samba. Os cordões tocam vários ritmos e reúnem diversos instrumentos metálicos e de sopro. Assemelham-se a banda. Não existem alas separadas. (HÖFLING, 2006, p.108)

Foi nesta época então que Rio Claro voltou a agitar com a cultura carnavalesca, pois ela estava “quieta demais” para um local que já havia ganhado o título de cidade mais carnavalesca do interior de São Paulo.

Na década de 1960, para não deixar de lado os altos e baixos do carnaval de rua, os salões começaram a predominar novamente. Enquanto as escolas de samba surgiam, por ainda não terem tradição, o carnaval de rua caiu um pouco no esquecimento e os clubes investiam na decoração de seus salões. Os clubes chamavam artistas com experiência para enfeitar seus espaços e cada um tinha um tema diferente a cada ano.



Figura 8 – Recorte do Jornal Cidade de Rio Claro, 08/02/1956, acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Pentead’.

Ou seja, a competição de carros enfeitados acabou migrando para salões enfeitados e os clubes começaram a solicitar patrocínios para darem maior luxo ao carnaval. Simultaneamente a estes acontecimentos, algumas pessoas tentavam resgatar o valor do carnaval de rua: houve o primeiro grande concurso de resistência carnavalesca para estimular o carnaval em ambiente público. Houve também o primeiro grito de

<sup>9</sup> Décadas de Alegria...e o sonho virou realidade! **Jornal Cidade**. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial Carnaval.

carnaval, com desfile das escolas de samba solicitando auxílio para a construção de sede própria:

(Histórico do enredo de 1996 da Escola de Samba "Os Indaiás"). Além dessas três novas escolas complementares a escola de samba, que (Casamba) era identificada como escola de samba popular.

Importa frisar que todos os espaços nos quais a coletividade negra rioclareense exerceu suas atividades, até 1967, foram o que designamos por espaços intermitentes da raça. O caráter provisório do espaço era reflexo direto da fragilidade econômica que acometia, particularmente os negros em Rio Claro. (PEREIRA, 2009, p.168)

Antes do fato ocorrido em 1957, negros e brancos não se misturavam nos festejos, assim como acontecia deste os entrudos. Cada um tinha a sua maneira de comemorar o carnaval e, normalmente, os negros assistiam ao desfile dos brancos sem poder fazer qualquer questionamento.

Antes de 1957, os negros desfilavam com seus cordões fora do curso (desfile) carnavalesco oficial da cidade, composto pelos carros de luxo das sociedades brancas de Rio Claro. Até 1957, portanto, os negros eram obrigados a esperar a passagem do curso oficial, para só mais tarde realizar o seu desfile, em separado." (PEREIRA, 2009, p.170)

Além da diversão nas ruas, o rico ainda podia desfrutar de outras maneiras de festejo, como os grandes bailes, sempre com muito luxo.

Os ricos, ou seja, gente que pode gastar mais de vinte contos numa noite (sem incluir o preço da indumentária), encham o Municipal, as noites, os grandes bailes dos hotéis de luxo. Convidam atrizes de Hollywood para que elas vejam que eles também sabem se esbaldar, fazem cruzeiros de iate a fantasia pelas águas da Guanabara, promovendo memoráveis farras em ignotos desembarcadouros da baía. Chegam até a confraternizar com o carnaval de gafeira e escola de samba. (HÖFLING, 2006, p.101)

Só que os carnavais de negros geralmente eram os mais animados, pela farra proporcionada em suas festas. Isto se deve à despreocupação dessas pessoas em ter que provar algo pra alguém. A cidade como um todo precisava então animar-se novamente, pois nem os jornais estavam noticiando claramente o carnaval em suas páginas nessa época. Foi neste quesito que o nascimento das escolas de samba em Rio Claro revigorou o carnaval, assim como descreve Flávia Pereira (2009, p.185): "*Produto de maior destaque das associações José do Patrocínio e Tamoio, respectivamente, essas Escolas de Samba forçaram a reconfiguração do carnaval rioclareense em termos de raça.*"

O novo molde do carnaval reacendeu o folião rio-clareense e o povo começou a assistir aos desfiles na década de 1970. A formação e ascensão de duas escolas na cidade "Capital da Alegria" animaram a população: *Cacique do Samba* (Tamoio) e *Voz*

do Morro (José do Patrocínio). Com tal incentivo, surgem outras três escolas: *Os Indaiás* surgiram como bloco em 1973; a *Samuca*, em 1974; e *A Casamba*, em 1976 (Histórico do enredo de 1996 da Escola de Samba ‘Os Indaiás’). Além dessas três novas escolas complementarem o desfile carnavalesco, elas vêm com um novo molde de escola de samba, que contagia os foliões. Esse novo molde (desfile *Samuca* e *A Casamba*) era identificado como escola dos ricos, em oposição à Escola de Samba popular de negros, que surgiram das sociedades. Devido a esses acontecimentos, então, a escola de samba da Sociedade José do Patrocínio, a *Voz do Morro*, vai atrás destes modelos e cria, em 1982, a *GRASIFS – Voz do Morro*, para adequar-se aos novos modos de apresentação das escolas de samba de Rio Claro. A nova escola de samba que veio da renovação de outra importante e precursora escola de samba rio-clarense, não só adaptou-se aos moldes levantados pela *A Casamba* e *Samuca*, mas também ofereceu detalhes e características próprias para o nascimento de um novo carnaval, como por exemplo, as “rumbeiras”, que introduziram as “rainhas de bateria” existentes atualmente.

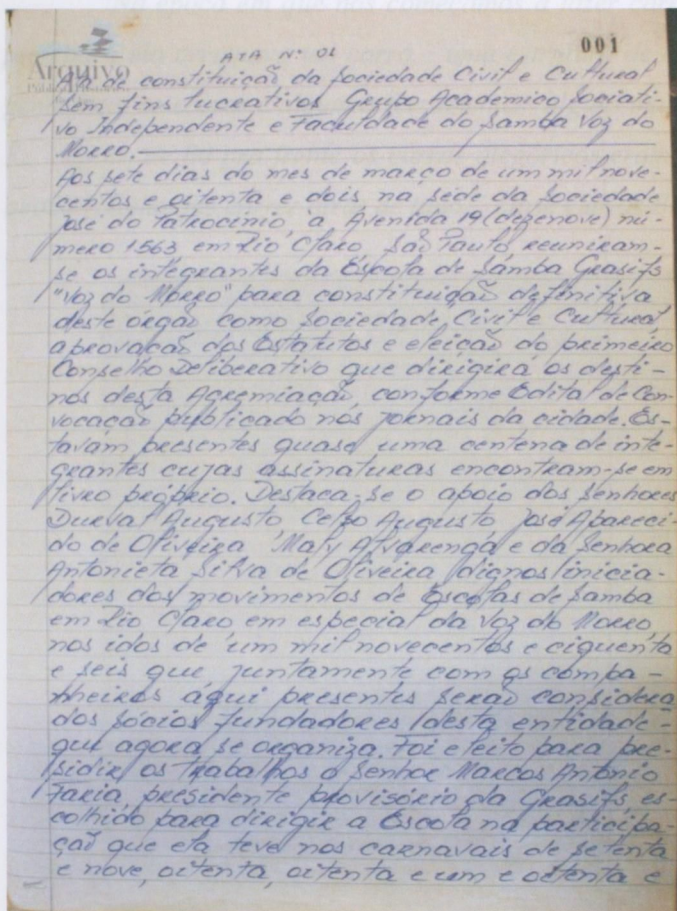


Figura 9 – Ata de constituição da Escola de Samba Grasifs, 7/3/1982, acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Pentead’.

Como *A Casamba* e a *Samuca* surgiram na mesma época, desde então elas criaram grande rivalidade entre si e seus integrantes enfatizam suas diferenças nos depoimentos recolhidos por mim, como a gerente do SESC, que presenciou o nascimento da *A Casamba*:

*“A diferença básica até dessa época, da Samuca pra A Casamba, era que a Samuca era de...a maioria das pessoas [da Samuca] era de gente já radicada na cidade, e na Casamba a molecada precisou sair pra tentar arrumar emprego, ganhar a vida né...”* (gerente do SESC, 2011)

A década de 1980 chegou e o auxílio financeiro da prefeitura ainda não era suficiente. Durante a história do carnaval, houve épocas de maior ou menor ajuda pública oferecida às Escolas, porém, de qualquer maneira, elas sempre tiveram que se esforçar para conseguirem mais recursos, sejam materiais ou financeiros, assim como afirma José Carlos em depoimento recolhido para esta pesquisa, e o resultado apresentase na fotografia a seguir.

*“Na época em que nós começamos a fazer carro alegórico em 1970, de 70 até 80, a prefeitura ela arrumava um carro... uma estrutura de carro, é... disponibilizava um local pra gente fazer os carros e algumas ferramentas, alguns materiais, e você tinha que bancar o resto. É... depois, de 80 pra frente os carros alegóricos eram bancados por quem fazia [vide figura abaixo], tinha que correr atrás de tudo.”* (José Carlos Baungartner, 2011)



Figura 10 - Carro alegórico particular, 1982. Enredo: “Brasil em forma de aquarela”, com alegorias idealizadas pela família Baungartner. Fonte: acervo familiar da pesquisadora.

Além do depoimento oral de José Carlos, integrante da Escola de Samba *UVA*, há uma nota registrada no Jornal Diário de Rio Claro, de 5 de Março de 1981, em que o então prefeito, Nevoeiro Júnior, promete verba para a realização do carnaval seguinte.

Entusiasmado com o Carnaval-81, Nevoeiro Júnior prometeu, em entrevista exclusiva, que dará uma verba de 20 milhões de cruzeiros para o Carnaval 82, mudança do local e construção de arquibancadas.

Com a volta da Casamba e as promessas de maior empenho da Samuca, com a verba prometida, em 82 o rioclarense terá um carnaval inesquecível, para marcar época e dar o devido lugar à “Capital da Alegria”. \*(DIÁRIO DO RIO CLARO, 05/mar/1981, p.1).<sup>10</sup>

Apesar do registro da promessa de ajuda financeira para o carnaval de 1982, não foi encontrado nenhum documento que comprovasse tal fato no ano consecutivo. Com isso e a falta de espaço, o carnaval autêntico acabou perdendo força. Houve tentativas frustradas da criação da Liga Independente das escolas de samba de Rio Claro e a mudança do local do desfile.

Também, se entre cada Escola de Samba existe um espaço necessário de 200 metros. Assim, muito bem poderiam os carros alegóricos, ausentes nesse ano [1983], voltar a participar acabando com as lacunas e não deixando a tradição morrer, e nem cair o nível. Que volte o Grêmio, a SDD, o Ginástico, o “Cobrão” para não deixar seus carros alegóricos caírem no esquecimento. \*(DIÁRIO DO RIO CLARO, 17/fev/1983, p.2)<sup>11</sup>

Com o aumento das alegorias em tamanho e quantidade, o desfile nas ruas do centro começou a tornar-se inviável, e por isso ele foi transferido para a Avenida Visconde do Rio Claro, em 1984; mesmo ano da construção do sambódromo no Rio de Janeiro, segundo a Revista Fatos e Fotos (1984), uma referência de peso para o carnaval rio-clarense (JORNAL CIDADE, 02/mar/2011, p.12).<sup>12</sup> Passou posteriormente por rápidos momentos na Avenida Presidente Kennedy, em 2000 (JORNAL CIDADE, 11/fev/2010, p.24-25)<sup>13</sup>, e pelo Estádio Municipal Doutor Augusto Schimdt Filho em 1993. Contudo, após a mudança do local, sem o auxílio da prefeitura e elevação dos

<sup>10</sup> Samuca é outra vez a grande campeã! *Diário do Rio Claro*. Rio Claro, ano XCIV, n. 26.906, p.1, 05 mar. 1981.

<sup>11</sup> Editorial. *Diário do Rio Claro*. Rio Claro, ano 96, n.27.494, p.2, 17 fev. 1983.

<sup>12</sup> Vem quem quer do jeito que quiser. *Jornal Cidade*. Rio Claro, n. 2, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval, p. 12.

<sup>13</sup> Curiosidades. *Jornal Cidade*. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial Carnaval, p.24-25.

preços de materiais, as escolas começaram a ficar gradativamente com um visual pobre. Com todas essas mudanças, os organizadores carnavalescos começaram a ficar inseguros com a fidelidade das escolas na participação anual e, por isso, começaram a promover shows populares na tentativa do resgate do carnaval primitivo. Além dos shows, foram criados e promovidos outros eventos como o Baile dos Anos Dourados, no Jardim Público e a Banda do Veneno, criada em 1986, um mini trio elétrico circulando as ruas do centro, aonde as pessoas vão “como quiserem”. A banda foi criada a partir de um Plano B daqueles que não concordavam com a mudança do local dos desfiles e se encontravam para discutir o assunto na Esquina do Veneno.

No início da década de 1980, os desfiles das escolas de samba ganharam força. Com o aumento do tamanho e da quantidade de alegorias, o desfile na área central ficou prejudicado.

Em 1984, aconteceu o primeiro desfile das agremiações carnavalescas na Avenida Visconde, local onde a festa popular se mantém até hoje. Com isso, grupo de amigos que se encontravam diariamente na Esquina do Veneno, discordando da mudança de local dos desfiles começaram a projetar um Plano B para que o Centro não ficasse fora do calendário dos foliões.

Em 1986, por intermédio de muitos colaboradores, entre eles, Mario e Cida Yabuki, Marcos Welmur, Milton Luz, João Zaine, entre outros, é criada a banda do Veneno.

No primeiro desfile, cerca de 100 pessoas estiveram presentes. O grupo foi ganhando novos adeptos, ano a ano, sempre mantendo a tradição de desfilar no Centro na sexta-feira de Carnaval. (JORNAL CIDADE, 02/mar/2011, p. 12).

No mesmo ano, surge mais uma escola de samba: a *Unidos da Vila Alemã* (UVA), incrementando a lista de escolas de samba a desfilar, segundo os entrevistados Eda Maria e José Carlos:

*“Sou de Rio Claro mesmo, nasci aqui, vivi aqui, e nós fomos um dos fundadores da escola de samba UVA que é Unidos da Vila Alemã, isso em 1985, e ela desfilou a primeira vez em 1986 (Eda Maria=1987!...). A desculpe (risos), 86 e ela desfilou a primeira vez em 1987!”*  
(Entrevista conjunta com José Carlos Baungartner e Eda Maria Pizzirani Baungartner, 2011)

e conseqüentemente criando mais concorrência e importância para o evento popular, conforme falou a gerente do SESC:

*(...) essa competição [entre as Escolas de Samba], entre outras, ela é muito saudável. Ela é muito saudável, porque assim...ficou um monopólio o tempo que a Casamba não estava saindo [1981, 1985, 1986, 1994, 1996 e 1997], aí assim, parece que não lutava, a Samuca ficou com o monopólio, né?! Então fica um carnaval meio sem-graça, não tem atrativo nenhum pras pessoas virem, porque não tem atração. Não vou lá pra ver uma escola, ninguém vai. É exatamente isso de: "nossa, vou esperar a Uva", "nossa, vou esperar a Casamba", "vou esperar a Grasifs", sabe...tem esse movimento. Porque o carnaval de Rio Claro começou a ficar assim. (gerente do SESC, 2011)*

Com o surgimento da UVA, o carnaval começou a ficar cada vez mais disputado, portanto, ia melhorando e surpreendendo a cada ano: "Fundada em 23 de março de 1986, a então caçula Unidos da Vila Alemã (UVA) deu dor de cabeça para as concorrentes." (JORNAL CIDADE, 11/fev/2010, p.24). Mesmo com todos os problemas causados pela restrição do local e pela falta de verba, a década de 1980 foi deveras relevante na história do carnaval rio-clarense, principalmente pelas novidades que trouxe. Foi quando a cidade ganhou o apelido de "Capital da Alegria".

A década de 1980 simbolizou um marco na história do carnaval de Rio Claro. Nesse período, escolas de samba, definitivamente, abandonaram a característica de blocos para ganhar novas dimensões com alegorias nunca vistas antes pelos amantes da folia. Aquela década apresentou-se também como um 'divisor de águas' por se tratar do período em que a festa momesca deixou de ser realizada na área central, último desfile foi em 1983, para criar nova identidade na Avenida Visconde do Rio Claro (JORNAL CIDADE, 02/mar/2011, p.24).<sup>14</sup> Abaixo, temos duas fotografias (figuras 10 e 11) que representam a ascensão das escolas de samba na década de 1980.

Figura 12 – Carro alegórico "Carrossel da Alegria", escola de samba Samuca, 1982. Carro alegórico "Capital da Alegria", com o qual a escola conquistou o 2º lugar. Foto: acervo familiar da pesquisadora.

No final dos anos de 1980, a partir majoritariamente da década de 1990 até os dias atuais, o carnaval vem crescendo a cada ano, sendo valorizado e aprimorado.

<sup>14</sup> AUGUSTO, Emerson. 28 anos de folia em "dois dedos de prosa". **Jornal Cidade**. Rio Claro, n. 2, 02 mar.2011. Especial de carnaval, p. 24-26



Figura 11 – Comissão de Frente, escola de samba A Casamba, 1980. Fonte: Site Oficial da Escola de Samba A Casamba (<http://www.acasamba.com.br/>).



Figura 12 – Carro alegórico “Carrosel da Alegria”, escola de samba Samuca, 1982. Enredo: “Capital da Alegria”, com o qual a escola conquistou o 2º lugar. Foto: acervo familiar da pesquisadora.

No final dos anos de 1980, a partir majoritariamente da década de 1990 até os dias atuais, o carnaval vem crescendo a cada ano, sendo valorizado e aprimorado.

<sup>18</sup> Equilíbrio entre as escolas deixa disputa mais acirrada. *Jornal Cidade*, Rio Claro, ano LXII, n. 19.262, 23 fev. 1996. *Coluna Intervalo*, p.7.

O carnaval de Rio Claro neste ano de 1988, a julgar pela avenida e por tudo o que apresentaram as escolas de samba, sem dúvida foi o melhor de todos os tempos. O público compareceu em massa para prestigiar esse evento e

não se arrependeu, pois marcou época, principalmente numa cidade como Rio Claro, que em comparação com outra cidade da região, tem um carnaval superior a Campinas.(...) Segundo, o prefeito a passarela do samba necessita de algumas alterações pois está crescendo a cada ano, e já deixa de ser um carnaval de amadores. (...) Kal acredita ser necessário a diminuição do percurso do desfile, que atualmente é o maior do Brasil, com 1.200 metros. (...) Ainda na questão referente as arquibancadas, para 89, elas serão cobertas, evitando o afugentamento do povo na avenida em dias de chuva como na terça-feira de carnaval. (...) O prefeito Kal Machado também pretende no ano que vem preencher a segunda-feira, ou no espaço livre ou mesmo na passarela do samba, com o trio elétrico animando o pessoal. Essa idéia é explicada pelo prefeito, devido ao grande número de nordestinos residindo em Rio Claro, estimada em mais de 30 mil habitantes. Outra proposta de Kal é recheiar os intervalos cansativos entre o desfile de uma escola de samba e outra, com apresentação de carros alegóricos dos clubes, e da indústria, comércio, além de criatividade de carros bolados pelas famílias rioclarenses.\*(DIÁRIO DO RIO CLARO, 18/fev/1988, p.3)<sup>15</sup>

No começo dos anos 1990, com os incentivos da prefeitura e arrecadações das próprias escolas de samba, as agremiações desenvolviam-se gradativamente.

Após a não realização do desfile de rua em 1992 e o fraco carnaval ocorrido no Estádio Municipal, em 1993, a Comissão Organizadora do Carnaval (COC) e os dirigentes das escolas de samba conseguiram nos últimos dois carnavais retomar o caminho correto da cidade, que chegou a fazer o quinto melhor carnaval do país. Porém, antigos problemas ainda existem. Entre eles, a falta de barracão para guardar as alegorias. A Samuca é a única escola de samba que possui sede própria. \*(JORNAL CIDADE, 23/fev/1996, p.7)<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Sonorização na Visconde será a grande inovação para 89. **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, ano CI, n. 451, p.3, 18 fev.1988.

<sup>16</sup> Equilíbrio entre as escolas deixa disputa mais acirrada. **Jornal Cidade**. Rio Claro, ano LXII, n.19.262, 23 fev. 1996. Caderno Intervalo, p.7.



Figura 13 – Carro alegórico “Especiarias das Índias”, escola de samba UVA, 1997. Enredo: “Navegar foi preciso”. Fonte: acervo familiar da pesquisadora.

Contudo em 2000, após a apresentação daquele ano, o desfile carnavalesco foi proibido por uma ordem municipal da cidade de Rio Claro, levando em consideração a prestação de contas das agremiações.



Figura 14 – Documento do acervo Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar Arruda Penteado’ referente à cobrança de prestação de contas das Escolas de Samba rio-clarenses, 30/03/2000.

Por isso houve uma paralisação na apresentação dessas escolas por quatro anos, fato que foi extremamente prejudicial para a atratividade e progresso do carnaval na cidade. O carnaval estagnou e houve um declínio das escolas de samba. Para Marco Aurélio, em matéria publicada no Jornal Cidade, especial de carnaval (02/mar/2011, p.24), o péssimo trabalho carnavalesco entre 1997 e 2004 possibilitou a criação de uma nova mentalidade entre os rio-clarenses. Ricardo, por exemplo, diz que:

*“[A paralisação] prejudicou demais... e não digo só a Samuca mas, principalmente geral. Uma vez, pra DROPS [revista local], pra revista lá, eles fizeram uma matéria sobre o carnaval, tal...e eu dei um depoimento lá, e eles até aproveitaram. Que no meu ponto de vista, eu acho que Rio Claro era pra ser, em relação ao Carnaval assim como Barretos é pra Festa do Peão. Se lá atrás, na década de 80, teve um auge, tivesse um pouquinho de apoio político, coisa que infelizmente Rio Claro não tem, em nenhum setor, muito menos turismo e carnaval...se tivesse um pouquinho de apoio, o carnaval era pra estar hoje muito maior, sabe? (...) [Atualmente] Carro alegórico você tem que fazer até a medida do semáforo, porque senão não passa, sabe, uns absurdos que se você parar pra pensar: 2011 não era pra ter isso há muito tempo já, entendeu? Então, acho que só prejudicou. Esse tempo parado, até você reunir o pessoal outra vez...tem uma faixa etária assim, não só da Samuca, mas de todas as escolas, que desacostumaram a ficar na cidade pra participar dos desfiles ou pra participar do Carnaval na cidade, nos salões, nos blocos...então, de repente com essa paralisação, muita gente começou a viajar... (...) É então, aí hoje em dia o pessoal já tá vinculado a todo carnaval a ir pra praia, ou pra ir pra tal lugar, então, muito por conta dessa paralisação, com certeza.” (Entrevista com Ricardo Barros, mestre-bateria da Samuca, 2011)*

Em 2005 o desfile foi permitido novamente, contudo, a maioria das escolas, por não possuir sede própria, não tinha condições de sair estruturada em apenas alguns meses. Portanto, a única escola a desfilar neste ano foi a *Samuca*, única que possuía sede própria e conseguiu continuar a promover eventos mesmo durante a paralisação. No ano seguinte, em 2006, além das tradicionais agremiações que já desfilavam anualmente como *A Casamba*, *UVA*, *Samuca* e *Os Indaiás*, mais três escolas de samba compareceram à avenida: *Porto Crystal*, *Pavão de Ouro* e *Renascer*. Desde a paralisação, fica claro que a *Samuca* sai mais estruturada do que as outras escolas, contudo, a cada ano suas concorrentes também se vão estruturando e elevando o nível de sua apresentação. No final de 2009, as escolas de samba *UVA* e *Casamba* também

adquiriram sedes próprias, o que favoreceu o progresso de cada uma, por auxiliar a realização de eventos e conseqüente arrecadação de fundos. É o que conta José Carlos:

*“Aqui em Rio Claro as quatro escolas de samba [sobre sedes próprias]: a Samuca recebeu o terreno, quem construiu [a sede] foram os integrantes; a Casamba recebeu um salão que não era usado da prefeitura, a UVA fez um acordo com um clube, o salão de um clube que não tava sendo usado. E a Grasifs construiu uma sede há muito tempo, depois ela tava com problemas, aí a prefeitura ajudou na reforma, mas foram eles que construíram.” (Entrevista com José Carlos Baungartner, 2011)*

Atualmente, o desfile das escolas de samba, continua acontecendo na Avenida Visconde do Rio Claro, e recebe 50 mil espectadores. “Em apenas seis dias de venda esgotaram-se os ingressos para vários setores de arquibancada para os desfiles de rua do carnaval de Rio Claro”. Segue fotos do desfile nos tempos atuais de três escolas de samba: *Grasifs*, *Samuca* e *UVA* consecutivamente. (DIÁRIO DO RIO CLARO, 02/mar/2011, p.4)<sup>17</sup>



Figura 15 – Bateria escola de samba Grasifs, 2011. Enredo: “A faculdade é do samba, sim senhor!”  
Fonte: Jornal Cidade online, 27/mai/2011.

Figura 17 – Comissão de Frente, escola de samba UVA, 2011. Enredo: “Ki Loucura”. Fonte: acervo familiar do pesquisadora.

<sup>17</sup> Tudo Pronto. A organização que faz o Carnaval ser mais que especial. *Diário do Rio Claro*. Rio Claro, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval, p. 4.



Figura 16 – Carro “Abre-alas”, escola de samba Samuca, 2011. Enredo: “Não me leve a mal...hoje é carnaval!” Fonte: Site Oficial Escola de Samba Samuca (<http://www.escoladesambasamuca.com.br/>).



Figura 17 – Comissão de Frente, escola de samba UVA, 2011. Enredo: “Ki Loucura”. Fonte: acervo familiar da pesquisadora.

Para o futuro, a construção de um sambódromo é assunto em pauta tanto nos órgãos públicos quanto entre o povo, há alguns anos. As opiniões divergem: há tanto pessoas contra, que pensam que os recursos financeiros da cidade não devem ser

investidos em uma obra como o sambódromo, quanto pessoas que defendem a construção por achar que assim haverá maior demanda turística na cidade.

Olhando pelo lado negativo, Flávio Eduardo opina: “*A cidade tem outros problemas mais urgentes a serem resolvidos. Não acho que seria o momento para se investirem recursos na construção de um sambódromo, pelo menos por enquanto*”. (JORNAL CIDADE, 8/mar/2011, p. A-2). Já olhando pelo lado positivo, Nilton Moura de Souza pensa que “*Rio Claro precisa sim de um Sambódromo. A Visconde do Rio Claro já não comporta mais o nosso Carnaval. Um espaço maior para ele irá garantir maior atração de turistas ao município*”. (JORNAL CIDADE, 8/mar/2011, p. A-2).<sup>18</sup>

Como esta é uma pauta permanente em discussões sobre o Carnaval, Flávia Pereira, na apresentação de sua tese em um bate-papo cultural promovido pelo Arquivo Público e Histórico ‘Oscar Arruda Penteadó’, fez também suas considerações.

“*Olha, eu acho que temos aí, uma outra gaveta [construção do sambódromo] a ser pesquisada né? Isso está ligado mais às demandas contemporâneas aqui do século XXI. Eu particularmente acho interessante, mas teria que pesquisar um pouco mais pra falar com mais dados sobre isso. Eu acho interessante, até porque Rio Claro não é conhecida como Capital da Alegria à toa, ela tem um diferencial, ela é diferente quando você pega e pesquisa as manifestações carnavalescas daqui. Há um diferencial, e acho que quanto mais isso for fomentado, mais ganho tem as comunidades diretamente envolvidas e a cidade como um todo.*” (PEREIRA, 15 de Julho de 2010)

Assim como boa parte dos foliões, Jovair Augusto, em matéria publicada no Jornal Cidade, especial de carnaval (02/mar/2011, p.24), acha que o carnaval rio-clarense deve começar a se profissionalizar e a construção de um sambódromo é um excelente primeiro passo.

Quando se fala em sambódromo é preciso agregar na mesma área espaço para a construção de barracões às escolas e acesso ao transporte coletivo. Por isso, observando todas as possibilidades, não vejo outra alternativa a não ser o local onde hoje estão as oficinas ferroviárias entre as Avenidas 8 e 24, no Centro. (JORNAL CIDADE, 02/mar/2011, p.24)

<sup>18</sup> Na sua visão, Rio Claro deve investir na construção de um Sambódromo? *Jornal Cidade*. Rio Claro, ano LXXXVI, n. 23.804, 08 mar.2011. Opinião Pública, p. A-2.

Um carnaval que faz cada vez mais sucesso e abrange um público cada vez maior: “*num amplo calendário carnavalesco, a COC organizou micareta, baile à fantasia, shows populares, matinês, desfiles de blocos e escolas, ou seja, eventos que não deixarão ninguém de fora da folia*”. (DIÁRIO DO RIO CLARO, 02/mar/2011, p.4). Nos últimos desfiles, até personalidades compareceram ao carnaval de Rio Claro, pois cada vez mais as escolas estão contratando artistas globais para abrilhantar a festa.

Consolidar o carnaval de rio claro como um dos melhores do eixo Rio-São Paulo. Com esta meta traçada, escolas de samba não estão poupando esforços para abrilhantar a festa na avenida visconde. Neste ano [2011], as agremiações carnavalescas confirmaram reforços “de peso” que certamente vão atrair a atenção do público de diversas cidades, bem como a grande imprensa. (JORNAL CIDADE, 02/mar/2011, p.6)<sup>19</sup>

Atualmente, o carnaval de Rio Claro está novamente ganhando força. Suas escolas de samba superam-se a cada ano e outras maneiras de comemorar a festividade estão tomando espaço na cidade. Os clubes, por exemplo, que sempre existiram, mas só eram freqüentados pela elite, hoje possuem a presença de camadas mais populares da sociedade, principalmente o Grêmio. Dos clubes atuantes antigamente, somente dois resistiram às épocas: Grêmio e Ginástico. O Ginástico continua mais restrito quanto aos freqüentadores do que o Grêmio, mas nada comparado aos tempos passados. Os clubes hoje se sustentam pelos foliões que assistem aos desfiles e insistem em continuar a folia. Por isso, os bailes nos clubes começam somente depois que o desfile nas ruas acaba. “*Após os desfiles na Avenida Visconde do Rio Claro, os foliões contam com mais diversão nas noites de Carnaval. Os clubes contam com programação especial para animar o reinado de momo*”. (JORNAL CIDADE, 11/fev/2010, p.28)<sup>20</sup>

Os clubes, além de fazerem a alegria daqueles que desejam aproveitar ao máximo as noites de carnaval, também divertem as crianças. São realizadas matinês para os menores normalmente em dois dias de Momo. Desse modo, agradam também às famílias que ficam na cidade para assistir aos desfiles na avenida e podem levar seus filhos para aproveitarem um pouco do carnaval dos salões.

<sup>19</sup> Artistas projetam o Carnaval da capital da alegria. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n. 2, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval, p. 6.

<sup>20</sup> CLUBES. **Diversão nos dias do Reinado de Momo**. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial de Carnaval, p.28.

Na avaliação do presidente José Renato Gonçalves, os três dias de desfile das escolas de samba são decisivos para o sucesso das cinco noites e duas matinês do Grêmio. “Com o espetáculo na avenida os nossos associados deixam de programar viagens e ficam para prestigiar o carnaval na rua e no salão do clube”, comenta. (JORNAL CIDADE, 07/fev/2008, p. 14)<sup>21</sup>

Quanto aos blocos, eles estão nascendo novamente na cidade de Rio Claro. Os blocos já foram peça importante da folia, já foram precursores de atuais escolas de samba, e por um tempo ficaram desaparecidos. Ultimamente, eles têm retomado as suas brilhantes atuações e ganharam novamente espaço no calendário do Carnaval.

Desfilar sem se preocupar com os olhos atentos dos jurados e poder cumprimentar parentes e amigos ao longo do trajeto. O sonho de qualquer folião que integra escolas de samba vai ser materializado no sábado de Carnaval através dos blocos. (...) A Comissão Organizadora do Carnaval (COC) inovou neste ano. Ao abrir espaço para o desfile dos blocos, surpreendeu. O nível da organização merece elogios. (JORNAL CIDADE, 11/fev/2010, p.26-27)<sup>22</sup>

Com isso, mantém-se também o desfile das escolas de samba em alta, sendo que elas surgiram de antigos blocos, ou seja, eles são os embriões das grandes agremiações. Na avaliação de Djalma de Paula, a abertura para que blocos cresçam e tornem-se escolas de samba é a sobrevida do carnaval de Rio Claro. (JORNAL CIDADE, 02/mar/2011, p.26). E, segundo Vagner Llari, presidente da COC, a iniciativa de revivê-los é que “*nos blocos o folião, literalmente, incorpora um personagem, mantendo viva a alma e essência do Carnaval*”. (DIÁRIO DO RIO CLARO, 11/fev/2010, p.3)<sup>23</sup>

Nos últimos anos, a tradição do bloco está sendo revivida nas ruas e avenidas, mesmos locais onde costumava acontecer. No ano de 2011 eles saíram aos sábados em dois tipos de apresentações: os blocos-folia e os blocos-escola. Os blocos-folia são grupos que são organizados como os antigos “cordões”, nos mesmos moldes de antes.

<sup>21</sup> DA REDAÇÃO. Grêmio tem salão lotado no último dia de folia. *Jornal Cidade*. Rio Claro, ano LXXIII, n. 23.008, p.14, 07 fev.2008.

<sup>22</sup> BLOCOS. A irreverência ganha espaço na Avenida Visconde do Rio Claro. *Jornal Cidade*. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial Carnaval, p.26-27.

<sup>23</sup> Uma organização gigantesca - a ópera popular recebe atenção especial. *Diário do Rio Claro*. Rio Claro, 11 fev. 2010. Especial de Carnaval “1 de ouro”, p. 3.

Já na categoria bloco-escola, os participantes obedecem a exigências semelhantes às escolas de samba, tendo que apresentar bateria, casal de mestre-sala e porta-bandeira, ala das baianas, entre outros intencionalidades. Os blocos-escola são considerados embriões de futuras agremiações, como “*Acadêmicos do Tabajara*”, “*Império do Samba da Vila Paulista*”, “*Gaviões da Fiel*” (DIÁRIO DO RIO CLARO, 02/mar/2011, p.14)<sup>24</sup>

Ou seja, todos estes elementos e fatos históricos constituem o que é hoje em dia o carnaval rio-clarense. Mudanças e evoluções são constatadas no meio do caminho, mas que continuam escrevendo a história de um carnaval do interior paulista. Ele consiste em uma festa não somente com um modo de comemoração, mas da combinação de diversos modos, que se foram modificando e aperfeiçoando ao longo dos tempos. Assim como em qualquer empreendimento, há sempre um carro-chefe; na cultura popular de Rio Claro destaca-se o carnaval de escolas de samba. Com esse diferencial, a cidade pode explorar essa festa como um atrativo turístico em potencial crescimento e, por isso, a Secretaria Municipal de Turismo da cidade de Rio Claro já trabalha em conjunto com a Comissão Organizadora do Carnaval (COC) na época da folia.

De qualquer maneira, com a linha do tempo do carnaval elaborada, podemos ter uma maior noção da ordem e proporção dos acontecimentos. Com essa ferramenta, poderemos analisar agora alguns itens em especial que caracterizam uma mudança no modo de comemorar ou perceber o carnaval rioclarense.

### ***Análise das entrevistas***

O presente trabalho visa obter resultados a partir da memória e experiência das pessoas que vivenciaram o início da história do carnaval na cidade de Rio Claro e de muitas que vivenciam até os dias atuais. Para este tipo de análise, foram coletados depoimentos através do método 'história oral', que consiste na coleta de dados através de relatos daqueles que possuem lembranças em relação ao tema estudado, enquanto documentos e registros oficiais do mesmo tema são difíceis de ser encontrados por serem escassos em registros escritos.

---

<sup>24</sup> Blocos e o resgate à tradição dos cordões. *Diário do Rio Claro*. Rio Claro, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval “1 de ouro”, p. 14.

Em texto escrito por João Meihy (2005, p.12), define-se história oral como uma percepção do passado e presente: *“a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”*. É isso que marca a história oral como *“história viva”*.

História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. (FREITAS, 2006, p.18)

Pelo fato de ser raro encontrar textos e documentos que oficializem a evolução do carnaval na cidade de Rio Claro, será necessária a utilização de história oral como via de registro de relatos, para uma análise qualitativa do objeto de pesquisa na cidade em questão. Com os recursos eletrônicos hoje existentes, a história oral é claramente possível, já que ela conta com meios como a filmagem e a gravação para que os seus depoimentos sejam preservados, ou seja, todos os materiais coletados serão guardados para um possível registro digitalizado e documentação.

É claro que atualmente não se pode pensar em história oral sem o equipamento de gravação, de áudio ou vídeo: é o gravador que permite falar em produção de documento, no retorno à fonte, na montagem de acervos de depoimentos, na autenticidade de trechos transcritos e na análise de entrevistas. Uma entrevista que não pode ser gravada é apenas uma entrevista durante a qual o pesquisador certamente faz anotações de próprio punho, adquire conhecimento e subsídios para trabalhos posteriores, mas à qual não pode retornar para checar informações, tirar novas conclusões, recuperar associações, ou ainda reavaliar sua análise. Durante a realização de uma entrevista de história oral, o gravador evoca a presença virtual de outros ouvintes, do público e da *“posteridade”*. (ALBERTI, 2005, p.112)

O método história oral é majoritariamente usado quando não há registro, nem documentação em relação ao contexto estudado, ao objeto de pesquisa. Diferente de antigamente, quando os depoimentos eram baseados em anotações ou na memorização, os recursos eletrônicos existentes facilitam a preservação dos relatos. Segundo afirmação de Meihy (2005, p.20), *“é fundamental garantir que não se pretende uma história oral em que os recursos tecnológicos supram a necessidade dos contatos diretos. Assim, deve ficar claro que não se faz entrevista por telefone ou por qualquer outro artefato que anule a relação humana, direta.”* A relação humana torna-se fundamental em pesquisas que utilizam o método história oral, pois a troca de experiências é bastante enriquecedora e favorável ao resultado do trabalho. *“Uma entrevista é uma troca de experiências entre duas pessoas.”* (FREITAS, 2006, p.92)

Por ser um método que usufrui do resgate ao passado, há uma relação nostálgica entre o entrevistado e o objeto de pesquisa, pois o foco do estudo muitas vezes traz aspectos significativos àquele que relata, por se tratar de acontecimentos importantes e

relevantes ao entrevistado. Essa nostalgia é combatida por alguns pesquisadores como delimitadora do conteúdo em si pesquisado: “*Muitos combatem uma tendência saliente em alguns grupos que percebem a história oral como uma recorrência nostálgica, saudosista, e por isso alienada próxima do que era negativamente reconhecido como subjetivo.*” (MEIHY, 2005, p.24). Para outros pesquisadores, porém, essa característica é enriquecedora, principalmente pelo fato de possibilitar a expressão de emoções, que são ricas fontes de análise quanto a relação e influência que o objeto de pesquisa exerce sobre o público-alvo.

A boa narrativa independe das contradições, da duração e da “verbosidade” dos depoentes. A boa narrativa é a que coloca a emoção, as paixões e a saudade em plano de destaque, mas, lamentavelmente, esses sentimentos quase sempre são vistos como inimigos da ciência objetiva. (FIGGOT apud BORDONAL, 2011, p.165)

Devido justamente a essa relação nostálgica, a história oral é associada e, às vezes, até confundida com memória. Apesar de as duas remeterem a acontecimentos do passado, elas não têm o mesmo significado, apenas se correlacionam. Podemos dizer que a memória é um elemento presente na história oral. Esta é posteriormente documentada. Para a diferenciação dos dois conceitos pode-se afirmar que memória se apresenta na fase oral, e história oral consiste na formalização do escrito.

Há uma última dimensão em que os campos da história e da memória se entrelaçam, uma dimensão em que a história oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a história oral possibilita. (FERREIRA & AMADO, 2006, p.78)

Além de também haver necessidade de diferenciação entre memória e história oral, é necessário distinguir memória grupal ou individual: a individual baseia-se no pensamento e relatos de uma única pessoa, sem sofrer influência de demais. A grupal tem outra relevância para o trajeto histórico, já que não depende da preferência de um único indivíduo, não sabendo se essa prioridade pessoal era de fato costume da época. (SOUZA & CRIPPA, 2010, p.77)

(...) a exploração coletiva de histórias de vida em projetos participativos pode ajudar as pessoas a reconhecer e valorizar experiências que foram silenciadas, ou a enfrentar aspectos difíceis e dolorosos de suas vidas. (FERREIRA & AMADO, 2006, p.71)

Nesta etapa da pesquisa pretende-se analisar, de maneira mais específica, os relatos coletados através da história oral. De início, os entrevistados ficaram de certa forma encabulados, como se não tivessem nada a acrescentar. Porém, com o tempo, perceberam que qualquer experiência de vida contada configurava dados ricos e bastante relevantes para a pesquisa.

A maioria dos entrevistados já eram conhecidos da pesquisadora. A mesma já sabia que estas personagens tinham envolvimento direto com o carnaval. Alguns são pessoas de diferentes perfis abordadas na rua durante o desfile, que demonstraram suas diferentes opiniões. Outros entrevistados prontificaram-se através do contato com terceiros: pessoas que a pesquisadora conhecia e que a ajudaram no contato de diferentes entrevistados para a realização da pesquisa.

Neste trabalho foram entrevistadas oito (8) pessoas, em diferentes locais. Na grande maioria dos casos, o local interfere muito na entrevista, por deixar o entrevistado mais à vontade, por não ter nada que incomode ou atrapalhe o desenvolvimento da entrevista. Contudo, os locais foram escolhidos em conjunto com a pesquisadora e o entrevistado, e a maioria das vezes levou em consideração o fácil acesso ao entrevistado: a casa dele, uma praça próxima, etc. Isso não se aplica aos entrevistados escolhidos aleatoriamente por estereótipos, na ocasião dos desfiles das escolas de samba. A presença de outras pessoas, além do entrevistado e entrevistador, pode tanto auxiliar quanto prejudicar o andamento da entrevista. Porém, certos acompanhamentos foram inevitáveis devido ao contato que essa terceira pessoa fez pra possibilitar a referida entrevista. A questão de entrevistas conjuntas também é enriquecedora, pois se ambos viveram a mesma época do carnaval e ajudavam-se, eles podem juntos lembrar uma história mais alinhada dos momentos carnavalescos vividos.

Segundo Thompson (1992, p.266), *“a presença de outra pessoa na entrevista não só inibe a franqueza, como exerce uma sutil pressão no sentido de um testemunho socialmente aceitável”*. A presença de amigo ou parente do entrevistado pode causar ao entrevistado certo constrangimento, fazendo-o esconder fatos que poderiam ser reveladores para a pesquisa. Porém, o mesmo autor afirma que a presença de outra pessoa também pode trazer pontos positivos, como por exemplo estimular a memória do

entrevistado em alguma situação que ele não esteja recordando-se, ou corrigi-lo de alguma falha na história. Alberti (2005, p. 110) ainda diz que a *“terceira pessoa estaria funcionando como uma espécie de intérprete, viabilizando a produção daquela entrevista, que, de outro modo, não seria factível”*.

A carta de cessão foi enviada posteriormente para os entrevistados (ver modelo em apêndice), pela facilidade do contato com eles, por serem conhecidos da entrevistadora. Além das pessoas entrevistadas aleatoriamente nas ruas, somente não foi possível obter a carta de cessão de uma pessoa. Por ela ter voltado para a cidade onde residia, perdeu-se o contato com ela. Ela não tinha nenhuma ligação com a pesquisadora ou conhecidos e, por isso, a dificuldade de encontrá-la novamente. Sua entrevista foi feita, ocasionalmente, no barracão da sua escola de samba do coração, *A Casamba*. Por motivos pessoais ela não revelou seu nome, e por isso foi denominada pela sua ocupação durante o presente trabalho: “gerente do SESC”.

### **Origem das escolas de samba de Rio Claro**

Sobre a origem do carnaval na cidade de Rio Claro, é incerta a sua data de início e como foram os primeiros dias de aparecimento da celebração. Não há muitos registros em jornais e revistas da época, apenas algumas citações que, juntamente com a memória dos entrevistados, formam um esboço do que seriam as primeiras décadas do carnaval rio-clarense. Como vimos no início deste capítulo, o carnaval rio-clarense também se iniciou com o entrudo português e com o tempo foi tomando a própria forma, adquirindo elementos locais. Passou por corsos, blocos, carros alegóricos. Este último, ainda, de muito sucesso e repercussão entre os moradores. Os entrevistados não viveram na época do entrudo, mas conhecem um pouco da existência da prática na cidade por estes escassos registros encontrados em livros e jornais, e pelas histórias contadas por seus antepassados, que transcendem gerações. Pouco mais tarde, sobre a época dos blocos, cordões e carros alegóricos, os entrevistados podem discorrer com mais propriedade, pois nela vivenciaram. Contudo, cada um descreve do seu ponto de vista.

Como cada indivíduo teve suas próprias experiências, cada um faz as suas considerações. Muitos atributos convergem devido à observação de uma maneira geral dos acontecimentos, mas alguns aspectos são exclusivos de determinados grupos, e

neste caso, cada entrevistado apresenta a sua experiência, a sua visão. Como é o caso de José Carlos Baungartner, envolvido mais diretamente com a escola de samba UVA:

*“Aqui, especificamente o Carnaval da cidade de Rio Claro, ele começou já há muito tempo, é...eu evidentemente não vivi nesta época, sei algumas coisas só de ler, de ouvir falar, e...mais especificamente de 1970 pra cá, aí sim eu participei, com raros anos aí que não participamos do carnaval nestes 41 anos né...antes de 1970 eram carros das sociedades e de algumas associações de Rio Claro. Algumas sociedades eu digo, recreativas, eram carros alegóricos. E naquela oportunidade, já existiam aqui duas escolas de samba, só que eram escolas assim, muito...ãh...simples, que saíam aí, uma centena de pessoas, sem muita organização, sem um tema, sem um, um...uma...um samba-enredo, e com fantasias de anos anteriores que eram aproveitadas, ou às vezes eram as mesmas que simplesmente eram lavadas e no ano seguinte saíam na rua. Depois de 70 até a década de 80, aqui em Rio Claro especificamente, tinham os carros alegóricos de pessoas particulares, além das sociedades, e nessa época grupos de amigos formavam um tema de um carro alegórico e acabavam construindo e saíam na avenida...e nessa época então, chegou a desfilar cerca de 30 carros alegóricos. Quatro, cinco, meia dúzia de entidades regularmente constituídas e outros vinte, vinte-e-cinco de amigos que se reuniam e faziam carros. Evidentemente não era assim uma bagunça, você tinha que fazer uma inscrição, tinha que colocar qual era o tema do seu carro pra poder...tinha problemas de segurança, menores, você tinha que fazer todo um cadastro, mas era assim, muito simples, você podia gastar muito pouco...outros eram assim, mais sofisticados...e assim foi, até a década de 70, até o começo de 80 quando em Rio Claro surgiram escolas um pouco mais organizadas, que foi a Samuca e a Casamba principalmente, e aí obrigou as antigas a se...se modernizarem, e surgiram outras escolas já de...(pausa) surgiram umas 10 escolas, que na verdade muitas nasceram e morreram, e as escolas que se mantiveram nesses anos todos aí sim: Grasifs, Casamba, Samuca, UVA.” (José Carlos Baungartner, UVA, 2011)*

Assim como José Carlos, Dirce Rosin Baungartner, sua mãe, atualmente trabalha pela escola de samba UVA. Contudo, antes do nascimento da escola ela já estava envolvida com os preparativos carnavalescos, assim como relata abaixo:

*“Antes era um...não eram carros alegóricos, só de sociedade, que aqui tinham três sociedades: o Grêmio Recreativo Cidade Nova, Philamôrnica e Ginástico. Tinham esses carros alegóricos, aí o pessoal começou também a se juntar pra formar o carro...o carnaval melhor. Aí*

*começou a sair carros, quem queria fazer, enfeitar para sair junto com as sociedades, né...aí podia. Mas antes dos carros alegóricos, tinha mais era caminhão, cheio de gente, carro com a capota abaixada...aí, era muito legal. O pessoal ia pulando mas não era carro enfeitado. Era só com confete, serpentina, era muito legal.(...) depois que começou com os carros alegóricos, aí a prefeitura não aceitou mais esses carros sem enfeitar. Aí eram só os carros da sociedade, e os carros alegóricos que o povão fazia.” (Dirce Rosin Baumgartner, 2011)*

Como pudemos reforçar com os relatos acima, a história das escolas de samba está intimamente ligada à história do carnaval rio-clarense no geral. O surgimento das mesmas teve início ainda no desfile de blocos e carros alegóricos, quando aqueles que mostravam extremo interesse pela manifestação popular lideravam e levavam o povo para se divertir junto de si. As festas começaram a tomar maiores proporções e o carnaval foi crescendo, tornando-se motivo de grande orgulho para a cidade, esta por ter um carnaval mais 'pomposo' do que outros carnavais de cidades próximas até maiores do que Rio Claro, como relata Dirce:

*“Ele participou [marido dela, o Cobrão], ele, nossa! A família toda participou, foi muito legal. Antes da UVA, nos carros alegóricos, nos primeiros anos que ele começou a fazer carros, ele punha umas meninas no carro, umas meninas que não eram da família, mas depois ele gostou tanto, que daí ele pôs a família toda em cima do carro para começar a desfilar na avenida. E foi muito bom, muito lindo, maravilhoso. E aí, todo mundo tomou gosto e começou a fazer a escola.” (Dirce Rosin Baumgartner, UVA, 2011)*

O folião conhecido como ‘Cobrão’, juntamente com os familiares e outros foliões em paralelo, expandiu os ideais carnavalescos fazendo a festa crescer cada vez mais. Após o sucesso dos blocos e dos carros alegóricos, a população negra da cidade começou a fazer um samba e desfilar na avenida, como cordões, depois do término do desfile dos brancos. Esses foliões de cor, como eram conhecidos, começaram a criar as escolas de samba, ao molde do que já estava acontecendo em São Paulo e no Rio de Janeiro.

*“E eu não sei o porquê, não sei onde o Durvalzinho arrumou essa ideia e falou: “Vamos montar uma escola de samba?”, (...) Que só tinha o Tamoio né?! A gente ia no Tamoio, mas o Tamoio não deixava a gente entrar, pra começar era negócio de idade...então eu falei: “- Vamos lá, quero entrar nesse negócio de samba aí”. (...) Aí eu já sabia batucar um pouquinho, vim pra cá, pra escola de samba. E eles montaram uma escola de samba na avenida 12, tinha*

um posto de gasolina se eu não me engano bem na esquina da rua 12, e tinha um mangueirão, uma mangueira que cobria tudo isso aqui...e ali a turma começava a entoar um coro, tocar um sambinha, ali chegou o Sansão, chegou a Carmem do Durvalzinho, ali chegou o Celso, Valdemar...e foi chegando a moçada ali, vamos fazer um samba na rua. Aí vamô embora e saímos na rua. Aí veio Lincão pra coordenação, ele era o apitador. Lincão falava assim: “- Vamô sai pra rua”, isso era 1957.” (Gersão, 2011– entrevista cedida pelo Arquivo Público do Município de Rio Claro)

Gersão conta então a sua experiência perante a criação da primeira escola de samba de Rio Claro, a *Voz do Morro*, e ao posterior nascimento de outras escolas hoje de grandes renomes rio-clarenses. Logo em seguida, Dirce conta como as sociedades também faziam parte do desfile e da disputa, juntamente com as duas escolas pioneiras:

“Tinha primeiro, na época que tinha aqueles carros das...da sociedade tinha duas escolas de samba aqui em Rio Claro, tinha a Tamoio e José do Patrocínio. Eram as duas escolas tradicionais, de tradição.” (Dirce Rosin Baumgartner, 2011)

Analisando as entrevistas realizadas, podemos ver que as escolas *A Casamba*, *Samuca* e *Indaiás* surgiram na mesma época, com o mesmo poder de competição. A década de 1970 foi marcada pelo nascimento de escolas de samba de renome em Rio Claro. Sem contar que foi nesta mesma época que a escola de samba *Grasifs* surgiu a partir de uma outra escola que antes era predominante no carnaval, a *Voz do Morro*, contudo, já possuía uma estrutura e apresentação arcaica comparada ao modelo das novas escolas de samba. Sobre o surgimento da escola de samba *Os Indaiás*, José Carlos comenta:

“uma coisa interessante pra falar é que é muito normal hoje em dia as torcidas organizadas de times de futebol montarem escolas de samba, mas até onde eu imagino e tenho quase que certeza que é uma verdade, a primeira torcida organizada de um clube de futebol a montar uma escola de samba foi *Os Indaiás* aqui de Rio Claro que por volta de 73, 74...a torcida organizada nasceu em 72 e em 74, 75 eles montaram uma escola de samba.” (José Carlos Baumgartner, 2011)

Com base nas vivências e experiências presenciadas durante seu cotidiano, Ricardo relata sobre o surgimento da escola de samba *Samuca*:

“Então, meu pai é um dos fundadores da escola. Então...assim, eu tenho a idade da escola, por exemplo. Então aí eles [fundadores da Samuca] se reuniam em aniversários, festa aqui e ali pra brincar, tal... até que na época eles, é...a maioria todos jovens, eles faziam faculdade, então aí eles montaram um bloco no carnaval que chamavam ‘Os vestibulandos’ que era só pra se reunir pra sair “brincando”... e aí foi assim, eles ficaram quatro anos desfilando como bloco só que daí, lógico, naturalmente a coisa vai tomando uma proporção maior né...e até que em 75 eles resolveram formar, transformar o bloco em uma escola de samba. E foi assim, foi bem família mesmo e... foi naturalmente....não foi nada assim imposição, ou assim da noite pro dia: “Não, vamos formar uma escola de samba!”...não sabe? Foi natural e como foi tendo adeptos, assim pra esta brincadeira de rua, tal, pra esse bloco, foi se transformando em uma escola de samba.” (Ricardo Barros, 2011)

Também, muito brevemente, a gerente do SESC dá sua contribuição sobre o que observou e presenciou da fundação da escola de samba *A Casamba*:

“aliás a *Casamba* foi criada, foi fundada por vários jovens que estavam na faculdade e...criada em 77. (gerente SESC, *A Casamba*, 2011)

E Dirce então, conta um pouco sobre o a transição da escola de samba *Voz do Morro* para a escola de samba *Grasifs*. Apesar dela não ser integrante assídua da atual *Grasifs*, vivenciou essa época de troca: nascimento do novo molde de escolas de samba e fim das pioneiras rio-clarenses.

“Jose do Patrocínio [sociedade da escola de samba *Voz do Morro*], que era uma escola de tradição antiga, mudou o nome. Agora é *Grasifs Voz do Morro*, é uma escola muito linda (...) Não...a *Tamoio* terminou [sociedade da escola de samba *Cacique do Samba*]. Não tem mais a escola de samba *Tamoio* [existiu na mesma época que *Voz do Morro*]. Ela por enquanto....acredito que ela vai retornar, pois aqui em Rio Claro está crescendo muito e as escolas também estão melhorando todo ano” (Dirce Rosin Baungartner, 2011)

Anos depois, com o sucesso destas quatro escolas (*Grasifs*, *A Casamba*, *Os Indaiás* e *Samuca*), outro grupo de amigos e familiares que se reuniam e saíam com seus carros alegóricos decidiu criar mais uma escola de samba para o município: a escola de samba *UVA* (*Unidos da Vila Alemã*).

*“e ela [escola de samba UVA] desfilou a primeira vez em 1986 (Eda Maria: 1987!...). Ah desculpe, (risos), 86 e ela desfilou a primeira vez em 1987.” (Entrevista conjunta com José Carlos Baungartner e Eda Maria Pizzirani Baungartner, UVA)*

Em complemento à informação dada pelo casal José Carlos e Eda, integrantes participativos da escola de samba UVA, Dirce relata sua experiência dentro da escola, quanto fora observando seu marido, um dos fundadores da UVA. Ela observava que ele e mais um grupo visitavam escolas de samba de São Paulo, e traziam novas ideias para Rio Claro.

*“A UVA surgiu de uma vila que tem aqui em Rio Claro, Vila Alemã né...aí o povo se uniu para fazer uma escola de samba, e aí o pessoal no primeiro ano foram pra São Paulo, na Vai-Vai...veio um monte de figurantes da Vai-Vai e a UVA saiu sem competir, mas saiu maravilhosa...um monte de coreografias, com carros que eram...eu não lembro mais o tema...no primeiro ano... A festa do vinho! Isso mesmo!(...) Ela [escola de samba UVA] saiu junto, saía junto e saiu muito linda.; Depois da Samuca, aí saiu a Casamba. A Casamba também é uma escola muito bonita, muito luxuosa, de pessoal de mais alto nível, tinha mais dinheiro, e depois saiu a... não me lembro aquele...aquela escola, mas tinha mais uma escola que agora eu não lembro, mas agora ela nem esta saindo mais porque ela é uma escola mais pobre, aí que surgiu a UVA, depois dessas tres escolas. Mas foi a UVA no primeiro ano não competiu mas estava lindíssima, muito linda.” (Dirce Rosin Baungartner, 2011)*

Outro ponto a ser analisado é a semelhança entre os processos de criação e estruturação das escolas de samba da cidade de Rio Claro. Todas têm um início parecido, a história de cada fundação parece se cruzar em determinados momentos. A maioria das histórias de cordões, blocos e escolas de samba originam-se em meios familiares ou em ciclo de amigos, por apresentarem uma relação de convivência e interesses similares.

*“Então que eram primo de um, primo do outro, parente, amigo, tal...e na época todos jovens, eles gostavam de...de se reunir, hoje em dia, como se fosse pra fazer pagode, que a gente fala né... mas era pra tocar em aniversário, não via a hora de ter aniversário pra todo mundo se reunir e ir lá tocar...um levava o violão, outro levava o pandeiro...”(Ricardo Barros, Samuca, 2011)*

Justamente este modo familiar - quando os princípios das escolas de samba se fundem - é que leva a analisar outro aspecto importantíssimo dentro das maneiras de comemorar o carnaval: a relação que o folião tem com a festa. Independente da escola de samba, os integrantes são movidos pelo mesmo interesse pelo carnaval e é neste ponto que as histórias se cruzam. Deve-se analisar, então, como eram as relações de antigamente com as relações estabelecidas hoje entre o indivíduo e o festejo.

### **Envolvimento dos foliões**

O carnaval atinge cada pessoa de maneira diferente. Existem aqueles que são apaixonados por carnaval e esperam o ano todo pelos quatro dias de folia. Porém, existem aqueles que não gostam de tanta agitação e nos quatro dias de folga procuram um lugar afastado e sossegado, longe de festas e brincadeiras coletivas. Cada um tem a sua relação individual com o carnaval. Mesmo dentre aqueles que gostam de apreciar o carnaval em suas festividades, existem os que participam ativamente e os que preferem apenas assistir.

Durante as entrevistas, pode-se perceber dois tipos de pessoas que são interessadas por carnaval. Algumas falam como se o carnaval fosse um membro da família, algo inseparável de seu cotidiano. Outras falam com interesse, mas certo afastamento. De qualquer forma, a maioria das pessoas envolveu-se com carnaval devido às amarras da família: por um interesse hereditário ou conjugal.

Ana Maria, por exemplo, descreve sua participação mais ativa no carnaval depois que se casou, e atualmente por causa dos filhos.

*“Sinceramente, nunca fui muito ligada a carnaval. O máximo que eu fazia quando era pequena era ir para a praia com os meus pais... Mas aí, quando me casei, meu sogro era fanático por carnaval, igual ao meu marido, e então comecei a freqüentar os clubes junto com eles e...e assistir as sociedades, ao desfile dos carros, pra acompanhar.(...) Aí, acabou que meus dois filhos nasceram puxando o pai e também são...como posso dizer... fissurados, a-doram carnaval, e se envolvem e tal.” (Ana Maria, arquiteta, 2011)*

Já Ricardo, diferente de Ana Maria, nasceu em uma família onde o carnaval pode-se dizer uma mania. Por isso, ele sempre esteve envolvido com o entusiasmo e preparos carnavalescos.

*“Desde que eu nasci. Acredito que assim como você [referindo-se a pesquisadora], desde criança né...através de família, tal, a gente nasceu e cresceu e está envolvido com isso. (...) e aí então é isso, meu pai foi um dos fundadores, desde o começo. E desde o começo ele cuidava da bateria, dos instrumentos.(...) minha mãe também participava daí na época e, quando foi esse ano de transição pra virar escola de samba, minha mãe tava grávida de mim e aí ela assim, ela foi as quatro noites no salão pra se lembrar...acho que na semana seguinte...ou na quinta-feira assim, do carnaval - pós carnaval - “quinta-feira de cinzas”...é, eu nasci.” (Ricardo Barros, mestre-de-bateria Samuca, 2011).*

Assim como Ana Maria, Dirce envolveu-se mais com o carnaval devido à sua ligação conjugal. Seu marido, Álvaro Baungartner sempre se interessou pelo festejo e sempre participou dos desfiles. Apesar de Dirce já gostar de carnaval anteriormente ao casamento, sua participação tornou-se muito mais efetiva após o matrimônio, devido ao envolvimento do marido.

*“É que depois eu me casei e meu marido era apaixonado por carnaval. É, ele começou a se envolver com os amigos né, e ele começou a fazer carros alegóricos, que são os carros enfeitados, pra sair na rua, pro povão ver.” (Dirce Rosin Baungartner, mulher de um dos fundadores da UVA, 2011)*

Ainda, porém, que a motivação primeira seja impulsionada no seio familiar, há o momento em que essa se torna uma decisão individual, fruto de uma escolha pessoal que revela traços da cultura que o cidadão constrói para si e para o coletivo. Há que se analisar como o carnaval entrou na vida dessas pessoas:

*“Na verdade é a primeira vez que eu to vindo (risos)Por causa das minhas amigas mesmo!”(estudante de Limeira, 16 anos)*

Para a estudante de Limeira, o carnaval rio-clarense é uma novidade, ela veio impulsionada pelas amigas. Assim como a estudante de Limeira, o mágico e sua

assistente também precisaram de um incentivo para cederem à vontade de desfilar por uma escola. Ambos já haviam assistido ao desfile, contudo nunca haviam experimentado estar do outro lado da avenida, desfilando.

*“É...esse ano aqui [2011] é a primeira vez que a gente está saindo...na verdade, eu sou mágico profissional e eles entraram em contato comigo pra eu estar participando da comissão de frente da Casamba, que a comissão ela é...fala sobre magos e desejos, né, então a gente está participando, então, pra gente é legal porque é a primeira vez que a gente está participando...”*  
(Entrevista conjunta com mágico e sua assistente, Casamba)

Já Eda Maria teve o incentivo do sogro. Apesar de gostar de carnaval, nunca havia participado até se casar. Após os laços matrimoniais estabelecidos, ela mesma tomou a iniciativa de juntar-se à família do marido para a confecção de um carro alegórico, na época que as escolas de samba ainda não estavam em alta na cidade.

*Na verdade eu nunca participei de carnaval, aí o meu sogro foi a pessoa que gostava muito de carnaval e que um dia resolveu fazer um carro de carnaval, e eu muito atrevida fui lá e falei: “Vamos fazer o circo.” E aí eu passava o dia todo dentro de um barracão fechado, super calor, fazendo aquele carro...aí precisava comprar material, eu pedia pro meu sogro, pro Seu Álvaro, ele ia lá comprava material. Às vezes eu passava o dia todo lá, levavam comida pra mim, e eu ficava sozinha lá fazendo o carro “O circo”. Aí eu fazia, a gente bolava as fantasias, a gente mandava pra costureira...mas eu também saía no carro, minha família saía...saía todo mundo. Mas quem fazia realmente o carro, a maior parte era eu. Agora, o pessoal fazia aquela parte elétrica, que tinham os meninos que faziam né...aí a noite o pessoal ia ver o carro lá e ajudava a colocar uma fita, (risos), colocar uma flor, mas a maioria eu fazia. Nós fizemos três carros alegóricos: foi em 1980, 81 e 82. (Eda Maria Baungartner, UVA, 2011)*

Por outro lado, por mais que uma pessoa esteja cercada por um meio carnavalesco, esta não se envolve com carnaval se não tiver um mínimo de interesse. O carnaval precisa de dedicação. As pessoas que só assistem aos desfiles no dia da apresentação não sabem o quanto de trabalho foi feito por detrás daquela procissão. Não sabem o tempo que leva para que tudo fique pronto e saia em perfeita harmonia.

Devido a essa dedicação, muitas vezes os integrantes das escolas fazem história dentro de suas agremiações. Como, por exemplo, o caso do Ricardo Barros, que quando

pequeno comparecia a todos os ensaios da bateria da *Samuca*, sabia tocar o sambarenredo, mas não podia desfilar por ainda ser criança. Isso não o satisfazia; por ele saber o quanto trabalho dava, ele queria também apresentar seu resultado. Foi assim que, certo ano, ele conseguiu realizar o seu desejo e desfilar na avenida junto com os adultos.

*“E aí assim, eu ensaiava na bateria... sabia, na época a gente tocava tamborim por ser o menorzinho e por ser mais fácil de tocar, assim...de carregar. E aí eu sabia todos os toques, assim, do samba, do ensaio, tal, só que por ser criança eu não desfilava. (...) Aí chegou um ano qualquer assim, acho que foi em 87 acho... se não me engano. É...a Samuca desfilou no sábado, e eu na arquibancada com a minha mãe. Aí no domingo a gente tinha almoço na minha avó, e a pessoa aqui [referindo-se a própria pessoa] começou a chorar...do nada! E chorava, e chorava... e ninguém sabia o que era, e aquela confusão toda, aí eu falei que queria desfilar. (...) Aí no domingo eu fui a primeira criança a desfilar. Do lado do meu pai na bateria. Aí na segunda-feira não tinha desfile, aí na terça já veio o Jefferson e o filho do Zé Rui, que é o Renato. [filhos de também fundadores da Samuca] Aí desfilamos nós três. Aí no ano seguinte, aí não parou mais né, aí já tinha uma turminha.” (Ricardo Barros, 2011)*

Com esse desejo de desfilar, ele conseguiu então que muitas crianças desfilassem na *Samuca*, criando então uma tendência que permanece até hoje. Atualmente existem alas das crianças, carros das crianças e crianças saem até na bateria se ensaiarem corretamente.

Já José Carlos desfilava em carros alegóricos familiares no início da década de 1980 até que, vendo as duas recém-criadas escolas de samba - *A Casamba* e *Samuca*, teve vontade, juntamente com seu pai e amigos, de criar uma escola de samba própria. Nasce então a *Unidos da Vila Alemã (UVA)*.

*“Na verdade, nós, a família toda já se envolve com o carnaval desde 1970 com algumas, alguns carros, não escola de samba, e depois especificamente com a escola de samba UVA, a família toda e mais algumas outras pessoas, alguns amigos, resolvemos montar a escola de samba UVA e a partir daí, especificamente só com escola de samba.” (José Carlos Baungartner, 2011)*

Muitas vezes, o contato direto com os itens do carnaval acaba influenciando tanto a vida pessoal quanto profissional. O envolvimento traz maiores proporções e, por

mais que o indivíduo tente afastar-se um pouco, uma vez envolvido, fica mais complicado esquivar-se.

Quanto ao papel do Ricardo, é de extrema importância que ele seja ligado à escola. *“E nos dedicamos muitos anos, estamos hoje mais na retaguarda., mas ficamos pelo menos uns 20 anos a frente aí da escola [escola de samba UVA].”* (José Carlos Baungartner, 2011)

José Carlos e Eda Maria, hoje em dia, após anos de dedicação pela escola do coração, no caso a UVA, estão um pouco mais afastados, apenas brincando de carnaval. Apesar de ser uma festa, dá trabalho e exige responsabilidade, e por isso as pessoas tomam a frente por algum tempo, até que apareça alguém com a motivação inicial para substituí-los no cargo. Contudo, mesmo afastada, Eda Maria ainda assume alguns compromissos com a escola: menores do que os anteriores, mas ainda essenciais, como cuidar de uma ala inteira ano passado (2010), desde a confecção de fantasias até a participação dos integrantes.

*“É, na verdade eu assumi ano passado uma ala da escola [escola de samba UVA], porque ninguém queria assumir, e de repente em um mês, eu consegui fazer a ala toda aqui na minha casa, com ajuda de duas ou três pessoas. No último dia de carnaval, ainda estava terminando as fantasias, as pessoas estavam pegando as fantasias e eu estava terminando. Mas isso também eu contei com ajuda de pessoas de fora, elas foram na minha casa, as pessoas de fora, eu entregava o material as pessoas faziam pra mim, e eu pegava colocava no carro, levava de volta, buscava material para eles, então fica assim o dia inteiro levando e trazendo material pro pessoal poder ajudar a montar o final da fantasia, entendeu?”* (Eda Maria Pizzirani Baungartner, 2011)

A gerente do SESC, integrante da escola de samba A Casamba, também criou uma relação tão forte com o carnaval rio-clarense, que pede folga todos os anos em seu trabalho para ajudar nos preparativos do carnaval em sua cidade natal.

*“Pedi licença do meu trabalho uma semana em Sorocaba pra estar aqui [carnaval em Rio Claro] (...) A Casamba tanto tem o papel fundamental da minha vida, que eu to aqui até hoje, e pra mim essa coisa da volta, eu acho que assim, esse vínculo vai ficar até eu morrer. É um vínculo até pra essa idade [55 anos]. Que foi uma coisa que a gente começou a fazer...claro, jovens, vamos fazer pra se divertir no começo...e depois começou a ser desafio, desafio, desafio,*

*desafio.” (gerente do SESC, 2011)*

Quanto ao papel do Ricardo, é de extrema importância que ele seja ligado à escola. Por ser o mestre de bateria da escola, ele pode dar exemplo de dedicação ao pavilhão. Como o Ricardo nasceu dentro do carnaval, demonstrar esse carinho pela *Samuca* não é difícil, até mesmo sua profissão hoje em dia ele alega ter sofrido influência da convivência, desde pequeno, principalmente na bateria da escola.

*“Hoje eu vivo disso né [de música], e eu falo até que hoje eu faço um trabalho lá [na sede da Samuca] de escolinha, de coisas neste sentido até muito de repente, por...por gratidão assim, pra tentar recompensar aquilo que eu acabei, assim, sendo...tipo músico, vivo disso, mas acho que, acredito que foi muito em função dessa infância ali no meio [dos instrumentos da bateria].” (Ricardo Barros, 2011)*

Quando se assume uma responsabilidade perante a escola de samba do coração, a pessoa acaba por desdobrar-se para realizar tal tarefa. O empecilho em um momento desses, muitas vezes, pode ser a falta de verba. Por muitos anos, os responsáveis financeiros pelo desfile das escolas eram os próprios integrantes. Hoje em dia, mesmo com um pequeno auxílio da prefeitura, as escolas ainda têm que promover eventos para a arrecadação de fundos com o objetivo de melhorar a apresentação na avenida.

### **Financiamento**

Sobre o envolvimento da prefeitura, buscou-se nesta pesquisa analisar qual era o apoio dado ao carnaval em um parâmetro geral e não somente após o surgimento de escolas de samba; verificar qual era a participação pública perante o desfile dos carros alegóricos, à brincadeira de blocos e cordões. A data de início do apoio da prefeitura e o apoio dado em determinadas épocas ficou incerto devido às divergências de informações dentre os entrevistados, e também entre entrevistados e arquivos registrados em livros. Os entrevistados alegam hoje em dia ter uma ajuda da prefeitura para que o desfile aconteça, contudo atestam que esta ainda não é suficiente.

O apoio dado pela prefeitura da cidade não consiste somente em financiamento. Este apoio, de acordo com o relato de José Carlos Baungartner (2011), já existia na década de 1970, quando o carnaval era voltado para o desfile dos carros alegóricos. A

prefeitura, na ocasião, auxiliava com o fornecimento de materiais, equipamentos e infraestrutura para aqueles que se organizavam para a montagem de um carro alegórico para o desfile. Porém, isso ocorreu por curto espaço de tempo, porque já na década de 1980 em diante, o apoio da prefeitura, até com fornecimento de infraestrutura foi cortado, segundo depoimento de José Carlos:

*“Na época em que nós começamos a fazer carro alegórico em 1970, de 70 até 80, a prefeitura ela arrumava um carro...uma estrutura de carro, é...disponibilizava um local pra gente fazer os carros e algumas ferramentas, alguns materiais, e você tinha que bancar o resto. É...depois, de 80 pra frente os carros alegóricos eram bancados por quem fazia, tinha que correr atrás de tudo”.* (José Carlos Baungartner, 2011)

Antes desta década não foram encontrados relatos ou registros de algum tipo de auxílio dado pela prefeitura. Posteriormente, apesar do que foi contado, foi encontrado um registro no Jornal Diário do Rio Claro, de 5/mar/1981, já mencionado anteriormente no presente trabalho (seção ‘A linha do tempo do carnaval rio-clarense), a respeito da intenção do então prefeito Nevoeiro Júnior de desembolsar 20 milhões de cruzeiros para a festa acontecer.

Apesar do depoimento de Nevoeiro Júnior estar documentado, não há notícias de que esse financiamento realmente aconteceu. Pelo que contam os participantes do carnaval de Rio Claro, a prefeitura parou também com o apoio que dava através de materiais, e as contas, esforços e dedicações passaram a ficar tudo por conta daqueles que queriam brincar o carnaval, confeccionar um carro alegórico e sair às ruas. Somente após a criação e oficialização das escolas de samba é que o poder público foi voltar a importar-se com o carnaval na chamada “Capital da Alegria”. Após o crescente sucesso e evolução do desfile carnavalesco e das escolas de samba, foi quando houve liberação de verba por parte pública para uma ajuda com os acessórios necessários para a montagem de um desfile a cada ano.

A partir de então, começou a ser criado também um sistema para aqueles que gostavam de assistir aos carnavais. Espaços exclusivos para as pessoas estacionarem suas caminhonetes e assistirem ao desfile em cima delas, como construção de arquibancadas para melhor acomodar o folião rio-clarense. O ingresso para estas

arquibancadas começou a ser cobrado e surgia, então, um novo atrativo turístico para a cidade, juntamente com uma nova maneira de fazer girar a economia regional.

Hoje em dia, o carnaval na cidade de Rio Claro faz parte do calendário de eventos da cidade, assim como seus clubes e escolas de samba estão acessíveis o ano inteiro para os moradores, promovendo festas, almoços, campeonatos, enfim, diversos eventos para a arrecadação de capital para investimento no desfile do ano seguinte. Os eventos sociais na quadra das escolas já são conhecidos dos moradores e cada vez mais estas estão ganhando prestígio como entidades. As escolas já estão mostrando mais o caráter profissional que as configura e ganhando respeito pelas proporções de organização. Em relato de José Carlos, percebe-se essa mobilização das escolas de samba:

*“Hoje, as escolas de samba recebem uma ajuda [da prefeitura], mas é uma ajuda que pra algumas escolas é 20% do que gasta, as menores, e as maiores é 5% do que gasta. É só uma ajuda mesmo, porque as escolas [de samba] têm que...agora a maioria das escolas aqui de Rio Claro já têm uma sede, então faz eventos, almoço, shows, ensaios...e cobram as fantasias de quem desfila...alguns mais, outros menos, e aí as escolas sobrevivem disso. Os carros alegóricos eram bancados por quem faziam, no início muita coisa, depois tudo...e a escola de samba a prefeitura ajuda, ajuda com a infra-estrutura do desfile, mas dinheiro dá pouco, que não dá pra nada.” (José Carlos Baungartner, 2011)*

Como o carnaval está em constante crescimento, o financiamento que a prefeitura cede já não é o suficiente e, como não cobre todas as despesas de uma escola de samba, a mesma tem que promover eventos para arrecadação de dinheiro, além dos seus integrantes serem obrigados a por a ‘mão na massa’ para que a escola saia impecável. Segundo depoimento de Dirce, a ajuda da prefeitura não é tão relevante:

*“A prefeitura da uma forca, um pouquinho né, não muito, mas da para a gente enganar o povo um pouco (risos).” (Dirce Rosin Baungartner, UVA)*

Além da ajuda da prefeitura e do dinheiro arrecadado, segundo José Carlos, é necessário o esforço de cada integrante, pois nunca é suficiente o montante de capital disponível para o desfile.

Entretanto, os atributos carnavalescos estão melhorando e sendo levados em conta. “Agora, fora isso [apoio da prefeitura e arrecadação de fundos com eventos], as escolas que não tem muito dinheiro, aí o seus integrantes tem que perder algum tempo para poder montar essas fantasias, carros, e tentar fazer as coisas de ultima hora”. (José Carlos Baungartner, 2011)

O ponto mais relevante do apoio do poder público atualmente consiste na infraestrutura criada para o desfile, como arquibancadas, camarotes, sistema de som, fechamento da avenida. De acordo com Ricardo, a estrutura está melhorando, mas ainda tem muito o que mudar.

“imagina a estrutura que a prefeitura está dando em relação aos anos anteriores, só foi em traços, melhorando no que podia também né...e foi coisa que, a logística por exemplo do lugar, que não tem o que fazer...se continuar lá não tem o que fazer.” (Ricardo Barros, 2011, Samuca)

Mas mesmo com o sucesso carnavalesco que Rio Claro vem readquirindo hoje em dia, na opinião de Ricardo Barros, se não tivesse havido a paralisação de cinco anos decretada pela prefeitura há dez anos, o carnaval não tinha ficado para trás nas prioridades. Estaria, por isso, muito melhor e mais adequado ao que pretende ser depois da volta do desfile de todas as escolas de samba (2006).

“se tivesse um pouquinho de apoio, nossa, o carnaval era pra tá hoje mas muito maior, sabe?” (Ricardo Barros, 2011)

Uma das coisas que falta o carnaval de Rio Claro adequar-se, na opinião do próprio Ricardo é, por exemplo, o local do desfile. A avenida não comporta mais as alegorias devido à altura dos semáforos e às curvas no percurso.

“Mas aí assim, não tem apoio, e até hoje a gente desfila por uma avenida de curva, aí... (...) Carro alegórico você tem que fazer até a medida do semáforo, porque senão não passa, sabe, uns absurdos que se você parar pra pensar: [estamos em] 2011. Meu, não era pra ter isso há muito tempo já, entendeu? Então, acho que só prejudicou. Esse tempo parado, até você reunir o pessoal outra vez...” (Ricardo Barros, 2011)

Entretanto, os atributos carnavalescos estão melhorando e sendo levados em conta ano a ano. Ainda hoje há tanto restrições quanto leis, contudo as proporções tomadas pelo carnaval já mudaram e, com isso, deve ser feito um rearranjo das normas durante o carnaval. Na questão do financiamento da prefeitura, hoje tem um valor fixo que ajuda nas construções dos carros alegóricos e fantasias, que é dado para todas as escolas de samba.

Contudo, para que a escola tenha um bom desfile na avenida, devem ser realizados eventos com o propósito de arrecadação de fundos para possibilidade de incrementos na hora de desfilar; a associação recreativa deve ter um lugar para ficar, ensaiar, chamar convidados. De acordo com relato cedido por José Carlos, alguns já possuíam um terreno há tempos atrás, e no ano de 2011 a UVA fez um acordo com a Philarmônica, antigo clube, enquanto A Casamba também inaugurou o seu barracão.

*“Não, aqui em Rio Claro as quatro escolas de samba: a Samuca recebeu o terreno, quem construiu foram os integrantes; a Casamba recebeu uma... um salão que não era usado da prefeitura, a UVA fez um acordo com um clube, o salão de um clube que não tava sendo usado e a Grasifs construiu uma sede há muito tempo, depois ela tava com problemas, aí a prefeitura ajudou na reforma, mas foram eles que construíram”. (José Carlos Baumgartner, 2011, UVA)*

Ou seja, para que as escolas não fiquem defasadas umas das outras, todas procuraram locais para as suas sedes e hoje podem realizar eventos e conseguir capital de investimento na sua escola do coração. Com todas as escolas no mesmo nível, o carnaval ficará mais competitivo e consequentemente mais bonito e interessante de se ver.

O que nem sempre foi assim. O processo de aquisição de um terreno, por exemplo, é um tanto quanto complicado, e já o era desde a década de 1930, quando começaram a fazer sucesso as duas primeiras sociedades: *Tamoio* e *José do Patrocínio*. As duas lutaram por muito tempo por um espaço cedido pela prefeitura para construção de suas sedes. O máximo de apoio que a prefeitura dava para as escolas de samba no começo era tecido para a confecção de fantasias, como relata Jair Francisco, em tese apresentada por Flávia Pereira (2009):

*No começo para o Tamoio sempre o Caracu [indústria local de cerveja] deu o pano [para confecção de fantasias]. E para o Patrocínio [escola de samba da Sociedade José do Patrocínio] mas era o Bazar Paulista, o Niazi que dava né? Aí depois de tempo a prefeitura, não lembro o ano certo (...) a prefeitura começou a dar verbas para comprar fantasia, para comprar pano e fazer fantasia (...) Antes disso, aí tinha o cordão né? Que era o que saía todo mundo junto. Eles dançavam, só os negros. Daí depois em 57 montou uma [escola de samba], depois montou a outra aí, mas era só negro também que saía na escola de samba. Era difícil aparecer um branco na escola de samba. Era muito difícil... [Entrevista conjunta com Jair Francisco e Leoneta de Lourdes Andrade Francisco [Leoneta em memória], (PEREIRA, 2009, p.187)]*

Com a aquisição das sedes próprias e uma pequena ajuda do poder público, as escolas de samba têm mais espaço e oportunidades para progredirem. Com estes incentivos, conseqüentemente, o carnaval de Rio Claro vai crescendo e instaurando benefícios que atingem o município em esferas cada vez mais amplas e diversificadas.

### **Evolução do carnaval rioclarense**

A evolução do carnaval, de uma maneira geral, é vista como elemento de grandes mudanças. A peculiaridade é que certas pessoas vêem estas mudanças como melhorias, promissoras de um carnaval de sucesso. Outras, veem-nas como destruidoras de um carnaval de tradição, em que predominaria o interesse popular. Porém, com qualquer um dos dois pontos de vista, afirma-se que o carnaval sofreu modificações ao longo do tempo: desde os entrudos, passando pelos primeiros blocos e carros alegóricos, onde surgiu a paixão pelo carnaval daqueles que mais curtiam o desfrute do festejo. Com isso, a festa foi evoluindo, com concursos e premiações e posterior reconhecimento turístico – ou seja, está sendo hoje em dia considerada um atrativo regional.

Os entrevistados conhecem a história do carnaval da cidade de Rio Claro por vivências durante a época do surgimento das escolas de samba. Por questões de expectativa de vida, a partir da década de 1970 é quando os entrevistados para esta pesquisa podem expor uma experiência mais próxima com o carnaval. Portanto, cada entrevistado relata a experiência do surgimento e crescimento da sua escola do coração

em específico, assim como do carnaval rio-clarense como um todo. José Carlos Baungartner conta como os carros alegóricos elaborados pelo seu pai, conhecido como “Cobrão”, que desfilavam nas avenidas, foram precursores da escola de samba *Unidos da Vila Alemã (UVA)*, movidos pela paixão e força de vontade dos amantes do carnaval. Além disso, ele enfatiza a mudança do foco carnavalesco: antes era muito mais considerado uma manifestação popular e hoje a festa é vista como uma indústria do entretenimento, como espetáculo:

*"Uma escola de samba antigamente, no século passado, mesmo no Rio de Janeiro, até a década de 70 eu diria...um pouco antes, eram manifestações populares, e de lá para cá, se tornou uma indústria.(...) Então, hoje o carnaval virou uma atração turística, e muitas cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, aqui em Rio Claro, e outras...Manaus, Florianópolis, principalmente,e...ou seja, da manifestação popular para uma empresa, que gera dinheiro, turismo, emprego, (Eda Maria: impostos!), e evidentemente impostos e assim por diante. (...)E hoje as fantasias são muito mais elaboradas, antigamente eram...as fantasias eram, assim, roupas que se vestiam.. hoje não. Tem adereços, cabeça, plumas, costa, costeiro, e evidentemente evoluiu muito, e hoje tem muito mais materiais e também ferramentas para fazer.. cola quente, e cortar, e fazer e tal. Antigamente era mais...fazia a fantasia só e acabou né, agora tem todo um aparato junto." (Entrevista conjunta com José Carlos Baungartner e Eda Maria Pizzirani Baungartner, 2011)*

O fato de o carnaval ter ou não tornado-se espetáculo atualmente é uma questão de onde diversos pontos negativos e pontos positivos podem ser levantados, depende do enfoque. De qualquer maneira, pela análise das entrevistas realizadas, todos pensam no carnaval como um produto diferente do que pensavam anos atrás. Mesmo que este carnaval mais antigo, entre as décadas de 1930 e 1950, só seja conhecido pelos entrevistados através de terceiros (livros ou relatos de conhecidos), pode-se notar que o pensamento era outro do que se tem hoje. A competição alimenta a indústria do carnaval nos tempos atuais, com as inovações surgidas ano após ano. Em Rio Claro não é diferente: ano após ano as escolas têm se mostrado mais estruturadas e capazes de maiores apresentações.

*"até o começo de 80 quando em Rio Claro surgiram escolas um pouco mais organizadas, que foi a Samuca e a Casamba principalmente, e aí obrigou as antigas a se...se simplesmente eram lavadas e no ano seguinte saíam na rua." (José Carlos Baungartner, 2011)*

*modernizarem, e surgiram outras escolas já de...(pausa) surgiram umas 10 escolas, que na verdade muitas nasceram e morreram, e as escolas que se mantiveram nesses anos todos aí sim: Grasifs, Casamba, Samuca, UVA.” (José Carlos Baungartner, 2011)*

Assim como mostra José Carlos, em seu relato acima, a modernização ou inovação de uma escola estimula a concorrência a buscar novos modelos e elementos surpreendentes. Ricardo também alega em seu depoimento abaixo, que essa constante superação entre uma escola é benéfica: traz novidades todo ano e faz as escolas de samba crescerem.

*“E isso, é...naturalmente as coisas, pode ver, ano a ano, falando das escolas de samba [de Rio Claro]...ano a ano as escolas vão se estruturando mais, né?! Se parar pra pegar o carnaval de 2006 [em Rio Claro] com o carnaval que foi esse ano, meu...a diferença é brutal.” (Ricardo Barros, 2011)*

Segundo a gerente do SESC, integrante da *A Casamba*, a competição estimula o espetáculo e atrai o público para o desfile, o que torna a apresentação das escolas mais gratificante.

*“Então, sair uma escola só...duas...não tem competição, não tem graça. Principalmente quando as pessoas, né, trazem atrações pro público.” (gerente SESC, 2011)*

Os entrevistados contam algumas de suas experiências com essas mudanças sofridas pelo carnaval, as quais eles mais presenciaram. As mudanças variam de acordo com os integrantes de cada escola, com a época de maior atuação, com o grau e setor do envolvimento. Contudo seguem uma mesma linha: de modernização e inovação.

José Carlos conta de quando as escolas de samba não tinham muita organização, quando eram algo mais desregrado:

*“E naquela oportunidade, já existiam aqui [em Rio Claro] duas escolas de samba [Voz do Morro e Cacique do Samba], só que eram escolas assim, muito...ãnh...simples, que saía aí, uma centena de pessoas, sem muita organização, sem um tema, sem um samba-enredo, e com fantasias de anos anteriores que eram aproveitadas, ou às vezes eram as mesmas que simplesmente eram lavadas e no ano seguinte saíam na rua.” (José Carlos Baungartner, 2011)*

Ricardo relata sobre sua própria experiência com a bateria, e como a variação das batidas cresce a cada ano:

*“No meu caso específico, que eu lido mais ali com a bateria da escola [Samuca], eu falo o seguinte: em 2006, primeiro ano meu, assumidamente, à frente da bateria, a gente criou por exemplo 5 ‘breaks’, 5 paradinhas, evoluções com a bateria. 2007, a gente foi pra 8, 9...por quê? Porque eu criei 3 ou 4 a mais, só que mantive as que eu fiz o ano passado, entendeu? Então, assim...hoje a gente tem uma gama maior de variações de ritmo, de ‘break’” (Ricardo Barros, 2011)*

A gerente do SESC, que sempre esteve ativa nas participações dentro da Casamba, conta que o carnaval sofreu grandes mudanças com a entrada das escolas de samba com novos modelos:

*“Lá atrás [anos atrás], a cidade de Rio Claro virou, se tornou Capital da Alegria...ela era chamada Capital da Alegria na década de 80 e final de 70 porque só tinha, na época, a ‘Voz do Morro’, só tinha Grasifs, que era ‘Zé do Patrocínio’ e ‘Tamoio’. A Samuca foi fundada em 74, mas primeiro ano que eles saíram foi 75, que acho que foi final de 74...quando a Casamba surgiu em 76, a partir dali, do Carnaval de 77...a Casamba no primeiro ano sai como bloco...tinham, foram 4 escolas competindo...então o carnaval deu um ‘boom’, começou a dar um ‘boom’...” (gerente SESC, 2011)*

Dirce alega que a cidade não foi apelidada de Capital da Alegria à toa, e que o carnaval melhorou a cada ano:

*“Ah... agora mudou para muito melhor que é até aqui Rio Claro, o nome é Rio Claro Capital da Alegria, porque o carnaval melhorou demais.” (Dirce Rosin Baungartner, 2011)*

Já Gersão, um dos fundadores da escola de samba *Grasifs*, pensa que essa mudança do carnaval não foi só benéfica. Trouxe coisas boas, mas também fez desaparecer alguns elementos antigos ricos para a composição do carnaval, como o samba de antigamente, que não era nem muito rápido e nem muito lento:

*“O samba de nós daquele tempo [1957] era muito mais bonito do que o samba de hoje, não era nem muito rápido nem muito lento, um samba que dava pra você levar no pé o tempo todo, hoje não né...é aquele foguete!” (Gersão)*

Ainda ressaltam que a paralisação ocorrida no carnaval da cidade no período entre 2001 e 2004 foi extremamente prejudicial à progressão do festejo rioclareense. Eles acreditam que tal estagnação gerou desânimo tanto nos organizadores quanto nos expectadores, que começaram a sair da cidade no período de Momo. Viajar começou a ser a melhor opção e o carnaval perdeu a sua força e o brilho que vinha conquistando. Para Ricardo, muitos jovens principalmente resolveram procurar outras cidades durante os quatro dias de folia.

*“tem uma faixa etária assim, não só da Samuca, mas de todas as escolas, que desacostumaram a ficar na cidade pra participar dos desfiles ou pra participar do Carnaval na cidade, nos salões, nos blocos...então de repente com essa a paralisação, muita gente começou a viajar... então, aí hoje em dia o pessoal já está vinculado a todo carnaval a ir pra praia, ou pra ir pra tal lugar, então, muito por conta dessa paralisação, com certeza(...) [a mudança] é gradativamente, é uma evolução. Não é da noite pro dia. (...) Tá ali participando [do carnaval] e vendo, que vai tendo uma evolução e vai...aí a gente volta na sua pergunta: uma parada é sempre prejudicial, totalmente...no caso da escola de samba não tenha dúvida nenhuma. E do carnaval em si também, lógico.” (Ricardo Barros, 2011)*

A estagnação foi boa somente para o turismo fora de Rio Claro. As pessoas começaram a viajar e a cidade não tinha mais a mesma fama pelo carnaval. Portanto, o turismo receptivo na cidade ficou em baixa. Com a retomada da expansão das escolas de samba, o turismo em Rio Claro volta a tomar força. Surgem então atrativos rioclareenses que alavancarão a presença de turistas regionais na época do carnaval, beneficiando economicamente a cidade.

#### **Atrativos do carnaval rio-clareense**

O atrativo do carnaval rio-clareense é o que podemos chamar de fator que agrega um folião ao envolvimento com o carnaval na cidade: seja desfilando, seja participando ativamente dos preparativos de uma escola de samba ou das noites nos clubes, seja apenas assistindo. O que se releva neste quesito seria o que faz o folião sair da condição receptiva de participação na qual se encontrava para atuar mais perto do carnaval e de

seus realizadores. Quais foram os atrativos que fizeram um espectador da TV decidir assistir ao carnaval de Rio Claro nas ruas naquele ano, quais foram os atributos que levaram um indivíduo do público das arquibancadas a desfilar pela primeira vez em uma escola, quais foram os pontos relevantes para o envolvimento de determinada pessoa com determinada escola.

*meira, cidade da região, o fator incentivador para ela assistir ao carnaval de Rio Claro, foram suas amigas:*

Muitas pessoas desejam desfilar, mas por não estarem envolvidas diretamente com o carnaval, ficam receosas de saírem à procura de um espaço em uma escola, imaginando que possam ser barradas, assim como relatam o mágico e sua assistente em depoimento abaixo. Contudo, todos aqueles que demonstram interesse em brincar na avenida são sempre bem-vindos por qualquer agremiação. Quanto maior o número de integrantes, maior a animação com que a escola desfila e mais empolgante perante o público e os jurados.

*“Ah, eu sempre tive vontade [de desfilar em uma Escola de Samba], mas nunca tivemos a iniciativa né, de pegar e sair. Até que teve esse convite [elaborar um número de mágica para participar da Comissão de Frente], e a chance da gente começar né?” (Entrevista conjunta com mágico rio-clarense e sua assistente, Casamba)*

Outras pessoas já nascem no meio do trabalho carnavalesco e estão envolvidas desde crianças. Veem seus avós, amigos, parentes participarem da folia não só durante os quatro dias que antecedem à Quaresma, mas em todo o período anual. Desde o começo interessam-se pelo samba e pelo desfile, mostram-se participativas e assim, também contentes com o progresso e resultado. Como exemplo, Ricardo relata sobre uma criança que comparece desde cedo aos ensaios da Samuca:

*“Esse ano a Samuca saiu com quatro ou cinco casais mirins [de mestre-sala e porta-bandeira], porque a criançada vai lá, veem eles dançando e fica querendo. Tem uma menininha que faz dois anos já, meu, ela é desse ‘tamanhozinho’ [demonstra com gestos], acho que tem uns cinco ou seis anos, já fazem dois anos que ela vai pro ensaio da bateria da Samuca com uma bandeirinha que ela fez, com a mãe dela...” (Ricardo Barros, Samuca, 2011)*

Além dos pontos importantes que fazem um integrante de determinada escola participar ativamente dos preparativos e dos pontos que fizeram muitos outros

participantes mudarem de posições em seu envolvimento com o carnaval - da TV para as ruas, de mero espectador para participante - há os fatores que motivam pessoas da região a visitarem a 'cidade azul' para prestigiarem o carnaval.

Para uma estudante de Limeira, cidade da região, o fator incentivador para ela assistir ao carnaval de Rio Claro, foram suas amigas:

*"Ah, eu tenho amigas aqui né... aí elas ficaram me chamando, me chamando e eu acabei vindo". (estudante de Limeira, 16 anos)*

Para Dirce, que já participa do carnaval da cidade rio-clarense há um bom tempo, os moradores prezam bastante a festa na cidade e essa maior repercussão do festejo na região traz bons frutos.

*"É bom, porque agora todo mundo participa, a cidade fica muito lotada das pessoas que não podem assistir a um carnaval maior. Aqui em Rio Claro, as pessoas dos bairros mais inferiores, as pessoas mais pobres, todos participam, vêem. Eles adoram o carnaval." (Dirce Rosin Baungartner, UVA, 2011)*

Ana Maria também afirma que a participação de pessoas da região tem crescido a cada ano, e repercutindo o carnaval de Rio Claro:

*"Sim, sim, sim... tem muita gente de fora, principalmente das cidades aqui do lado, que vêm passar só o carnaval e voltam. O carnaval está começando a fazer sucesso (risos)." (Ana Maria, arquiteta, 2011)*

Quando falamos de atrativos turísticos, estamos ligando nosso pensamento à imagem turística que temos de um local, que visitamos, que ouvimos falar, que vimos por fotos ou vídeos. Enfim, relacionamos a uma ideia premeditada.

A imagem que os visitantes têm do carnaval de Rio Claro e a imagem que eles divulgam influencia na vinda de turistas para a cidade, principalmente na época da festa. Portanto, imagem e atrativos estão intimamente ligados um ao outro. A imagem que pessoas que participam do carnaval assiduamente têm é diferente da imagem que as

peças que nunca assistiram a um desfile têm. Ou seja, os exímios foliões têm certo papel de divulgação do trabalho carnavalesco. Com o turismo, a economia da cidade é movimentada e tanto aspectos econômicos como sociais são beneficiados. Podemos perceber com os depoimentos e presenciando o objeto de pesquisa nos dias de festa, o quanto importante é o carnaval na cidade de Rio Claro.

Primeiramente a gerente do SESC relata que o turismo com o carnaval de Rio Claro pode aumentar o movimento e o giro da economia na cidade, tornando-se ainda mais importante para a cidade:

*“O carnaval é importante pra qualquer lugar. Mas Rio Claro nessa década de 70 e de 80, ela tinha o quarto carnaval<sup>25</sup> do estado de São Paulo, e o movimento que vinha de gente pra essa cidade, o movimento de comércio, movimento de hotelaria...é, dava um giro enorme na cidade né, de dinheiro, de...então eu até comentei esse dias pra reportagem da TV Claret [emissora de TV local] exatamente isso” (gerente do SESC, integrante da A Casamba, 2011)*

Para a estudante, que pela primeira vez presencia o carnaval em questão, o fato da festa transformar-se em atrativo regional só faz com que o carnaval evolua a cada ano:

*“Acho que sim...é bom né, chama bastante gente, tem bastante gente na rua e aí cada ano acho que vai ficando melhor né...nunca vi, mas minhas amigas que falaram que melhorou bastante de um ano pro outro.” (estudante de Limeira, 16 anos)*

Para o mágico e sua assistente, que assistiram a muitos carnavais, mas pela primeira vez desfilam, Rio Claro tem um dos melhores carnavais da região, e isso estimula as pessoas a participarem mais ativamente, a assistirem, enfim: prestigiarem o carnaval da sua região.

*“Ah sim, porque em Rio Claro é considerado um dos melhores carnavais né, da região.(...) Isso, tem que prestigiar o que Rio Claro tem de bom né...?!” (Entrevista conjunta com mágico e sua assistente,A Casamba, 2011)*

<sup>25</sup> Não foram encontrados registros oficiais dessa classificação.

Uma pessoa que participa ativamente do carnaval rioclarense desde pequena, que acompanhou a evolução dos festejos da cidade, tem outra visão, ou seja, uma diferente imagem daquele que participou ou assiste pela primeira vez aos desfiles na Avenida Visconde do Rio Claro. Aquele que não vê todos os anos tem uma opinião mais geral, baseada naquilo que ele vê. O folião que participa ativamente tem uma opinião mais enraizada, baseada em suas experiências anteriores e resultados.

A estudante de Limeira, primeira vez no carnaval de Rio Claro, avalia a festa de acordo com seus interesses e expectativas:

*“Tô sim [gostando], é muito bonito...e tem bastante gente assistindo aqui né?!”*  
(estudante de Limeira, 16 anos, 2011)

A gerente do SESC, por ser ligada a *Casamba* já julga o carnaval por sua experiências, ela demonstra seu interesse levando em conta todo o trabalho já realizado pela escola:

*“Isto aqui [trabalho pela Escola de Samba A Casamba] é um resgate mesmo, foi um trabalho que a gente começou lá atrás, acho que não pode deixar perder...quando as pessoas falam: “Ah, mas você vai aposentar, você leva uma vida tão ativa...” Mas quem disse que eu vou parar? Agora eu vou poder me dedicar mais pras coisas que eu gosto...”* (gerente SESC, 2011)

José Carlos não relata sobre sua ligação com a escola diretamente quando trata-se de julgar o carnaval, mas fala de uma maneira geral sobre aqueles que veem o carnaval como paixão e aqueles que o veem como trabalho profissional.

*“com certeza absoluta tem muita gente que faz aquilo por emoção ou por paixão com certeza, a grande maioria, mas muitos são muito profissionais”* (José Carlos Baumgartner, 2011)

Ricardo reflete em seu depoimento, que pensa que todas as pessoas deveriam enxergar o carnaval como uma oportunidade para entretenimento e diversão, além de

uma artimanha para o crescimento da cidade. Ele demonstra sua vontade de fazer o carnaval rioclarense crescer cada vez mais.

*“Se [o carnaval rioclarense] tivesse um pouquinho de apoio, nossa! O carnaval era pra estar hoje muito maior, sabe? Realmente reconhecido pela região inteira, até no Brasil, porque na década de 80, Rio Claro chegou a ser o terceiro maior<sup>26</sup> carnaval do Brasil né...só perdia pro Rio de Janeiro e pra São Paulo.” (Ricardo Barros, 2011)*

Em relação aos atrativos turísticos do carnaval da cidade em estudo, podemos dizer então que eles dependem em grande parte das pessoas que compõem essa festa. Tem suma importância as atitudes que tomam os envolvidos, as atitudes e idéias que eles colocam em prática. Cada inovação chama a atenção de cada vez mais turistas regionais, e desse modo estimula também a participação de novos interessados dentro das escolas de samba.

Diferentes aspectos são analisados a partir de diferentes fontes: histórias, idéias, opiniões vindas de indivíduos que divergem na maneira de pensar. A principal riqueza dessa variedade de fontes é descobrir o que elas têm em comum, para que isso possa tornar-se um aspecto fundamental no objeto de pesquisa. Neste caso, pode-se perceber que é unânime a opinião de que uma paralisação no carnaval só causa prejuízos e desacelera a participação tanto de moradores quanto de turistas. Percebe-se que tanto as pessoas que estão mais intimamente envolvidas com o carnaval, quanto as pessoas que o conhecem de uma maneira mais generalizada, empolgam-se com a evolução ano a ano.

### **Entrevista com Sr. Ricardo Barros**

A seguir será apresentada uma das entrevistas textualizadas, uma entrevista por inteiro, que serviu como norteadora das outras entrevistas. Textualização é uma etapa da transcrição, em que se extinguem as perguntas, e o entrevistado assume a posição de personagem principal no texto em primeira pessoa (MEIHY, 1996). A entrevista escolhida para realizar a textualização foi a do Ricardo Barros, mestre de bateria da Escola de Samba *Samuca*, por ser uma conversa em que o entrevistado mostra-se à vontade e entusiasta ao contar seu envolvimento com o carnaval. Além de sua história

<sup>26</sup> Não foram encontrados registros oficiais dessa classificação.

com o carnaval ser de muitos anos e relatar juntamente o surgimento de sua escola do coração.

Entrevista realizada no dia 21 de Maio de 2011, na cidade de Rio Claro. O local é um shopping a céu aberto, denominado “boulevard” pelos moradores locais e foi escolhido devido à proximidade da casa do entrevistado e do local onde a entrevistadora estava hospedada. Junto ao entrevistado e a entrevistadora, havia também uma intermediadora, esta que possibilitou o encontro. Marina Baungartner é uma dos quatro diretores da escola de samba *UVA* e ajudou a entrevistadora a fazer o contato com o mestre de bateria da escola concorrente para esta entrevista.

Essa entrevista foi escolhida para ser colocada integral pelo fato do entrevistado estar visivelmente entusiasmado com a sua história e sua relação com o carnaval no decorrer da entrevista. Ricardo Barros fala com orgulho do seu envolvimento do carnaval, acrescentando ricos detalhes à pesquisa, além de demonstrar em sua fala os principais elementos norteadores do presente trabalho: o interesse e a vivência em diversos aspectos do carnaval, desde o nascimento do entrevistado.

*“Sou de Rio Claro, nascido e criado. Participo do Carnaval daqui desde que eu nasci. Acredito que assim como você, desde criança né...é...através de família, tal, a gente nasceu e cresceu e tá envolvido com isso. Na verdade, assim, sem querer dar maiores detalhes, mas eu sou de uma outra época, assim...e que não tinha criança, assim, não saía criança. E aí assim, eu ensaiava na bateria... sabia, na época a gente tocava tamborim por ser o menorzinho e por ser mais fácil de tocar, assim...de carregar. E aí eu sabia todos os toques, assim, do samba, do ensaio, tal, só que por ser criança eu não desfilava. Não tinha criança nenhuma que desfilava na época. Só ensaiava. Aí, na época tinha três dias de desfile: era sábado, domingo e terça. Aí chegou um ano qualquer assim, acho que foi em 87 acho... se não me engano. É...a Samuca desfilou no sábado, e eu na arquibancada com a minha mãe. Aí no domingo a gente tinha almoço na minha vó, a pessoa aqui começou a chorar...do nada! E chorava, e chorava e ninguém sabia o que era... e aquela confusão toda, aí eu falei que queria desfilhar. Aí eles: não... mas como assim, não pode...não sei o que tem...aí foram no... na escola, no barracão, ver se tinha fantasia ainda da bateria, aí tinha umas lá, que não tava sendo usada, minha mãe e minha vó ficaram a tarde inteira, é... adaptando ela pra mim...porque era número de adulto... Aí no domingo eu fui a primeira criança a desfilhar. Do lado do meu pai na bateria. Aí na segunda-feira não tinha desfile, aí na terça já veio o Jefferson e o filho do Zé Rui, que é o*

Renato. *Aí desfilaros nós três. Ai no ano seguinte, aí não parou mais né, aí já tinha uma... uma turminha. É, então foi mais ou menos assim. Ou seja, eu nasci lá dentro praticamente... é...e, só que na época não tinha esse lance de ala de criança, não tinha muita, não era comum criança desfilar. Então eu participava de tudo, de ensaio, tal...só que chegava no desfile eu ia assistir, entendeu? Que teoricamente era só pros adultos, né, digamos assim. Pois é, até que a pessoa se rebelou (risadas), e deu no que deu, né?! Foi isso.*

*Quanto à Samuca, então, meu pai é um dos fundadores da escola. Então...assim, eu tenho a idade da escola, por exemplo. A Samuca nasceu junto comigo ou eu nasci junto com ela, vai saber né... e aí então é isso, meu pai foi um dos fundadores, desde o começo. E desde o começo ele cuidava da bateria, dos instrumentos. Então assim, hoje eu sou músico profissional, eu acredito muito que até em função da Samuca mesmo, porque ali que eu comecei a ter contato com os instrumentos, eu fui crescendo junto com o meu pai arrumando os instrumentos, eu ia ali brincando junto, aprendendo fuçando aqui e ali, e tal...e aí assim, hoje eu vivo disso né, e eu falo até que assim, hoje eu faço um trabalho lá de escolinha, de...de coisas neste sentido até muito de repente, por...por gratidão assim, pra tentar, é, recompensar aquilo que eu acabei, assim, sendo né...tipo músico, vivo disso, mas acho que, acredito que foi muito em função dessa infância ali no meio, entendeu?*

*Sobre a fundação da Samuca, é que então, na verdade eram... é um grupo assim...realmente assim, a gente fala que a Samuca é uma família, assim como a UVA também é...e é verdade, porque assim, no começo era meu pai, o pai do Jefferson, que é meu primo...então o pai do Jefferson é primo do meu pai... hoje é falecido né...e aí assim, o pessoal que hoje participa do Escudo Azul, por exemplo, mas não aquela orquestra que a gente vê (risadas). É um grupo de samba que tem hoje só dos...dos mais antigos. O núcleo do grupo é dos mais antigos da Samuca. E aí assim, só que são...eles não vivem disso, são médicos, engenheiros, pararáparará...e aí eles se reúnem pra tocar, e hoje eles tocam assim só por filantropia assim, sabe? Tipo, eles não cobram um tostão, então onde tem, por exemplo, GAAC, sabe?! Mc Dia Feliz tal, eles vão só pra brincar, pra se divertir, entendeu? O núcleo do Escudo Azul é mais ou menos o pessoalzinho que também ajudou a fundar a Samuca. Então que eram primo de um, primo do outro, parente, amigo, tal...e na época todos jovens, eles gostavam de...de se reunir, hoje em dia, como se fosse pra fazer pagode, que a gente fala né... mas era pra tocar em aniversário, não via a hora de ter aniversário pra todo mundo se reunir e ir lá tocar...um levava o violão, outro levava o pandeiro...*

*Por isso que eu falei que deve ser muito parecido porque sempre que tem esse núcleo de família, a história é mais ou menos a mesma né?! Então aí eles se reuniam em aniversários, festa aqui e ali pra brincar, tal... até que na época eles, é...a maioria todos jovens, eles faziam faculdade, então aí eles montaram um bloco no carnaval que chamavam 'Os vestibulandos' que*

era só pra se reunir pra sair brincando, entre aspas né... e aí foi assim, eles ficaram quatro anos desfilando como bloco só que daí, lógico, naturalmente a coisa vai tomando uma proporção maior né...e até que em 75 eles resolveram formar, transformar o bloco em uma escola de samba. E foi assim, foi bem família mesmo e... foi naturalmente...não foi nada assim imposição, ou assim da noite pro dia: "Não, vamos formar uma escola de samba!"...não sabe? Foi natural e como foi tendo adeptos, assim pra esta brincadeira de rua, tal, pra esse bloco, foi se transformando em uma escola de samba. Foi isso. E por exemplo, minha mãe também participava daí na época e, quando foi esse ano de transição pra virar escola de samba, minha mãe tava grávida de mim e aí ela assim, ela foi as quatro noites no salão pra se lembrar...acho que na semana seguinte...É, na semana seguinte, ou na quinta-feira assim, do carnaval, pós carnaval, "quinta-feira de cinzas"...é, eu nasci. Ela tava as quatro noites no salão, no Ginástico. Então era um pessoal que gostava mesmo, fazia por curtição. E aí a gente assim, é...em casa meu pai é um dos que também gosta de guardar material, assim por exemplo, então eu tenho fotos de toda essa época, eu tenho acho que cinco álbuns de fotos da história da escola, assim sabe? Então tem álbum, tem fotos até dessa época que era bloco, antes de ser escola. Fotos desse grupo lá no ginástico assim...e aí a gente fala que, uma das fotos lá, a gente fala que de repente foi a primeira aparição oficial da Samuca no Ginástico, por exemplo, que aí já não era bloco, mudou pra escola de samba. Eles tavam tal, com as camisetas escrito Samuca tal... é toda a história... O que você precisar em termos de fotos ou coisa do tipo...vídeo. Quando a gente começou, na época assim essa historinha tipo, minha com o Jefferson assim...eu falo na época porque hoje está meio tumultuado, mas não precisa ir pra entrevista isso. (risadas) A gente cresceu juntos, é...estudou juntos desde o pré, assim sabe, eu e ele. E aí então a gente sempre foi muito ligado, hoje em dia não mais. Hoje em dia realmente a ligação tá única e exclusivamente pela escola, assim né, a gente acaba se falando muito de vez em quando, e quando é assunto voltado pra escola, sabe? Deu uma tumultuada por N motivos que depois se você quiser eu até falo que não tem problema. Mas quando a gente começou essa revolução assim com a Samuca esses tempos atrás, que até então, eu peguei e entreguei pra ele...eu virei pra ele e falei assim: "Primeira coisa, vamos recolher o máximo de fitas de vídeos que a gente puder da escola!" Então eu tenho quase que todos os carnavais da escola, em casa. Alguns em fita de vídeo, alguns já em DVD... tal. E eu fui no Arquivo Municipal, fiz uma pesquisa de mapas de notas de carnaval, desde a primeira vez que saiu no jornal assim as notas das escolas, tal...quando já tinha quesito, sabe? Não a nota final assim, tal escola campeã...não. Quando tinha quesito por quesito, eu levantei essa pesquisa para saber quais eram os pontos mais falhos da escola, até então, da Samuca. E aí assim, quando a gente começou com isso tudo, principalmente eu assim, comecei a bater em cima destes quesitos. A gente fez um trabalho desse tipo fomos atrás de informações relacionadas a cada quesito. A

gente é suspeito, assim como vocês são com a UVA, mas nada é por acaso...a gente foi quesito por quesito, correndo atrás, e pesquisando, e batalhando pra...enfim, pra poder apresentar o que tá sendo hoje, assim...

O tempo que ficou parado o Carnaval em Rio Claro não ajudou a Samuca, muito pelo contrário, prejudicou demais...e assim, não digo só a Samuca mas, principalmente...geral. Uma vez, pra DROPS, pra revista lá, eles fizeram uma matéria sobre o carnaval, tal...e eu dei um depoimento lá, e eles até aproveitaram...que no meu ponto de vista, eu acho que Rio Claro era pra ser, em relação ao Carnaval assim como Barretos é pra Festa do Peão. Se lá atrás, na década de 80, teve um auge, não sei o que, tal, tivesse um pouquinho de apoio político, coisa que infelizmente Rio Claro não tem, em nenhum setor, muito menos turismo e carnaval...é, se tivesse um pouquinho de apoio, nossa, o carnaval era pra tá hoje mas muito maior, sabe? Realmente reconhecido pela região inteira, até no Brasil, porque na década de 80, Rio Claro chegou a ser o terceiro maior carnaval do Brasil né...só perdia pro Rio de Janeiro e pra São Paulo. Carnaval de escola de samba. Era Rio de Janeiro, São Paulo, e depois era Rio Claro. Através de revistas da época, tal, especializadas que citaram isso, entendeu? Mas aí assim, não tem apoio, e até hoje a gente desfila por uma avenida de curva, aí...Carro alegórico você tem que fazer até a medida do semáforo, porque senão não passa, sabe, uns absurdos que se você parar pra pensar: 2011. Meu, não era pra ter isso há muito tempo já, entendeu? Então, acho que só prejudicou. Esse tempo parado, até você reunir o pessoal outra vez...tem uma faixa etária assim, não só da Samuca, mas de todas as escolas, que desacostumaram a ficar na cidade pra participar dos desfiles ou pra participar do Carnaval na cidade, nos salões, nos blocos...então de repente com essa a paralisação, muita gente começou a viajar...Aí hoje em dia o pessoal já tá vinculado a todo carnaval a ir pra praia, ou pra ir pra tal lugar, então, muito por conta dessa paralisação, com certeza. E isso, é...naturalmente as coisas, pode ver, ano a ano, falando das escolas de samba...ano a ano as escolas vão se estruturando mais, né?! Se parar pra pegar o carnaval de 2006 com o carnaval que foi esse ano, meu...a diferença é brutal. Então imagina se não tivesse parado...né?! No meu caso específico, que eu lido mais ali com a bateria da escola, eu falo o seguinte: em 2006, primeiro ano meu, assumidamente, à frente da bateria, a gente criou por exemplo 5 'breaks', 5 paradinhas, evoluções com a bateria. 2007, a gente foi pra 8, 9...por quê? Porque eu criei 3 ou 4 a mais, só que mantive as que eu fiz o ano passado, entendeu? Então, assim...hoje a gente tem uma gama maior de variações de ritmo, de 'break' e tal, que a cada ano a gente tenta criar alguma coisa, mas sempre lembrando de coisas passadas. E eu falo por exemplo, você pega baterias de São Paulo e Rio de Janeiro, você vê aquele monte de coisa que eles fazem, e tal, e aí você fala: "Pô, como é que faz isso assim?". É porque é gradativamente, é uma evolução. Não é da noite pro dia que eles fazem tudo aquilo lá que a gente vê, entendeu? E lógico que com os outros quesitos é a mesma coisa,

*casal de Mestre-sala não nasce já adulto bailando daquele jeito, não. Tem que passar por uma escolinha, de tanto a criançada ver, vai gostando, tal...Esse ano a Samuca saiu com 4 ou 5 casais mirins porque a criançada vai lá, veem eles dançando e fica querendo. Tem uma menininha que faz dois anos já, meu, ela é desse 'tamanhozinho', acho que tem uns 5 ou 6 anos, já fazem 2 anos que ela vai pro ensaio da bateria da Samuca com uma bandeirinha assim, que ela fez, com a mãe dela... Ela pegou e desenhou um golfinho assim, e aí ela vai com a bandeirinha, põe assim na cintura e fica lá assim...*

*Mas é isso...então quer dizer, de tanto ver, de tanto tá ali participando e vendo, que vai tendo uma evolução e vai...a coisa...a gente volta na sua pergunta: uma parada é sempre prejudicial, totalmente...no caso da escola de samba não tenha dúvida nenhuma. E do carnaval em si também, lógico, imagina a estrutura que a prefeitura tá dando em relação aos anos anteriores, só foi em traços, melhorando no que podia também né...e foi coisa que, a logística por exemplo do lugar, que não tem o que fazer...se continuar lá não tem o que fazer. Mas é isso, aí é natural."*

Ricardo Barros pertence à escola de samba *Samuca* desde que nasceu, em 1975, e desde 2006 é o mestre de bateria. Seu pai foi um dos fundadores da escola e já era integrante da bateria, além de ajudar a arrumar os instrumentos quando necessário. Sua mãe, também era uma exímia foliã que pulou os quatro dias de carnaval no salão do clube com nove meses de gravidez, ou seja, Ricardo já pulou o carnaval antes mesmo de chegar ao mundo.

No decorrer de sua entrevista é visível a paixão que ele tem pela sua escola, mas ao mesmo tempo o respeito que tem pelas concorrentes. Como ele cita durante a entrevista, as histórias de formação das escolas de samba de Rio Claro são bastante parecidas, e aqueles que participam da essência da agremiação têm profunda consideração pelos adversários, pois sabem da relação que um carnavalesco pode ter com sua escola de samba.

Ricardo, após contar histórias da escola e de seu envolvimento ao longo dos anos, termina a entrevista falando das suas expectativas para o carnaval rio-clarense. Ele acha que o carnaval de Rio Claro tem grande potencial para atrativo turístico regional, que deve ser explorado. Contudo, para que isso aconteça, a prefeitura precisa dar mais apoio para que o carnaval possa expandir e engrandecer: principalmente construindo um local adequado para o desfile das escolas de samba.

Cons Para finalizar, podemos analisar todos esses pontos em conjunto: origem das escolas de samba, envolvimento dos foliões, financiamento, evolução do carnaval, atrativos do carnaval. Podemos perceber que tudo gira em torno das transformações ocorridas na linha do tempo do carnaval rio-clarense. As escolas de samba originam-se do envolvimento dos foliões com o samba, com os blocos, com os carros alegóricos. Envolvimento esse, que com o passar dos anos, cresce ou diminui, de acordo com o rumo que o carnaval vai tomando e as evoluções que vai sofrendo. O carnaval como pôde ver, nunca é o mesmo por muitos anos, e nunca é o mesmo para diferentes pessoas. Os diferentes modos de viver o carnaval é que traçam a história do mesmo e seus diferentes atrativos. Os distintos pontos de vista é que enriquecem a evolução e crescimento do festejo. O apoio e financiamento da prefeitura ajudam na compra de materiais e fornecimento de infra-estrutura, apesar de não ser o ponto principal da realização da festividade.

Nas entrevistas realizadas é possível perceber essa dedicação (por que não dizer, exemplar) que os carnavalescos devem ter para com a sua escola. Os dias de Momo são tomados de diversão, mas também de muito trabalho. Contudo, nota-se nos relatos que os entrevistados têm prazer em realizar tal tarefa para a sua escola, que o esforço despendido torna-se uma atividade de lazer. O lazer é visto como atividades executadas no tempo disponível de um indivíduo depois de cumprir com suas diversas esferas de obrigações, porém muitas vezes a obrigação e o prazer de executar tal tarefa podem estar relacionados, criando um momento de lazer dentro dos compromissos. No caso dos adeptos das escolas de samba, pode-se dizer que estes integram e aproveitam seu tempo de lazer dedicando-se a algo que consiste em trabalho, mas que lhes é prazeroso e lhes traz satisfação. Assim como afirma uma entrevistada, gerente do SESC, ela tira folga do serviço para ajudar no carnaval, pois isso a realiza. Ela ainda conta que espera ansiosamente a hora da aposentadoria para poder, então, fazer o que realmente gosta, que é estar no antro carnavalesco.

A cada ano que passa o carnaval rio-clarense fica mais grandioso, visando ao espetáculo. Para alguns isso é bom, para outros isso é ruim. José Carlos Baumgartner, por exemplo, enfatiza que houve grandes transformações durante os anos, mas que estas não são necessariamente ruins, podem perder um pouco da essência, mas ao mesmo

## Considerações finais

O carnaval de Rio Claro é um festejo que a cada dia vem tomando maiores proporções. Ele passou por modificações e transformações ao longo das décadas e sua evolução dá-se a cada ano. Antigamente, seus carnavais eram baseados nas competições de carros alegóricos, de cordões, de bailes. Com o crescimento anual, a faceta da festa foi modificando-se e tornou-se o que é hoje, um carnaval de escolas de samba, com comemoração mais amadurecida.

Antigamente os foliões divertiam-se tais como se divertem hoje, contudo, a organização do carnaval era baseada mais no improviso. Nos tempos atuais, o carnaval requer infraestrutura e organização bem elaborada. Principalmente no desfile de escolas de samba, o tempo é cronometrado, existe um roteiro e cronograma a serem seguidos; regras a serem cumpridas. Nada nesse modelo de carnaval consiste na bagunça e desordem, muito pelo contrário.

Nas entrevistas realizadas é possível perceber essa dedicação (por que não dizer, exemplar) que os carnavalescos devem ter para com a sua escola. Os dias de Momo são tomados de diversão, mas também de muito trabalho. Contudo, nota-se nos relatos que os entrevistados têm prazer em realizar tal tarefa para a sua escola, que o esforço despendido torna-se uma atividade de lazer. O lazer é visto como atividades executadas no tempo disponível de um indivíduo depois de cumprir com suas diversas esferas de obrigações, porém muitas vezes a obrigação e o prazer de executar tal tarefa podem estar relacionados, criando um momento de lazer dentro dos compromissos. No caso dos adeptos das escolas de samba, pode-se dizer que estes integrantes aproveitam seu tempo de lazer dedicando-se a algo que consiste em trabalho, mas que lhes é prazeroso e lhes traz satisfação. Assim como afirma uma entrevistada, gerente do SESC, ela tira folga do serviço para ajudar no carnaval, pois isso a realiza. Ela ainda conta que espera ansiosamente a hora da aposentadoria para poder, então, fazer o que realmente gosta, que é estar no antro carnavalesco.

A cada ano que passa o carnaval rio-clarense fica mais grandioso, visando ao espetáculo. Para alguns isso é bom, para outros isso é ruim. José Carlos Baungartner, por exemplo, enfatiza que houve grandes transformações durante os anos, mas que estas não são necessariamente ruins, podem perder um pouco da essência, mas ao mesmo

tempo trazem inovações. Ricardo Barros também compartilha da opinião de que transformações são a chave para o crescimento do carnaval na cidade. Já Gersão, fica um tanto chateado quando pensa que os sambas e carnavais de outrora não são mais os mesmos. Os que são contra as mudanças alegam que o carnaval não possui mais a essência da cidade, não é mais autêntico como era antigamente quando os moradores de Rio Claro faziam toda a festa. Contudo, quem é a favor defende que, mesmo que agora seja mais uma indústria de entretenimento, quem iniciou o carnaval de Rio Claro, fez desse jeito e por isso continua até hoje. Mesmo modificado, traz consigo marcas da cidade e ainda atrai turistas da região, valorizando o município.

Com os depoimentos coletados, evidencia-se que o turismo regional está crescendo na cidade por causa do carnaval, por causa do desfile das escolas de samba. Como a apresentação vem inovando a cada ano, os turistas vão também se interessando mais. O carnaval de Rio Claro, como visto no presente trabalho, já possui uma história com diferentes experiências, algumas de fracasso, mas muitas de sucesso. Essa história, se bem contada e valorizada, traz mais benefícios para a cidade, como atrativo turístico. Pode, ainda, fazer referência ao carnaval atual, convidando o visitante a esperar pelo resultado que a cidade apresenta hoje em dia, após anos de evoluções.

Rio Claro, com o potencial apresentado na pesquisa e observações etnográficas, deve investir no carnaval como um atrativo turístico regional. A festa popular, principalmente por causa da sua relação com os moradores e seu crescimento, pode ser considerada um patrimônio imaterial para a cidade, e pode constituir-se em uma valiosa fonte de capital para a cidade. Logicamente, a prefeitura, mais especificamente a Secretaria de Turismo, também deve preocupar-se com a infraestrutura para receber uma maior demanda turística, pois a atual não se adequaria. Porém, se bem planejado, o turismo pode ser muito benéfico para um município, ainda mais quando a maior potencialidade já foi identificada.

Com relação às hipóteses, as duas foram corroboradas: a primeira que o carnaval de Rio Claro sofreu transformações ao longo dos anos devido aos próprios moradores que perpetuaram a cultura e inseriram novas tecnologias, e segunda de que os moradores têm forte relação com o carnaval da cidade. Com o passar dos anos, o carnaval em Rio Claro só tem crescido e ganhado mais adeptos. De acordo com

depoimentos coletados e registros analisados, percebe-se que o carnaval de antigamente não segue os mesmos moldes do carnaval de hoje. A cidade tem valorizado seu carnaval e isso se deve em grande parte aos moradores foliões, pois é nítido em seus relatos a ligação que eles têm com o festejo. Falam do carnaval, muitas vezes, como um próprio membro da família. Com o empenho daqueles que sempre acompanharam a festa rio-clarense, os que normalmente assistiam começaram então a se interessar pela participação. Quando a pessoa passa a vivenciar o dia-a-dia do carnaval, e não somente nos dias que antecedem à Quaresma, ela começa a identificar-se e a atrair ainda mais integrantes. Foi o que aconteceu durante a história do carnaval de Rio Claro; o número de participantes crescia a cada ano, por mais que o modelo de brincar o carnaval modificasse. Com mais participantes, o carnaval vai naturalmente mudando de forma. Seja por causa da grande participação que pede mais espaço, seja por causa das novas idéias e opiniões que surgem a cada novo integrante.

Nisso entra a preservação da memória em relação aos moradores. De acordo com as entrevistas, os moradores têm ainda muito da vivência deles guardado na memória e contam com entusiasmo suas experiências. Entretanto, mesmo eles lembrando claramente e com saudade, sabem que não é mais possível voltar. Por isso a memória permanece no pensamento, mas não nas atitudes do folião. Apesar dos moradores recordarem extremamente bem das atividades carnavalescas do passado, o carnaval já não é mais o mesmo; já não comporta o mesmo estilo de festa e eles têm consciência disso.

Portanto, percebe-se que a pesquisa conseguiu atingir os objetivos propostos. Conseguiu resgatar a história do carnaval na cidade através de relatos, depoimentos, além do material de mídia, que colaborou fazendo acontecimentos imortalizarem-se em registros datilografados e, assim, guardarem-se por gerações.

Foi possível identificar elementos que compõem a memória do carnaval. Evidentemente, a maioria dos elementos que compõem a memória de cada indivíduo assemelham-se e, por isso, tornam-se elementos da memória do carnaval na cidade. Nos relatos aparecem insistentemente a época dos carros alegóricos, dos bailes nos clubes, das escolas de samba, enfatizando quem mesmo com os movimentos separatistas de antigamente, foliões de todas as idades e raças pulavam o carnaval.

O trabalho propiciou também avaliar a imagem que os moradores da cidade têm do carnaval. Nota-se que os moradores têm consciência de que o carnaval pode causar efeitos benéficos na cidade. Como a história do carnaval rio-clarense é antiga, os moradores já se identificam com ela e acham prejudicial o tempo em que houve paralisação no carnaval. Para eles, o carnaval já faz parte da história do município, do calendário de eventos da Cidade Azul.

Pode-se analisar e identificar os recursos culturais do objeto de pesquisa. Os recursos culturais são aqueles elementos que remontam uma experiência, ou uma relação, neste caso entre o morador e a festa. Já foram citados acima alguns elementos essenciais analisados na pesquisa, contudo, as escolas de samba podem ser vistas hoje como o maior elemento a ser tratado como recurso cultural atualmente na cidade. O festejo teve diversos protagonistas ao longo dos anos, mas hoje em dia predominam as escolas de samba.

Verificar se houve mudança entre o carnaval de antigamente e o atual era o maior objetivo da pesquisa, além do resgate da história. Contudo, para que essa mudança pudesse ser analisada, era necessário um resgate de toda experiência carnavalesca, pois sem o princípio não teria como avaliar se houve mudanças em relação ao final. Durante toda a pesquisa pode-se perceber que houve muitas mudanças. Os moradores não sabem distinguir se essas mudanças foram maléficas ou benéficas, dizem apenas que ocorreram transformações. Quem estava acostumado a acompanhar a evolução não percebe a brutalidade de transformação. Presenciou a evolução aos poucos e, por isso, para essas pessoas a mudança foi gradativa. Quem não acompanhou ano a ano consegue mais facilmente identificar elementos que modificaram e ainda modificam. De qualquer modo, de ambas as maneiras, percebe-se que houve grandes mudanças entre os carnavais. Mas mesmo com essas mudanças, os valores centrais do carnaval rio-clarense não se perderam, apenas modificaram-se. Apesar de haver perdas em elementos secundários, sempre também há ganhos.

Ou seja, todos estes elementos e fatos históricos constituem o que é hoje o carnaval rio-clarense. Mudanças e evoluções são constatadas no meio do caminho, mas que continuam escrevendo a história de um carnaval do interior paulista. Consiste, pois, em uma festa não somente com um modo de comemoração, mas da combinação de

diversos modos, que se foram modificando e aperfeiçoando ao longo dos tempos. Assim como em qualquer empreendimento, há sempre um carro-chefe: na cultura popular de Rio Claro destaca-se o carnaval de escolas de samba. Com esse diferencial, a cidade pode explorar essa festa como um atrativo turístico em potencial crescimento e, por isso, a Secretaria Municipal de Turismo da cidade de Rio Claro já trabalha em conjunto com a Comissão Organizadora do Carnaval (COC) na época da folia. Seria necessário somente aprimorar este serviço e priorizar uma boa divulgação.

Paralelamente a esta melhoria nos serviços referentes às escolas de samba, a Secretaria de Turismo da cidade de Rio Claro, poderia criar ou reviver outros modos de comemorar o carnaval, para que os dias de Momo na cidade ficassem ainda mais completos de atrações. A Banda Esquina do Veneno que sai pelas ruas do centro toda sexta-feira carnavalesca, abrindo os dias de folia, poderia influenciar outros conjuntos musicais da cidade a saírem pelas ruas nos dias da festa carnavalesca, com suas músicas próprias. Desse modo, todos os dias da festa haveria trios pelas ruas de Rio Claro, difundindo a música regional carnavalesca. Mesmo os sambas de enredo rio-clarense antigos poderiam ser revividos em espaços na cidade que poderiam ser reservados para tal finalidade: um palco montado em uma praça seria uma opção.

Do meu ponto de vista, a cidade de Rio Claro tem uma cultura carnavalesca muito rica e viva no cotidiano dos moradores, mas essa cultura deveria ser mais bem preservada e propagada. Um Museu do Carnaval, ideia que está em projeto, seria um excelente caminho para perpetuar certos costumes e abrir espaço para novas ou revitalizadas maneiras de comemorar a festividade. Um sambódromo é algo que demanda tempo e investimento, porém é um pontapé para o crescimento do carnaval. A verba investida na montagem de arquibancadas todos os anos poderia ser revertida para ajudar a construção de um sambódromo, criando um símbolo da evolução carnavalesca de Rio Claro. As próprias escolas de samba da cidade, em parceria com a Secretaria de Turismo e possíveis patrocinadores, poderiam criar uma campanha de união entre as agremiações para arrecadação de fundos para a construção da passarela do samba rio-clarense. Essa arrecadação de fundos consistiria em eventos com a participação de todas as escolas, promovendo o carnaval de Rio Claro, e não somente cada grupo em particular. Essa parceria das escolas é deveras importante para o fortalecimento da festa,

já que derruba qualquer indício de rivalidade, deixando a competição apenas para o dia do desfile.

ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Além disso, esses eventos conjuntos podem ser o início de uma Liga das Escolas de Samba de Rio Claro, podendo também criar formas de festejo novas para o carnaval como por exemplo: desfile de setores das escolas de samba, mais simples que o oficial (sem carros alegóricos ou fantasias elaboradas), apresentando o tema, com pessoas vinculadas às diferentes agremiações, chamando novos foliões. Ou revigorando antigos costumes: crescimento e valorização dos blocos-escola como embrião de novas escolas de samba, e incentivo aos blocos-folia para divertimento da população; valorização dos bailes em salão, com, temas diferentes a cada ano e prêmios para fantasias.

Com o presente estudo pode-se valorizar um festejo tipicamente brasileiro, de uma cidade paulista interiorana. O festejo é registrado por jornais desde a década de 1930, e nunca houve um projeto de pesquisa voltado para tal na cidade rio-clarense. Devido à riqueza de sua cultura carnavalesca e as inovações que constantemente vêm surgindo, abrem-se aqui caminhos para novas pesquisas sobre o carnaval na cidade. Futuros projetos, diferentes visões e vivências ainda podem ser descobertas, exploradas e debatidas. Fica então, junto com a conclusão deste trabalho, mais questionamentos a respeito da construção dessa história, da identidade cultural e do envolvimento com moradores, enfocando outros aspectos (como carnavais nos blocos, nos carros alegóricos, nos salões de clubes) a serem aprofundados, para enriquecerem a trajetória do carnaval de Rio Claro.

DUMONT, Sílvia. *O Brasil em festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p.66-67

FERREIRA, F. *O livro de ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FIGUEIREDO, A. M. L. *A Função Turística do Patrimônio: questionamentos sobre a ideia de sustentabilidade do turismo cultural*. Rio de Janeiro: UFRJ. *Caderno Vernal de Turismo*, v. 5, n. 4, p. 43-49, 2005. Disponível em: <<http://redalyc.usmex.mx/redalyc/pdf/1154/115416146006.pdf>> acessado em 27 de Junho de 2011.

## Referências Bibliográficas

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ANDRADE, M. Qual o bairro berço do samba? **Rio, Samba & Carnaval**. Rio de Janeiro, n.34, p. 116-121, 2005.
- ANDRÉ, M. E. A. **Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou convergência?** São Paulo: Faculdade de Educação-USP, 1991. Cadernos CERU, n. 3, série II.
- BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao estudo do turismo**. 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2003. Coleção Turismo. Disponível em:  
<[http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=i1aAnj\\_QQPIC&oi=fnd&pg=PA7&dq=turismo+movimenta+economia&ots=EFUKUaSSSg&sig=px3->](http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=i1aAnj_QQPIC&oi=fnd&pg=PA7&dq=turismo+movimenta+economia&ots=EFUKUaSSSg&sig=px3->)> acesso em 02 de fevereiro de 2012.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2003.
- BIANCHI, N.; PRETOLA, D. & MACHADO, M.D. Apoteose do samba. **Gente: Fatos e Fotos**. Rio de Janeiro, n. 1.177, 17 mar. 1988.
- BORDNAL, S. A. **Nos talhões dos canaviais: a narrativa de uma história em construção**. Franca: Unesp, 2011. Disponível em:  
<[http://www.franca.unesp.br/posservicosocial/SIMONE\\_ALBIERI.pdf](http://www.franca.unesp.br/posservicosocial/SIMONE_ALBIERI.pdf)> acesso em 07 de junho de 2011.
- BRANDÃO, H. Quando é o carnaval? **Revista de Carnaval**. Rio de Janeiro, ano II, n.2, p.24-26, 1998.
- DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DUMONT, Sílvia. **O Brasil em festa**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000 p.66-67
- FERREIRA, F. **O livro de ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- FIGUEIREDO, A. M. L. **A Função Turística do Patrimônio: questionamentos sobre a idéia de sustentabilidade do turismo cultural**. Rio de Janeiro: UFRJ. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 4, p. 43-49, 2005. Disponível em:  
<<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1154/115416146006.pdf>> acessado em 27 de Junho de 2011.

FIGUEIREDO, S. L. **Espaços de Cultura nas Cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação.** In: FIGUEIREDO, S. L. (org.). Turismo, lazer e planejamento urbano e regional. Belém: NAEA, 2008.

FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2ª ed., 2006.

GALVÃO, W. N. **O som do samba: Uma leitura do carnaval carioca.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

GERSÃO. **Gersão: depoimento** [20 mai. 2011]. Rio Claro, 2011. CD-ROM. Entrevista concedida ao Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro 'Oscar Arruda Penteadó'.

GUIMARÃES, F. P. **O samba em pessoa: narrativas da Velha Guarda da Portela e da Império Serrano.** São Paulo: FFLCH - USP, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11072011-152644/pt-br.php>> acesso em 08 de Janeiro de 2012.

GÜNTHER, H. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão?** Brasília: UnB, v.22, n.2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>> acesso em 08 de Janeiro de 2012.

HENRIQUE, C. Grêmio Recreativo Novidade Todo Ano. **Rio, Samba & Carnaval.** Rio de Janeiro, n.34, p. 57-59, 2005.

HOBSBAWN, E. **Introdução: A invenção das tradições.** In: HOBSBAWN, E. & RANGER, T. (org.). A invenção das tradições. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HÖFLING, I. B. **Cadernos Azuis: Rio Claro, Capital da Alegria...** Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro 'Oscar Arruda Penteadó', 2006.

KÖHLER, A. F. Autenticidades: origens e bases da discussão em turismo. **Revista Eletrônica Turismo Visão e Ação**, v. 11, n. 3. p. 282 – 303, set/dez. 2009. Disponível em: <[www.univali.br/revistaturismo](http://www.univali.br/revistaturismo)> acesso em 15 novembro de 2010.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** 3ª Ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGE, B. H. G. & LEITE, E. **Patrimônio Imaterial e Recursos Culturais no Brasil - ENSAIOS.** In: IV Congresso História e Estética da Arte - Arteconhecimentos, 2006, São Paulo. História e Estética da Arte, anais do evento, p. 49-56. São Paulo : USP, 2006.

LEITE, E. & MARQUES, J. **Patrimônio Histórico: Turismo Cultural e a Interface com a divulgação digital.** In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Livros eletrônicos de resumo do evento. São Paulo: EACH-USP, 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1291-5.pdf>> acesso em 21 de novembro de 2010.

MAGALHAES, V. B. **O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória.** 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 271 p.

- MARCELLINO, N. C. (org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.
- MEDEIROS, A. Uma história de seis mil anos. **Revista de Carnaval**. Rio de Janeiro, ano II, n.2, p.42-43, 1998.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MEIHY, J. C. S. B. **Augusto e Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MELLO, D. **Empresários do turismo dizem que lucros são menores com carnaval no início de fevereiro**. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/02/08/materia.2008-02-08.5173003848/view>> acesso em 18 de novembro de 2010
- PELEGRINI, S. C. A. & FUNARI, P. P. **O que é: Patrimônio Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção Primeiros Passos.
- PEREIRA, C. T. Ci. & TAVARES, C. **História: Ensino Fundamental.4ª série/5º ano**. São Paulo: Rede Salesiana de Ensino, 2007
- PEREIRA, F. A. de S. **19º Bate-papo Cultural – comunidade negra em Rio Claro nos anos 1930 a 1960**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro 'Oscar Arruda Penteadó'. 15 jul. 2010. DVD-ROM.
- PEREIRA, F. A. de S. **Organizações e espaços da raça no Oeste Paulista: Movimento negro e Poder local em Rio Claro (dos anos 1930 aos anos 1960)**. São Carlos: UFSCar, 2009. Disponível em <[http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/24/TDE-2009-12-02T145323Z-2698/Publico/2642.pdf](http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/24/TDE-2009-12-02T145323Z-2698/Publico/2642.pdf)> acesso em 22 de Dezembro de 2012.
- PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo: Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense**. Rio de Janeiro, v. 1. n 2, p. 59-72. 1996.
- QUEIROZ, M. I. P. de. **Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ROSSI, D. R. **A formação das relações topofílicas a partir do ambiente escolar**. 2009. Disponível em <[http://egal2009.easyplanners.info/area03/3226\\_Raifur\\_Rossi\\_Darlane.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area03/3226_Raifur_Rossi_Darlane.pdf)> acesso em 04 de fevereiro de 2012.
- SAKAGUSHI, N. F. **Trabalho no exterior: Arubaito como meio de conhecer o Japão**. São Paulo: USP, 2011.
- SCHLÜTER, R. G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2001.
- SIMSON, O. R. De M. (org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_, **Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano 1914-1988**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SMITH, J.K. & HESHUSIUS, L. **Closing Down the Conservation the End of the Quantitative-Qualitative Debate**. Educational Researcher, 1986.

SOUZA, W. R. S. de. & CRIPPA, G. Limites e contribuições da história oral: a memória e a história nas intersecções entre o individual e coletivo. **Saeculum - Revista de História**. João Pessoa, n.23, jul/dez. 2010. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum23\\_dos06\\_souza-crippa.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum23_dos06_souza-crippa.pdf)> acesso em 03 de fevereiro de 2012.

TORRES, C. Legislação do turismo e da restauração e bebidas. **Turisver**, ano XXII, n. 676, 20 mar.2007. Disponível em: <<http://carlosmtorres.blogspot.com/2008/01/o-conceito-de-turismo.html>>

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIGO, L. G. G., PANOSSO, A. N. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. São Paulo: Aleph, 2003.

TRIGO, L. G. G. & NETTO, A. P. **Cenários do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO, 2003.

XEXÉO, A. O fim da ala dos invasores. **Revista de Carnaval**. Rio de Janeiro, ano II, n.2, p.40, 1998.

### **Periódicos consultados**

Artistas projetam o Carnaval da capital da alegria. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n. 2, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval, p. 6.

AUGUSTO, Emerson. 28 anos de folia em “dois dedos de prosa”. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n. 2, 02 mar.2011. Especial de carnaval, p. 24-26

BLOCOS. **A irreverência ganha espaço na Avenida Visconde do Rio Claro**. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial Carnaval, p.26-27.

Blocos e o resgate à tradição dos cordões. **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval “1 de ouro”, p. 14.

CLUBES. Diversão nos dias do Reinado de Momo. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial de Carnaval, p.28.

Curiosidades. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial Carnaval, p.24-25.

DA DIVULGAÇÃO. Grasifs lança tema-enredo do Carnaval 2012 nesta sexta-feira. **Jornal Cidade online**. Rio Claro, 27 mai.2011. Disponível em: <http://jornalcidade.uol.com.br/rioclaro/intervalo/carnaval/76587-Grasifs-lanca-tema-enredo-do-Carnaval-2012-nesta-sexta-feira> acesso em 13 de agosto de 2011

DA REDAÇÃO. Grêmio tem salão lotado no último dia de folia. **Jornal Cidade**. Rio Claro, ano LXXIII, n. 23.008, p.14, 07 fev.2008.

Décadas de Alegria...e o sonho virou realidade! **Jornal Cidade**. Rio Claro, n.1, 11 fev. 2010. Especial Carnaval.

Editorial. **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, ano 96, n.27.494, p.2, 17 fev. 1983.

Equilíbrio entre as escolas deixa disputa mais acirrada. **Jornal Cidade**. Rio Claro, ano LXII, n.19.262, 23 fev. 1996. Caderno Intervalo, p.7.

Memórias e Histórias. **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, 02 mar.2011.Especial de Carnaval "1 de ouro", p. 19.

Na sua visão, Rio Claro deve investir na construção de um Sambódromo? **Jornal Cidade**. Rio Claro, ano LXXVI, n. 23.804, 08 mar.2011. Opinião Pública, p. A-2.

O carnaval no grêmio. **Jornal Cidade de Rio Claro**. Rio Claro, p.3, 8 fev. 1956.

SALLES, Rodrigo. Radar Cultural: Carnaval de RC é maior do que a avenida. **Jornal Cidade**. Ano LXXVI. Ed. n. 23.802, Rio Claro, 05/mar/2011. p. A-3.

Samuca é outra vez a grande campeã! **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, ano XCIV, n. 26.906, p.1, 05 mar. 1981.

Sonorização na Visconde será a grande inovação para 89. **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, ano CI, n. 451, p.3, 18 fev.1988.

Vem quem quer do jeito que quiser. **Jornal Cidade**. Rio Claro, n. 2, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval, p. 12.

Tudo Pronto. A organização que faz o Carnaval ser mais que especial. **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, 02 mar. 2011. Especial de Carnaval, p. 4.

Uma organização gigantesca - a ópera popular recebe atenção especial. **Diário do Rio Claro**. Rio Claro, 11 fev. 2010. Especial de Carnaval "1 de ouro", p. 6.

### *Websites consultados*

**Blog Oficial Escola de Samba UVA**. Disponível em <http://escoladesambauva.spaces.live.com/default.aspx?sa=301210646> acesso em 16 de novembro de 2010

**Carnaval: história e atualidade**. Editorial Barsa Planeta, Inc. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/Cidadania/Dicas/carnaval1.html> acesso em 17 de novembro de 2010.

RIO CLARO, Prefeitura de. **História de Rio Claro**. Disponível em:  
<<http://www.rioclaro.sp.gov.br/conheca/historia.php>> acesso em 06 de Janeiro de 2012.

**Site Oficial Escola de Samba A Casamba**. Disponível em:  
<<http://www.acasamba.com.br/>> acesso em 13 de agosto de 2011.

**Site Oficial Escola de Samba Samuca**. Disponível em: <  
<http://www.escoladesambasamuca.com.br/>> acesso em 13 de agosto de 2011.

**Site Oficial Escola de Samba Unidos da Vila Alemã (UVA)**. Disponível em  
<[www.escoladesambauva.com.br](http://www.escoladesambauva.com.br/)> acesso em 13 de agosto de 2011.

VISITE RIO CLARO. **Tradição e história no Carnaval de Rio Claro**. 2008.  
Disponível em: <  
<http://www.visiterioclaro.com.br/interna.php?idm=10&coract=1&mat=152>> acesso em  
20 de junho de 2011.

#### CARTA DE CESSÃO

Autorizo que minha entrevista gravada em / / seja arquivada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e que uma cópia da mesma fique sob os cuidados de Débora de Freitas Baumgartner, em formato gravado e escrito.

Autorizo também que minha entrevista seja utilizada para fins de publicação, por Débora de Freitas Baumgartner.

Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

## Apêndice

### *Modelo da Carta de cessão*

Rio Claro, de de 2011

#### CARTA DE CESSÃO

Eu, \_\_\_\_\_,  
autorizo que minha entrevista gravada em / / seja arquivada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e que uma cópia da mesma fique sob os cuidados de Débora de Freitas Baungartner, em formato gravado e escrito.

Autorizo também que minha entrevista seja utilizada para fins de publicação, por Débora de Freitas Baungartner.

Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

\_\_\_\_\_